



Lazer comunitário: famílias e comunidade em rede

VOC
AÇÃO.

VOCÊ
EM
AÇÃO.

Comunidade em rede: o lazer comunitário e o trabalho social com as famílias

INICIATIVA

FINANCIAMENTO PARCIAL PROJETO FUMCAD JOVENS EM AÇÃO



Conselho Diretor

DIRETOR-PRESIDENTE

Martin Mitteldorf

DIRETOR VICE-PRESIDENTE

Luiz Alberto Zanoni

DIRETOR FINANCEIRO

Fernando Dias

DIRETOR ADMINISTRATIVO

Luiz Whately Thompson

DIRETORA DE MARKETING

Luciana Linhares Ferro Izzo

DIRETORA

Andrea Maria Ramos Leonel

Conselho Consultivo

PRESIDENTE

Rodrigo Mauad Gebara

VICE-PRESIDENTE

Alexandre Médicis da Silveira

VICE-PRESIDENTE

David Jafet Neto

VICE-PRESIDENTE

Marcelo Meirelles de Lucca

Conselho Fiscal

PRESIDENTE

Paulo S. Bravo de Souza

CONSELHEIRO

Daniel Mauad Gebara

CONSELHEIRO

Richard C. Overgoor

SUPLENTE

Eid Mansur Filho

SUPERINTENDÊNCIA

Celso Luiz Teani de Freitas

GERÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO INTEGRAL E COMUNITÁRIO

Milton Alves Santos

GERÊNCIA DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS

Josmael Castanho

GERÊNCIA DE MOBILIZAÇÃO DE RECURSOS E CAPACITAÇÃO PARA O TRABALHO

Anadelli Soares Braz

Equipe Técnica Vocação

PESQUISADORA

Paula Caroline de Oliveira Souza

ANIMADORES SOCIOCULTURAIS

Cristopher Araújo

Jean Mello

Rafaela Peres

EDUCADORES SOCIOCULTURAIS

Alexandre Silva Oliveira

Arabelle Hadife

Cione de Santana

Felipe de Barros Silva

Glória Benevenuto

Mariane Oliveira

Priscila Magalhães

José Júnio (*Agente de Desenvolvimento Comunitário*)
Edna Alexandrino Pires (*Supervisora de Apoio a Projetos Sociais*)

Marcos Rodrigues dos Anjos (*Estagiário*)

Marilane Lima (*Auxiliar de Programas Socioeducacionais*)

Pryscilla Sugarava (*Orientadora Pedagógica*)

Andreia Queiroga Barreto (*Articuladora de Projetos e Programas*)

EQUIPE VOCAÇÃO UNIDADE ICARÁÍ

Andréa Aurea de Souza Cruz (*Assistente de Programas Sociais*)

Fabiano Ferreira Alves (*Orientador Socioeducativo*)

Maria do Carmo Severino (*Cozinheira*)

Maria Lucia Rocha (*Auxiliar de Serviços Gerais*)

Renata de Souza Gomes (*Cozinheira*)

Tatiane Cristina Santana (*Orientadora Socioeducativa*)

ESPECIALISTAS FAMÍLIAS E COMUNIDADE EM REDE

Adelaide Barbosa Fonseca

Deise Rodrigues Sartori

Marialice Piacentini

Publicação

ORGANIZAÇÃO

Milton Alves Santos

ELABORAÇÃO DE TEXTOS

Paula Caroline de Oliveira Souza

PREPARAÇÃO E EDIÇÃO DE TEXTOS

Tomara! Educação e Cultura

COORDENAÇÃO DE ARTE

Tomara! Educação e Cultura

DESIGN

Luciana Gobbo

REVISÃO DE TEXTO

Lucimara Carvalho

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

V872l Vocação
Comunidade em rede: o lazer comunitário e o trabalho social com as famílias. / Vocação; organizado por Milton Alves Santos - São Paulo: Ação Comunitária do Brasil (Vocação), 2017. 132 p.; 25 cm.

ISBN: 978-85-66991-9-9

1. Educação permanente. 2. Serviço social. 3. Políticas públicas. 4. Lazer comunitário 5. Desenvolvimento integral. I. Título.

CDD 370

Comunidade em rede: o lazer comunitário e o trabalho social com as famílias.

Este trabalho foi realizado no âmbito do Projeto Famílias e Comunidade em Rede, com recursos do Fundo Municipal da Criança e do Adolescente (FUMCAD) da Cidade de São Paulo. É permitida a reprodução do texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. O Projeto Famílias e Comunidade em Rede foi idealizado com vistas à produção de inovações quanto à aproximação e à união entre famílias, serviços socioeducativos e comunidade, visando ao Desenvolvimento Integral de crianças, adolescentes e jovens de maneira colaborativa e construtiva, privilegiando dispositivos formativos e de lazer junto às famílias e fortalecendo equipes profissionais. O que se busca é a efetivação do Desenvolvimento Integral na rede pública de Serviços regulares, em uma perspectiva de complementaridade.

Equipe Técnica

Adelaide Barbosa Fonseca é assistente social, pós-graduada em Gestão de Projetos e Responsabilidade Social, com especialização em Gestão Pública pela FGV-SP e Desenvolvimento Local e Regional pela CEPAL-ONU. Facilitadora Master formada pelo Projeto GETS-United Way of Canadá. Facilitadora credenciada do SEBRAE-SP e consultora especialista do SENAC-SP. Atualmente atua no PDI como especialista em Abordagem Colaborativa.

Alexandre Silva (Smit) é educador na arte do corpo com ênfase na dança. Atualmente, dedica-se nas propostas do “explorar, focalizar e agir” em meio a projetos sociais e culturais e atua no *Famílias e Comunidade em Rede*.

Arabelle Hadife é formada em artes cênicas atuou como atriz, autora e contadora de histórias. É também arte educadora nas áreas de dança e teatro.

Cione Santana da Silva é formada em Recursos Humanos, cursando Educação Física e atualmente Educadora com a Dança Afromix.

Cristopher Araújo é bacharel em Turismo e radialista com enfoque em locução, transitou por experiências de comunicação, liderança e projetos culturais. É educador de música, teatro e recreador. Atualmente, além de ser Animador Sociocultural pela Vocação, dedica-se à Nativos da Serra - Turismo & Aventura com proposta de ecoturismo e de qualidade de vida em Rio Grande da Serra-SP.

Deise Sartori é pedagoga formada pela FMU, especialista em Educação pela Universidade de São Paulo e em Gestão de Organizações do Terceiro Setor pela Universidade Mackenzie. Participou de Programa de Intercâmbio na Universidade de Reims (França) no curso de formação de mestres. É referência em aplicação e desenvolvimento da Abordagem ABCD (Abordagem Colaborativa). Atualmente atua no PDI como especialista em Cidade Ademar.

Felipe Barros (Zero) é Mestre de Cerimônias (MC), Professor de Beat Box, B. Boy (Breaking Boy) e estudante de Teatro.

Gloria Benevenuto tem Licenciatura e Bacharelado em Educação Física. Professora de Afromix dança. Arte Educadora da Capoeira Adaptada para à Terceira Idade.

Jean Mello é jornalista, Animador Sociocultural e empreendedor social, idealizador e editor do portal e livreria virtual *Inspirando Sonhos* (<http://inspirandosonhos.com>), que enfatiza a trajetória de empreendedores sociais, escritores, artistas, músicos. Pessoas que estão promovendo ações culturais e/ou educativas, que impactam positivamente a sociedade. É também autor dos livros *Crônicas Perdidas*, *Exalando Esperança* e *Fim de Tarde*.

José Júnio Fornaciari Nascimento é formado em Serviço Social, com experiência em gestão pública e conhecimentos em gestão empresarial. Atualmente é Agente de Desenvolvimento Comunitário na Vocação no *Famílias e Comunidade em Rede*.

Marialice Piacentini é pedagoga, com especialização em Formação de Educadores, Gestão de ONG e Desenvolvimento Comunitário. Formação em Desenvolvimento Comunitário baseado nos Talentos e Recursos Locais pelo Projeto GETS-United Way of Canadá de 2001 a 2005 e pelo Coady International Institute, St. Francis Xavier University, Canadá, em 2009. Atualmente atua no PDI Cidade Ademar como especialista em Abordagem Colaborativa.

Mariane Oliveira é licenciada em artes visuais, arte-educadora, coordenadora do núcleo afro da Cia. Ojú Oyá e intérprete/criadora da Cia. Brasília.

Milton Alves Santos é pedagogo pela Faculdade de Educação da USP. Atua nas áreas de Educação e Assistência Social, dedicando-se ao fomento e à facilitação de processos de desenvolvimento institucional em organizações não governamentais, institutos privados e instituições públicas. Atualmente atua na Vocação como Gerente de Desenvolvimento Integral e Comunitário.

Paula Caroline de Oliveira Souza é bacharel em Lazer e Turismo pela USP e estuda Gestão Inteligente. Possui experiência com empresas, terceiro setor e gestão pública em desenvolvimento local, educação não formal, animação sociocultural e abordagem colaborativa. Atualmente é empreendedora social, atua como sistematizadora e pesquisadora no PDI e no lazer comunitário. Compôs artigos publicados em livros locais e internacionais e trabalhou com elaboração dos textos de publicações da Vocação.

Priscila Magalhães é formada em Comunicação Social, em Artes e Pós-graduada em Arte Integrativa. Atualmente estudando Pedagogia pela Unesp e especialização em Gestão Pública pela Unifesp. Idealizadora e Diretora do Festival de Culturas Urbanas Batalha na Vila e Diretora da Cia da Vila de Dança. Atua nas áreas de Produção Cultural, Artes Plásticas, Arte Educação e Direção Artística.

Rafaela Peres possui graduação em Sociologia e mestrado em Educação Física, ambos realizados na Universidade de Campinas. Tem como área de interesse acadêmico os estudos do lazer e possui experiência profissional em produção cultural e elaboração de projetos culturais e esportivos.

Agradecimentos

A realização desta obra não seria possível sem a colaboração sistemática das instituições e pessoas abaixo relacionadas:

ASSOCIAÇÃO CIDADANIA ATIVA DO MACEDÔNIA – ACAM

Rita de Cássia dos Santos Madorno
Valdinéia dos Reis Araújo
Verilde Soares de Souza Silva

ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA AURI VERDE – AURI VERDE

Edson Rodrigues Passos
Marisa Rodrigues Passos
Vera Lucia da Silva Santos

ASSOCIAÇÃO DO PARQUE SANTA AMÉLIA E BALNEÁRIO SÃO FRANCISCO

Thiago Ariel Corrêa
Aucione Batista Santana Ferrante
Marli Novais

ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DA VILA ARCO-ÍRIS – AMAI

Margarete Rosa dos Santos
Soraia Macedo Domingues e Silva (CCA AMAI II)
Lays Cristiane Stephani da Silva

GRUPO UNIDO PELA REINTEGRAÇÃO INFANTIL – GURI

Lucas Bernardes da Silva Sale
Elizabeth Soares Sakaguti
Irinea Gomes Pinheiro Silva
Sonia Maria de Lima Rodrigues

ASSOCIAÇÃO A CRIANÇAS, AO ADOLESCENTE E JOVENS DO ICARAÍ – ACAJI

Edivaldo José Messias
Adriana Miranda da Conceição Batista
Eliana Miranda



Sumário

APRESENTAÇÃO **9**

PREFÁCIO **10**

SEJAM BEM-VINDOS! **12**

1. O lazer como campo de experiência 15

1.1 O que entendemos por lazer **17**

1.2 Lazer: direito social que dá acesso a outros direitos **20**

1.3 Como tudo começou **23**

1.3.1 Lazer como Desenvolvimento Integral **25**

1.3.2 Premissas e valores **27**

1.3.3 Lazer para todos juntos: o trabalho Intergeracional **31**

2. O Projeto Famílias e Comunidade em Rede 41

2.1 As bases metodológicas e os fundamentos do trabalho **47**

2.2 Cenário Zona Sul: onde tudo acontece **50**

2.3 Em campo: o lazer comunitário na prática **52**

2.3.1 A equipe **52**

2.3.2 Os territórios **66**

2.3.3 As famílias **79**

3. Provocações finais 101

3.1 A avaliação participativa **105**

3.2 Lições aprendidas: desafios, estratégias e conquistas **106**

POSFÁCIO **125**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **129**



Família em Saída Cultural -
Castelo Rá Tim Bum
Foto Equipe Lazer Comunitário

Apresentação:

a Vocação

A Vocação, que nasceu com o nome de Ação Comunitária do Brasil, é uma ONG localizada na Zona Sul da cidade de São Paulo cujo objetivo é fortalecer Projetos de Vida de crianças, jovens, famílias e comunidades.

Por acreditar que a sociedade deve garantir direitos básicos aos seus cidadãos, de modo a construir um país mais rico em oportunidades, onde as pessoas e as comunidades possam se desenvolver em sua plenitude, a Vocação tem como missão colaborar com a construção de uma dinâmica social mais justa e igualitária, que impacte efetiva e positivamente a vida das pessoas e de suas comunidades. Para isso, desenvolve ações voltadas à promoção do Desenvolvimento Integral de crianças, jovens e famílias.

Todas as atividades são idealizadas com foco nas aprendizagens necessárias aos ciclos de vida, visando ao Desenvolvimento Integral.

A Vocação colabora com as políticas públicas fomentando o trabalho em rede e atuando, desde a primeira infância até a inserção e a vivência no mercado de trabalho, para que crianças, jovens e famílias encontrem sua vocação. Com isso em vista, desenvolve metodologias participativas e colaborativas que mobilizam atores de diferentes comunidades para que possam ser sujeitos de sua história, além de atuar, por meio de parcerias entre o poder público e as Organizações da Sociedade Civil, no âmbito da política de Assistência Social, para promover a **Educação Permanente** dos trabalhadores que compõem a rede socioassistencial.

Em seu percurso, a Vocação construiu um caminho profícuo na rede de atendimento socioassistencial e, considerando as rotas planejadas, a Ação Comunitária decidiu, em 2015, adotar um novo nome, mais alinhado às suas intenções: **Vocação** - nome fantasia que busca direcionar a organização às necessidades contemporâneas do país.

Para organizar esta publicação sobre o *Projeto Famílias e Comunidade em Rede* e facilitar a navegação do leitor pelo texto, foram criados ícones que sinalizam referências bibliográficas, trazem definições e curiosidades sobre o *Projeto Famílias e Comunidade em Rede* e sugerem algumas rotas dentro do próprio livro. Observe os ícones ao lado, ajuste o olhar e prepare-se para leitura.



Referências Bibliográficas



Significado



Rotas de navegação



Fique de olho!



Leis e Acordos



Agradecimentos especiais



Destaque

Prefácio

Marcelino de Sousa Lopes é doutor em Ciências da Educação pela Universidade Pontifícia de Salamanca e participou, em 1979, de diferentes programas como animador sociocultural.

Atualmente, é professor na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, do Departamento de Educação e Psicologia e orientador de mestrado e doutorado nas áreas de Ciências Sociais e Humanas. Foi fundador e membro dos órgãos sociais de várias associações. É referência internacional nas áreas de teatro; expressão dramática; animação sociocultural; associativismo; ócio e tempo livre; turismo, animação turística, turismo juvenil, teatro e educação; fantoches e formas animadas na educação; gerontologia, educação intergeracional, etc. É autor e coordenador de dezenove livros e inúmeros artigos nas áreas da animação sociocultural, turismo, desenvolvimento e educação comunitária, teatro, pedagogia, ócio e animação de idosos. É possível acompanhar ações relacionadas ao tema em <http://www.geralintervencao.com.pt>.



Joffre Dumazedier, *Lazer e cultura popular* (1973).

Marcelino de Sousa Lopes*

Texto escrito em português de Portugal

Prefaciando a obra *Famílias e Comunidade em Rede* constitui para mim um enorme orgulho, pois trata-se de um exemplo de intervenção pedagógica que procura o sentido mais nobre e mais pertinente do ato de educar e animar: o desenvolvimento social, cultural e educativo do ser humano.

Enalteço de forma sentida a notável ação da Vocação pelo meritório trabalho desenvolvido. Só uma notável equipa muito vocacionada para a intervenção social poderia empreender tão nobre tarefa em prol do desenvolvimento comum.

Aliar a pedagogia do ser à do saber e esta ao saber fazer é tarefa central desta obra, cujos três pilares enunciados se ligam a um quarto que é “ensinar e aprender a viver juntos”.

Investigação, ação, interação, partilha, autonomia, desenvolvimento comunitário, educação, lazer são palavras-chave constituintes do âmbito desta obra, que muito vai engrandecer a causa da Animação e dos Animadores Socioculturais na valorização de uma ação prática reflexiva e, por isso mesmo, construtora de um saber teórico fundamentado e alicerçado em situações concretas da vida comum.

Este trabalho constitui um inovador paradigma de vocação na incessante procura de um reforço do viver comunitário e de uma pedagogia centrada na proximidade e no reforço de uma vivência em comum, unidade que se traduz em COMUNIDADE.

Um livro que traz também à colação a importância do lazer como dimensão social, cultural e educativa, questão muito central dos movimentos pedagógicos a partir dos anos sessenta do século passado.

Importa por isso analisar o quadro evolutivo de um lazer alicerçado à visão clássica dos três Ds de **Dumazedier**: Descanso, Divertimento e Desenvolvimento, localizados nos inícios dos anos 1970 que constituíram a importância de uma educação para o tempo livre liberto, ou seja, o tal “tempo para nós mesmos” utilizado para um descanso libertador e relaxante, uma diversão muito centrada no ver e no fazer cultural e para um desenvolvimento muito alicerçado numa educação em sentido de permanência, que nos convidava à tal educação não formal com ligações ao pulsar permanente da vida.

Em Portugal, os três Ds tiveram eco com a Revolução de Abril, onde projetavam os propósitos de Democratização, Descolonização e Desenvolvimento.



Joseph Leif, *Tiempo Libre y tiempo para uno mismo um reto educativo y cultural* (1992).



Néstor Canclini, *A Globalização Imaginada* (2007).



Gilles Lipovetsky, *A Felicidade Paradoxal: Ensaio Sobre a Sociedade do Hiperconsumo* (2007).



Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido* (2005).

Numa perspetiva diacrónica e sincrónica do lazer e dos tempos livres encontramos nos anos 1980, através do pedagogo **Joseph Leif**, no seu livro *Tiempo libre y tiempo para uno mismo*, a projeção do lazer como uma pedagogia de alerta para os perigos de um lazer ligado a nefastos três Ds: Droga, Delinquência, Dependência.

No final do século XX, o antropólogo **Néstor Canclini** questiona o tempo de lazer associado a três Ds muito ligados à matriz da globalização: Desiguais, Diferentes, Desconectados.

Na primeira década do século XXI, **Gilles Lipovetsky**, no seu livro *A Felicidade Paradoxal*, alerta-nos para as questões trazidas por um lazer muito centrado nas grandes indústrias do consumo, que nos remetem a Dependência, Distração, Delírio.

Num quadro de análise dos três Ds aliados ao lazer, concluímos da desvirtuação, a partir dos anos 1980, da matriz original da pedagogia do tempo livre.

Pelo exposto, o trabalho apresentado assume uma assaz relevância, pois retoma o valor de um lazer centrado na dimensão educativa consciencializadora do ser humano e na conseqüente preparação para uma postura crítica face à alienação, manipulação que este poder neoliberal impõe ao nosso viver comum.

Um lazer assim entendido projeta o ser humano para as dimensões da autonomia e da liberdade, conferindo-lhe capacidade de escolha, poder de iniciativa e aparecendo associado a uma necessidade humana e a uma projeção sociocultural.

Importa ainda relevar a adoção de metodologias ligadas à Animação Sociocultural, que procuram, junto do ser humano, uma participação comprometida com a sua autonomia e o seu autodesenvolvimento rumo a uma cidadania plena.

Tudo isso está vincado neste livro, sendo importante registar e enaltecer o eco do clamor comunitário trazido através da tríade lazer, viver comunitário e dimensão intergeracional.

Para a Vocação, o lazer é um campo de experiência porque promove a convivência comunitária, fortalecendo vínculos familiares em uma perspectiva intergeracional e de mobilização social da comunidade em torno do seu próprio desenvolvimento. Ou seja, na efetivação de Projetos de Vida.

Porque a vida é para viver em comunhão (“conviver” é viver com), não só, isolado e à margem do mundo. Porque a vida não é fragmentação etária e por isso é intergeracional, e o futuro convoca uma educação intergeracional onde as pessoas aprendam umas com as outras, tal como diz o grande pedagogo **Paulo Freire**: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Por isso, importa viver e aprender em comunidade, onde brote uma educação comunitária assente na máxima: “Ninguém sabe tanto que não tenha nada para aprender e ninguém sabe tão pouco que não tenha nada para ensinar”.

Sejam bem-vindos!



O Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (FUMCAD) financia projetos que garantam os direitos das crianças e dos adolescentes, em consonância com o ECA. Por meio da renúncia à cobrança fiscal do Imposto de Renda, beneficia projetos de entidades aprovados pelo Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA). Veja mais em: <http://fumcad.prefeitura.sp.gov.br/forms/conheca.aspx>.



A Política Nacional de Educação Permanente (PNEP) do SUAS estabelece princípios e diretrizes para a condução dos processos formativos dirigidos aos trabalhadores do SUAS. A Vocação   uma organiza o que também atua em prol da consolida o da Assistência Social e, por isso, incorpora os princípios estabelecidos para a Educa o Permanente no SUAS. Saiba mais sobre como a Voca o trabalha a Educa o Permanente na publica o *O Desenvolvimento Integral e os caminhos da Educa o Permanente: fortalecendo o SUAS no território* (VOCA O, 2017).

Esta publica o   um convite para conhecer algumas experiências do trabalho realizado pela Voca o com famílias, cujo foco   o Desenvolvimento Integral a partir do lazer em uma perspectiva intergeracional. Chamado Projeto FUMCAD: *Famílias e Comunidade em Rede*, esse trabalho foi realizado em bairros da Zona Sul da capital paulista entre dezembro de 2016 e novembro de 2017, beneficiado pelo **Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (FUMCAD)** da Prefeitura de São Paulo. Nós, da Voca o, apelidamos essa a o de “lazer comunitário”, já que   esse o propósito e o cora o da iniciativa.

Aqui, buscamos reunir um panorama geral das atividades realizadas, revelando ao leitor o passo a passo trilhado. E, embora não seja possível dar toda a dimensão do que representou o trabalho em campo e o contato com as pessoas, cada t pico   como um ponto cardeal de orienta o do que foram nossos passos.

Nessa viagem, apresentamos nossa compreensão acerca do lazer, nossa rela o histórica com esse conceito e os motivos que levaram a Voca o a defender o lazer comunitário como algo fundamental para o trabalho social com famílias nos territórios e, conseqüentemente, para o Desenvolvimento Integral de crianças, adolescentes e jovens.

Nossa metodologia   orientada para a constru o de rela es de confiança, fortalecimento de vínculos, respeito às individualidades e valoriza o dos recursos e potencialidades de pessoas, organiza es e comunidades. Nessa perspectiva, a forma o da equipe também   foco de bastante aten o, e a Voca o realiza isso por meio da **Educa o Permanente** dos profissionais envolvidos.

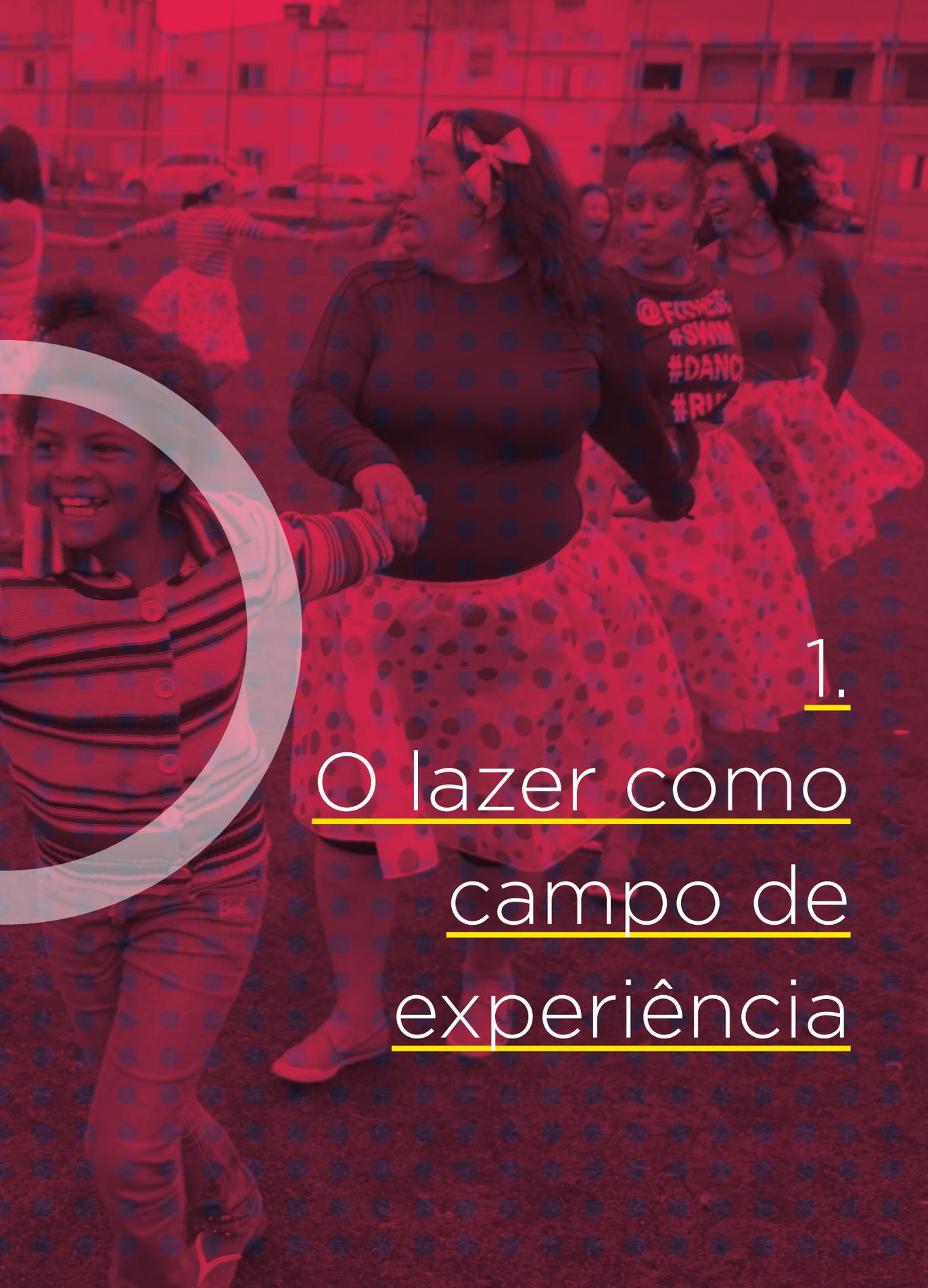
Com isso em vista, e sempre com o desejo de favorecer ambientes construtivos e produtivos, os capítulos seguintes descrevem como fazemos isso na prática. Desde o que concebemos como “lazer”, e por que considerá-lo um “direito social que dá acesso a outros direitos”, até o modo como a Vocação começou a desenvolver esse trabalho. Mostramos, assim, as etapas que percorremos: as ações com nossa equipe; a chegada aos territórios; o nosso jeito de fazer as abordagens; os convites à participação e ao envolvimento das famílias; e, enfim, quais foram e como ocorreram as atividades desenvolvidas.

Por valorizarmos o cuidado com o processo e a participação efetiva das pessoas, semeamos alguns exemplos vividos nas comunidades e apresentamos sugestões de atividades, mas é importante reforçar que não há um modelo exato para o sucesso de uma ação que envolva relações humanas. Os modelos orientam as práticas e as práticas também transformam os modelos! Todos os atores participantes são sujeitos que refletem, incidem sobre as suas trajetórias e contribuem para repensar o trabalho desenvolvido, fazendo com que a metodologia utilizada seja continuamente retroalimentada em uma relação de mão dupla, que sempre inter-relaciona a ação e o pensamento.

Por fim, compartilhamos algumas lições aprendidas com os desafios e as conquistas vivenciados ao longo desse processo, e temos certeza de que novos frutos serão cultivados pela troca de experiências e saberes que este livro propõe.

Boa vivência! Boa leitura!





1.

O lazer como
campo de
experiência



Se permitir - em evento
comunitário - GURI
FOTO A Banca

1. O lazer como campo de experiência

1.1 O que entendemos por lazer?

Antes de conhecer o lazer dentre os direitos, eu achava menos relevante porque, aparentemente, não é emergencial. Mas quando você vê de perto, descobre os benefícios que pode trazer, percebe que se você souber aproveitar, ele envolve todos os campos de forma ampla e completa.

José Júnio, assistente social

A Vocação considera que o lazer é algo vital, e boa parte das pessoas costuma dizer o quanto gostaria de dedicar mais tempo a ele. O lazer representa a brincadeira ao chegar do trabalho, a história contada na hora de dormir, aquela corridinha pelo bairro ou a promessa de liberdade aos domingos que, quando enfim chega, traz a constatação: “Isso é tão bom! Preciso fazer mais vezes”.

Quando se fala em lazer com famílias, o que não falta é manifestação de vontade. Sua atração é notável e aparece em propagandas de turismo, na programação de cinema no final de semana, na tarde num *shopping* ou em centros culturais. Também ouvimos falar de lazer em parques, na recreação infantil, em clubes, bares, restaurantes, na pescaria, na praia e – por que não? – na hora de simplesmente “não fazer nada”. Seja ao raiar do sol ou na vida noturna, o lazer convida gente de diferentes idades e preferências a experimentá-lo.

UM CONCEITO, MUITAS INTERPRETAÇÕES

Ainda hoje considerado um luxo por tantos, conceitualmente o lazer tem um histórico vasto e muitas definições. Em alguns países, o termo mais comum é “ócio”. A palavra “lazer” vem do verbo latino *licere* e significa “permitir”.

Frequentemente citado como contraponto aos problemas, ao excesso de trabalho e a tudo que lembre as obrigações cotidianas, o lazer como bandeira tem uma longa trajetória. Independentemente das linhas de pesquisa e dos enfoques diferenciados, o lazer é tema desde a Antiguidade clássica, quando o “ócio” era defendido como algo importante para o ser humano e para seu desenvolvimento.

Em um contexto mais recente, sua importância foi reconhecida em meio à luta por direitos da classe operária no cenário da Revolução Industrial, resultando em distinções marcantes sobre o tempo destinado ao descanso com recreação, contrapondo-se ao tempo dedicado ao trabalho. O sociólogo francês **Joffre Dumazedier**, referência nos estudos sobre o tema, conceitua o lazer como um “conjunto de ocupações às



Joffre Dumazedier.
Lazer e cultura popular (1973).



Tempo conquistado: quando o tempo passa a ser visto como uma mercadoria, destinado prioritariamente ao trabalho e à produção, o tempo “conquistado” para o não trabalho passa a ser fundamental para a vivência e a saúde humanas.



José Guilherme Cantor Magnani. “Outra trajetória: da periferia ao centro”. In *Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana* (2012).



Luiz O. de Lima Camargo. *Educação para o lazer* (1998).



Antonio C. Bramante. *Lazer: concepções e significados* (1998). Disponível em: <https://seer.ufmg.br/index.php/licere/article/viewFile/4226/3107>. Acesso em: out. 2017.

quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se”. Também afirma que esse tempo livre de obrigações de trabalho, familiares ou sociais ainda pode ser voltado para a busca de informação, ou de formação “desinteressada” e espontânea, além de incentivar a própria capacidade criadora.

Outros autores preferem falar em “tempo disponível” ou “tempo conquistado”, como é o caso de Nelson Carvalho Marcellino e Antonio Carlos Bramante, respectivamente. Usa-se a conquista do tempo livre de obrigações para a busca de uma vida plena. Como aponta o antropólogo **José Cantor Magnani**, essas reflexões surgem no contexto da Revolução Industrial, momento em que o tempo livre e o lazer passam a ser valorizados como elementos importantes para o ser humano, para sua saúde e seu desenvolvimento, em contraponto à rotina exaustiva de longas jornadas de trabalho.

Desde “tempo voltado a recarregar energias para o trabalho” até a interpretação do lazer como direito de usufruir do tempo para entretenimento, **Luiz Octávio de Lima Camargo**, por exemplo, resgata a relação do lazer com a diversão. Para ele, ter liberdade de escolha de atividades, seja por descanso, entretenimento ou interesse pessoal, caracteriza o lazer como tempo liberado de obrigações sociais.

Na realidade das comunidades, o lazer reflete a diversificada dinâmica social e cultural dos territórios, materializando-se em festas de finais de semana, em encontros de jovens com seus carros e motos, em almoços com shows e comidas de outras regiões do país, atividades esportivas, etc. O lazer, na prática, não representa somente o descanso do trabalho, mas sim oportunidades de desenvolvimento e realização pessoal ou coletiva.

O conceito é bastante amplo e não há um consenso para defini-lo. São muitas as áreas de conhecimento e pesquisadores que trabalham com o tema: do turismo à sociologia, psicologia, educação, filosofia, educação física, antropologia, gerontologia, etc. Nas políticas públicas, por exemplo, é comum vê-lo associado a outras questões, em denominações como “Educação, Cultura e Lazer”, “Esporte e Lazer”, “Lazer e Juventude”, “Turismo e Lazer”. Essa característica destaca a sua transversalidade, demonstrando como é possível lidar com esse conceito vinculando-o a diferentes temas e contextos sociais.

No trabalho social realizado com famílias que participam do Projeto, ao se perguntar sobre lazer, a questão das experiências vividas é sempre mais citada do que as definições teóricas e conceituais. Essa marca do vivido, da prática, da experiência que está atrelada ao lazer é um dos principais motivos para a decisão de colocá-lo no centro dessa iniciativa.

Antonio Carlos Bramante, apresenta o lazer como uma “dimensão privilegiada da expressão humana”, entendendo que além de ser um tempo que foi conquistado, materializa-se por uma “experiência pessoal criativa”. Outro eixo fundamental do lazer é a ludicidade e o seu potencial sociabilizador, já que vai muito além das atividades que são

oferecidas. É por essa característica que o termo “experiência” é utilizado pelo estudioso para as ações de lazer, pois cada uma é sempre nova em seu tempo ou espaço. As experiências são únicas, não se repetem e remetem à espontaneidade, à criatividade e ao prazer. Além disso, as atividades são regadas pela motivação em contextos marcados pela percepção de liberdade.

Nelson Carvalho Marcellino afirma que, além do tempo disponível e da cultura vivenciada – praticada ou fruída –, um importante traço do lazer é o caráter “desinteressado” dessa vivência, em que a satisfação é provocada por aquilo que se está vivendo naquela situação, naquele momento presente.

O lazer aparece em diferentes contextos com pesquisas que contribuem para ampliar a sua concepção.

Entendendo o lazer como fuga da rotina, o jurista **Wladimir Novaes Martinez** diz que “o descanso e a alternância de ares são absolutamente imprescindíveis” para o trabalhador. Isso pensado não apenas do ponto de vista da saúde física, mas principalmente para a saúde mental. Vale lembrar que não se exclui do lazer a condição de cidadania, pois além de proporcionar prazer e diversão, possibilita reflexão sobre si mesmo e sobre a realidade social.

Marcela Pereira, pesquisadora da área do Direito, afirma que com os conflitos e crises que permeiam situações de lazer, este pode ser o único momento em que o trabalhador se sente apto a questionar sua realidade social.

“Para mim, lazer é isso: poder fazer o que eu gosto, com as pessoas que eu amo. Pode ser um churrasco no domingo, um passeio na praça ou viajar para longe. Se eu estou bem, à vontade e com minha família, já valeu muito a pena!”

(Declaração espontânea de um participante do Projeto.)

Todas essas definições são base para o trabalho da Vocação e afirmam a sua metodologia de trabalho, sempre em busca de um diálogo vivo com o que acontece junto às famílias e comunidades. Ao longo das ações do Projeto é necessário considerar as diferentes realidades dos participantes no que diz respeito ao tempo disponível; às especificidades do território em que vivem; às características e composição dos grupos e, principalmente, às vontades dos envolvidos. O lazer é entendido como oportunidade de ter **Experiências Verdadeiras** e vivências que proporcionem sociabilização, motivação e liberdade de escolhas, sem mascarar problemas, mas, ao contrário, permitindo que sejam vistos com outro olhar: o de quem possui capacidade e talento para enfrentá-los.



Nelson C. Marcellino. *Lazer e Educação* (1995).



Wladimir N. Martinez. *Noções de Direito Previdenciário* (1997).



Marcela A. S. Pereira. *Direito ao lazer e legislação vigente no Brasil* (2009). Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revistadireito/article/viewFile/7030/4248>. Acesso em: out. 2017.



Saiba mais sobre o conceito de Experiências Verdadeiras, siga para página 46.



Saiba mais sobre Dignidade Humana, siga para a página 48.
A Dignidade humana é um princípio da Constituição Brasileira. Uma atuação sob a perspectiva da Dignidade Humana considera que as pessoas são dignas de proteção física e psíquica, assim como devem ter respeitadas suas singularidades, seus bens e valores, sob quaisquer circunstâncias, de modo a permitir que realizem escolhas conscientes para os seus Projetos de Vida. Acesse a Constituição na íntegra em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm



Saiba mais sobre Projeto de Vida, siga para a página 49.



Saiba mais sobre Transformação Social, siga para a página 49.

1.2 Lazer: direito social que dá acesso a outros direitos

A primeira coisa que eu penso é que lazer é um direito.

Depois, que é algo que se faz por prazer.

Irinea Pinheiro, gestora e fundadora do Grupo Unido para a Reintegração Infantil (GURI).

Comparado a outros direitos sociais, é compreensível que as pessoas não vejam o lazer como algo emergencial. Por outro lado, também é importante pensar que, não à toa, tornou-se um direito. Questões como moradia, alimentação e saúde são, sem dúvida, primordiais por estarem vinculadas diretamente à sobrevivência. Entretanto, no trabalho social com famílias percebe-se que o lazer contribui para que as pessoas obtenham acesso também a outros direitos, e com mais qualidade.

O lazer é um dos direitos primordiais das pessoas, e está ligado à Proteção Social Básica e às condições adequadas de vida. O artigo 227 da Constituição Brasileira atribui à família e ao Estado o dever de assegurar o “direito à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade”. Junto a essas condições está o estímulo para o exercício do direito à convivência familiar e comunitária.

Seja meio ou fim, o lazer tem impacto na conquista de direitos. É a própria razão final quando se busca “fazer algo por puro lazer”; ou meio quando leva a outros fins, como explicou uma participante das atividades socioculturais: “numa atividade de dança pude conviver com pessoas do meu bairro que antes eu nem conhecia”.

Diante das dificuldades enfrentadas no cotidiano, o lazer propicia tempo a mais em família, sendo aliado na busca pelo Desenvolvimento Integral e protagonista importante na conscientização sobre a **Dignidade Humana**. As atividades de lazer contribuem para criar e fortalecer situações que despertem o sujeito como agente de seu **Projeto de Vida**, estimulando-o também a vislumbrar sua própria **Transformação Social**.

DESENVOLVIMENTO INTEGRAL

Para a Vocação, Desenvolvimento Integral significa desenvolver as capacidades física, intelectual, social, emocional e simbólica dos indivíduos, vistas como questões inseparáveis, interconectadas e fundamentais para a Dignidade Humana. Nessa concepção, o ser humano deve ser visto e analisado em sua integralidade, considerando o sujeito como elemento central das indagações e preocupações das ações empreendidas pela Vocação.



Amauri Mascaro Nascimento e Sônia M. Nascimento. *Iniciação ao Direito do Trabalho* (2015).



O Sistema Único de Assistência Social (SUAS) é uma política pública instituída em 2005 que tem a missão de garantir à população o acesso à Assistência Social de qualidade. A função do SUAS, sistema descentralizado e participativo por princípio, é promover a gestão e a organização de ações voltadas para dois tipos de proteção: a Básica e a Especial. Os principais eixos estruturantes do SUAS são a matricialidade sociofamiliar e a territorialização. Por isso, o papel da família para a realização da proteção social, assim como a referência do território, considerado em suas diferenças e especificidades, são aspectos fundantes e fundamentais dessa política pública.

Também no âmbito dos direitos trabalhistas há o reconhecimento de que o lazer atende a necessidades humanas. Um importante jurista, da área do Direito do Trabalho, **Amauri Mascaro Nascimento**, elenca uma série de questões que justificam o tempo destinado ao lazer:

a) Necessidade de libertação, opondo-se à angústia e ao peso que acompanham as atividades não escolhidas livremente; b) necessidade de compensação, pois a vida atual é cheia de tensões, ruídos, agitação, impondo-se a necessidade do silêncio, da calma; (...) d) necessidade de recreação como meio de restauração biopsíquica; e) necessidade de dedicação social, pois o homem não é somente trabalhador, mas tem uma dimensão social maior, é membro de uma família, habitante de um município, membro de outras comunidades de natureza religiosa, esportiva, cultural, para as quais necessita de tempo livre; f) necessidade de desenvolvimento pessoal integral e equilibrado, como um das facetas decorrentes da sua própria condição de ser humano.

É no cotidiano que todos estão sujeitos a vivenciar tais situações e, nesse sentido, o lazer traz dignidade ao indivíduo com a possibilidade de ter tempo para si mesmo e para o convívio com a família, com os amigos e com a comunidade.

Considerando que a Vocação atua para fortalecer as políticas públicas, colaborando para a consolidação do **SUAS**, cabe lembrar que a Assistência Social preza pela Dignidade Humana e pelo acesso aos direitos básicos, estando, entre eles, o lazer. Nesse sentido, é importante ter em vista que as estratégias vinculadas ao lazer comunitário já são bastante consolidadas e praticadas, porém ainda pouco discutidas no campo da Assistência. Essa publicação pretende contribuir para mudar esse cenário.

DE OLHO NO SUAS!

Os serviços socioassistenciais, segundo a tipificação nacional da Assistência Social, têm dentre seus objetivos possibilitar à família o acesso a um espaço onde possa refletir sobre sua realidade; construir novos projetos de vida; transformar suas relações, sejam elas familiares ou comunitárias. O lazer comunitário está vinculado a essa expectativa junto à mobilização social.

BRASIL. Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009. Disponível em: http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/tipificacao.pdf. Acesso em: nov. 2017.



O Projeto *Famílias e Comunidade em Rede* foi realizado com sete Organizações da Sociedade Civil: três que executam serviços socioassistenciais junto a rede SUAS – especificamente CCA Auri Verde, CCA Amai e CCA Santa Amélia – e quatro que não possuem convênio com a Prefeitura. No caso das Organizações conveniadas que executam serviços socioassistenciais, o Projeto tentou ser complementar ao trabalho social já executado por meio dos Serviços, buscando fortalecer a Organização parceira do Projeto e sendo realizado em horários diferentes de seu atendimento cotidiano, como finais de semana ou período noturno, por exemplo.



“Usuários” e “pessoas atendidas” estão entre as nomenclaturas utilizadas pela Assistência Social para as pessoas vinculadas/beneficiadas pelos serviços socioassistenciais.

AS POSSIBILIDADES DO LAZER COMUNITÁRIO

A partir das atividades desenvolvidas pelo Projeto, é possível identificar diversas demandas que pulsam no território e buscar resoluções junto às pessoas que usufruem dos serviços socioassistenciais e de outras iniciativas promovidas pelas **Organizações da Sociedade Civil, parceiras da Vocação**. Não é demais reforçar e dizer que as atividades realizadas no âmbito do lazer comunitário contribuem especialmente com o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários, com o acesso a direitos, com o protagonismo, com a participação social e com a prevenção de riscos.

No Projeto *Famílias e Comunidade em Rede* são comuns os relatos sobre superação, em que as pessoas atendidas, por meio de determinadas atividades, contam ter vivenciado situações positivas e transformadoras. São experiências ocorridas em territórios distintos com diferentes realidades e oportunidades de acesso a algo novo, a culturas diferentes, que ampliam a visão de mundo dos participantes. Isso se reflete, por exemplo, na qualidade de vida de crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos; e nas mudanças de conceito e visão de mundo dessas pessoas que, com a mobilização das famílias em um mesmo território, tiveram a oportunidade de estreitar laços e se conhecer melhor.

Ao observar todas essas experiências – vividas por meio de detalhes revelados durante as atividades, e que talvez não surgissem num encontro qualquer com as famílias – é possível perceber nas entrelinhas essas transformações e ainda conquistar e ampliar a confiança em um clima de troca aparentemente descomprometido. Essas revelações trazem questões sociais importantes, que são a matéria-prima das atividades socioassistenciais e ajudam a promover a conscientização das pessoas para serem protagonistas de suas próprias vidas e terem liberdade de escolha.

Outro aspecto relevante diz respeito aos profissionais que conduzem as ações. É importante que eles não se sintam pressionados por demandas, o que torna mais fácil a interação objetiva com as famílias. Isso se dá porque esses profissionais não apenas ouvem relatos e impressões dos participantes, mas também observam como as coisas podem ser diferentes no território. Eles passam a conhecer o **usuário** como alguém que se apresenta pelo que gosta de fazer ali, pelo que lhe faz bem e não somente por suas necessidades. Com isso, valoriza-se a subjetividade do cidadão dentro do grupo do qual ele participa, proporcionando, mais uma vez, qualidade no aproveitamento do tempo com a família e a comunidade.



Para a construção desse texto, agradecemos as contribuições de Deise Sartori, Especialista do Projeto.



Na Vocação, as ações socioeducativas são realizadas considerando “campos de experiência” (linguagem e comunicação, cultura, consumo consciente, participação, lucidez e Projeto de Vida) de modo a fortalecer e ampliar as oportunidades de Desenvolvimento Integral de maneira estruturada e por meio de vivências significativas e diversificadas. Saiba mais sobre isso no livro *Fortalecendo Projetos de Vida*, lançado pela Vocação em 2015. Disponível em: <http://materiais.vocacao.org.br/livro-fortalecendo-projetos-de-vida>. Acesso em: nov. 2017.



O novo nome da instituição assim como a nova marca foram adotados em 2015. O antigo nome, Ação Comunitária do Brasil, continua sendo a razão social da instituição.

1.3 Como tudo começou

No trabalho da Vocação, em suas diversas frentes de atuação, entende-se o lazer como dimensão muito importante para o Desenvolvimento Integral, que é definido como fundamento transversal a todos os programas e projetos da instituição. Isso significa que o lazer, trabalhado na chave do lazer comunitário, está consolidado como um **campo de experiência** da Vocação.

A instituição sempre valorizou as experiências vividas ao longo de sua história junto às comunidades e a outras Organizações da Sociedade Civil. Foi a partir dessa prática que passou a ter repertório para avaliar as relações existentes entre as teorias sobre o lazer e o que realmente era experimentado no trabalho em campo ou, como se costuma dizer, aquilo que acontece “lá na ponta”.

Historicamente, o lazer já faz parte do DNA da Vocação. Desde a fundação, há 50 anos, a trajetória da organização está marcada por iniciativas em que o lazer e outros elementos que o caracterizam estão sempre presentes.

No contexto em que a instituição surgia para atuar na Zona Sul da cidade de São Paulo, essas atividades funcionavam como um chamariz e uma oportunidade de aproximar as pessoas entre si e de seu território. Ao mesmo tempo, era a partir das ações de lazer que as famílias eram mobilizadas para algo, pois a equipe identificava junto aos participantes quais eram suas principais necessidades por meio das conversas realizadas, previstas no escopo dos projetos. Com esses diálogos, eram identificados dificuldades e anseios, percebiam-se quais eram os próximos passos para mobilizações em torno de um objetivo comum e, então, as famílias se uniam a partir do que sabiam fazer de melhor. Por meio da arte, da música e de outras linguagens, apresentadas pelas próprias famílias, diferentes capacidades eram agregadas no processo.

Já nos anos de 1980, quando a Vocação ainda era conhecida por **Ação Comunitária do Brasil**, o lazer tinha uma equipe exclusiva. Ainda não se pensava nas atividades de lazer transversalmente, e elas não eram vinculadas a todas as ações, embora fossem realizadas nos mesmos locais onde ocorriam os programas e projetos da instituição. Onde tivesse, por exemplo, o programa de educação infantil, a equipe do lazer se organizava para desenvolver atividades de acordo com a vontade do grupo, respeitando a realidade dos territórios e abertas à comunidade. Eram programações que mobilizavam os jovens e as famílias junto à comunidade, utilizando a música, o cinema ou outras linguagens, dependendo do território. As atividades aconteciam por livre e espontânea vontade – dança, teatro, música, esportes – e estiveram presentes em diferentes fases na história da Vocação.

Por essa razão foi criado, à época, um Núcleo de Cultura e Lazer, que tinha o objetivo de oferecer atividades culturais relacionadas aos demais programas e projetos desenvolvidos pela instituição. Mostras

culturais, atividades com especialistas e apresentações de alunos que participavam dos programas da Vocação estavam entre as iniciativas desenvolvidas. Com o passar do tempo e o acúmulo de experiências das diversas equipes envolvidas no dia a dia de trabalho, chegou-se à conclusão de que atividades com caráter cultural, lúdico e de lazer precisavam estar em todas as iniciativas de forma transversal, o que levou à extinção do núcleo. Assim, as ações de lazer passaram a ser um tema ou dimensão de caráter transversal a todos os programas e projetos da organização, sendo incluídas desde o início no desenho das ações a serem desenvolvidas.

Atualmente, há outros projetos com enfoques culturais na Vocação, e o lazer, como campo de experiência, se destaca ao fortalecer o Desenvolvimento Integral e fomentar ações comunitárias e socioculturais. Esta publicação marca sua atual fase.

É importante dizer que para concretizar seus projetos e programas, a Vocação investe também na preparação e no desenvolvimento da equipe que atua diretamente no trabalho social com as famílias, o que será demonstrado ao longo deste livro. Para isso, conta com os princípios e diretrizes da Educação Permanente, prevista no SUAS, voltados à formação dos trabalhadores da área socioassistencial.

DE OLHO NO SUAS!

Educação Permanente no âmbito do SUAS

Os percursos formativos e as ações de formação e capacitação do PNEP/SUAS destinam-se aos trabalhadores do SUAS com Ensinos Fundamental, Médio e Superior que atuam na rede socioassistencial, assim como aos gestores e agentes de controle social no exercício de suas competências e responsabilidades. O objetivo geral da Política Nacional de Educação Permanente é institucionalizar, no âmbito do SUAS, a perspectiva político-pedagógica e a cultura da Educação Permanente, estabelecendo suas diretrizes e princípios e definindo os meios, mecanismos, instrumentos e arranjos institucionais necessários à sua operacionalização e efetivação.

 **Política Nacional de Educação Permanente do SUAS. 1. ed. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2013. p. 27. Disponível em: http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/Politica-nacional-de-Educacao-permanente.pdf. Acesso em: nov. 2017.**

1.3.1 Lazer como Desenvolvimento Integral

O desenvolvimento pleno da criança também depende do cuidado que oferecemos para suas famílias. A atenção, o apoio e a empatia com as famílias são formas de também cuidar das nossas crianças.

Fábio Watanabe, pediatra



Fábio Watanabe. *O valor da família para o desenvolvimento e a inclusão da criança*. Disponível em: página www.facebook.com/pediatricainclusiva. Referente à XXII Semana Municipal de Prevenção às Deficiências de Barueri/APAE Barueri, realizada em agosto de 2017.

É desejo comum entre as pessoas vivenciar momentos prazerosos, especialmente quando é possível estar com quem se tem afinidade. Essa busca por prazer, saúde física e mental, novas descobertas e convivência com quem se ama é um dos motivos para desenvolver o lazer comunitário no âmbito da atuação da Vocação.

Isso não é diferente com as famílias. Ao mobilizá-las tornou-se necessário também ampliar os espaços de convivência, de garantia de mais direitos, além de ter sido essencial um maior foco na participação.



Vocação. *Construindo vínculos comunitários* (2015).

As organizações sociais parceiras da Vocação demonstraram que as famílias, de maneira espontânea, manifestam interesse por ações voltadas ao lazer. Isso vale também para a comunidade do entorno de onde estão instaladas, que perguntam e se aproximam, seja para um evento, uma atividade pontual, ou para organizar ações com as instituições. É importante ressaltar que esse interesse é reforçado porque essas ações não são impostas – elas se manifestam de forma natural e de acordo com a vontade das pessoas.

Além de um direito garantido por lei, a prática demonstra que o lazer contribui com a proteção social, com a qualidade de vida e abre uma porta para o autoconhecimento, o empoderamento e a transformação a todos aqueles que o vivenciam.

Nas instituições parceiras da Vocação, os gestores dos serviços socioeducativos, assim como os profissionais da gestão pública, aos poucos percebem a relação direta entre o lazer e os demais programas e projetos que realizam junto a crianças, adolescentes e jovens. O lazer como campo de experiência permite fazer conexões com a qualidade das intervenções comunitárias, em especial na construção de relações colaborativas, na corresponsabilidade e no processo de **mobilização** de famílias.

A Vocação acredita na importância do Desenvolvimento Integral de crianças, jovens e famílias em suas múltiplas dimensões: física, intelectual, social, emocional e simbólica. Não por acaso, a instituição aposta em iniciativas que identifiquem e estimulem as características e o potencial do indivíduo, um ser único e particular, carregado de habilidades e competências próprias e que tem o direito de se desenvolver plenamente. Para a Vocação, contribuir para que pessoas e comunidades possam se desenvolver em sua plenitude só é possível quando elas se reconhecem como capazes e entram em ação, criando novas oportunidades para todos os envolvidos e para si mesmas. Por intermédio do lazer, pessoas descobrem muito de si e do outro.



“A mobilização ocorre quando um grupo de pessoas, uma comunidade ou uma sociedade decide e age com um objetivo comum, buscando, cotidianamente, resultados decididos e desejados por todos.” José Bernardo Toro e Nisia Duarte Werneck. *Mobilização Social: um modo de construir a democracia e a participação*. Unicef/Brasil, 1996.



Vocação. *Família: participação cidadã* (2014). Disponível em: <http://materiais.vocacao.org.br/livro-familia-participacao-cidada>. Acesso em: out. 2017.



Trata-se de outros projetos da Vocação, também apoiados pelo FUMCAD (Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente), como o *Família: participação cidadã* (2013-2014) e o *Famílias que educam* (2014-2015).



Vocação. *Fortalecendo Projetos de Vida* (2015, p. 239). Disponível em: <http://www.vocacao.org.br/downloads/Livro-Fortalecendo-Projetos-de-Vida.pdf>. Acesso em: out. 2017.

Além disso, algo muito poderoso que caracteriza o lazer é a oferta às crianças, aos jovens e aos adolescentes de novas referências positivas para suas vidas. Essa oferta, muitas vezes, aparece como o contraponto necessário a uma série de exemplos e destaques do que há de negativo e que marca as possibilidades cotidianas de agir e atuar.

No trabalho social com famílias, ao vivenciar atividades em que há construção de dinâmicas com foco na igualdade de direitos para todos, integrando gerações, gêneros e classes sociais num ambiente de descontração, novas mensagens são passadas para filhos, sobrinhos e netos que, estando com pessoas especiais para sua vida, descubrem outras formas de se relacionar e de acreditar em suas potencialidades.

Assim, com o lazer comunitário, novas leituras e possibilidades são conferidas ao ambiente das Organizações parceiras do Projeto em que as famílias, por vezes, apenas deixam suas crianças: constrói-se a compreensão de que aquele pode ser um espaço para o qual são convidadas a participar junto a outros membros de sua comunidade, construindo e fortalecendo vínculos fundamentais para o seu desenvolvimento como cidadãos.

Segundo lições aprendidas pela própria Vocação, “famílias que fortalecem seus vínculos por meio de momentos de lazer tendem a estar mais próximas em todos os demais temas comunitários. Essa união e participação remetem a um passo muito importante na relação entre lazer e **desenvolvimento comunitário**”.

Todos esses elementos levam à formação de uma rede colaborativa na qual as pessoas podem elaborar estratégias de fruição do lazer, visando não apenas ao momento imediato, mas também a situações em que elas poderão atuar mesmo sem o apoio direto de uma organização. Um exemplo disso são os resultados obtidos em **outros projetos** da Vocação que envolveram ações de lazer comunitário e tiveram sucesso na mobilização e participação de famílias para a continuidade das propostas e atividades quando os projetos acabaram. Foi o que aconteceu com a instituição Auri Verde, por exemplo, que realiza em seu espaço vários projetos culturais e conseguiu garantir a manutenção de vivências de dança com uma educadora local. Experiências semelhantes ocorrem em outras Organizações da Sociedade Civil, como a Frei Tito Cidade Júlia e a Santa Amélia, cujas comissões de famílias surgiram ou foram fortalecidas nas ações de lazer. Essas e outras conquistas abrem possibilidades de novos projetos para o futuro, para os quais as próprias instituições identificam e mobilizam recursos existentes e também se reconhecem naquele território, atribuindo valor a ele. “Quanto maior o número de atores sociais e de equipamentos públicos e privados comprometidos com o Desenvolvimento Integral de crianças, adolescentes e jovens, mais fortes serão as ações socioeducativas e maiores serão as chances de efetivação da **Dignidade Humana**.”

DE OLHO NO SUAS!

Entendemos que o lazer se vincula às emoções e oportunidades de bem-estar nas relações, de “paixão-alegre”. Na Assistência Social, pela concepção de convivência e fortalecimento de vínculos é dito que “nos encontros que expandem e fortalecem as pessoas, estabelecem-se “paixões alegres”, que ampliam a potência de agir, fortalecendo a vontade de estar com os outros, de compartilhar e de se afirmar como pessoa. Mas se os encontros desvalorizam e reduzem a vitalidade nas pessoas estabelecem-se “paixões tristes”, que imobilizam, deprimem ou geram revoltas. Assim, as emoções não estão dadas, não são passivas, não estão pré-definidas pela característica pessoal, elas são produzidas nos encontros e são força motriz das ações.

 **Concepção de convivência e fortalecimento de vínculos, Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, s/d. p. 19. Disponível em: http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/concepcao_fortalecimento_vinculos.pdf. Acesso em: nov. 2017.**

1.3.2 Premissas e valores

Para a Vocação, o lazer é um campo de experiência porque promove a convivência comunitária, fortalecendo vínculos familiares em uma perspectiva intergeracional e de mobilização social da comunidade em torno do seu próprio desenvolvimento. Ou seja, na efetivação de Projetos de Vida.

Refletindo sobre a ação prática da Vocação na defesa do lazer como campo de experiência, é possível elencar alguns valores essenciais que funcionam como premissas e dão sentido ao trabalho social com as famílias:

- **Convivência comunitária:** considerando oportunidades com baixo custo, acesso facilitado e ampliação de repertório; criação de um ambiente de aproximação, reconhecimento do outro e trocas.
- **Tempo livre:** considerando que pode ser, ou não, uma característica fundamental do lazer; a dedicação a ele remete a carinho e dedicação nas relações familiares.
- **Fortalecimento de vínculos familiares:** considerando o compartilhamento de momentos, a construção de memórias, a priorização da saúde nas relações familiares e conjugais; tudo isso somado à expectativa de ensinar, aprender, apoiar e proteger crianças, jovens e adolescentes pelas referências e pelo convívio.

Esses valores, e suas condições, balizam as ações da Vocação. A partir deles, certas características e efeitos são proporcionados pelas atividades de lazer, como apresentado a seguir.



Palavra de origem latina, *ludus* significa jogo, brincadeira, algo que esteve desde sempre presente na vida humana; são outras maneiras de prover criatividade, fruição e atenção. No livro do historiador holandês Johan Huizinga – *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*, lançado em 1938 (publicado no Brasil pela Editora Perspectiva), o jogo é apresentado como inato ao homem e aos animais, tido por algo absolutamente primário da vida, anterior à própria cultura. Para Huizinga, “É possível negar, se se quiser, quase todas as abstrações: a justiça, a beleza, o bem, Deus. É possível negar-se a seriedade, mas não o jogo”. No livro *Fortalecendo Projetos de Vida*, organizado por Milton Alves Santos e Rita Ladeia, há na primeira seção do segundo capítulo, “Campo de experiência: lúdico”, informações sobre as ações da Vocação nessa área. A obra está disponível na íntegra em: <http://www.vocacao.org.br/downloads/Livro-Fortalecendo-Projetos-de-Vida.pdf>.



Segundo Antonio Carlos Gomes da Costa, em seu livro *Aventura pedagógica: caminhos e descaminhos de uma ação educativa* (2001), “a liberdade também se ensina e se aprende”.

→ Cria o “clima”

É comum ouvir nas atividades: “quando estou aqui, me sinto feliz”. Isso confirma a importância de haver ambiente e espaço físico agradáveis. O “clima” tem vinculação clara com a **ludicidade**, elemento que acompanha o lazer. Nessa construção de clima, o bom humor, a leveza e a postura colaborativa na relação com o outro permitem que sentimentos positivos sejam o foco da experiência. Isso começa na equipe e vai até o cotidiano das famílias.

→ Alimenta a criatividade

Permite criar, deixar fluir nas atitudes, nas atividades, nos pensamentos, nas reflexões. Momentos de lazer tem origem na criatividade, ao mesmo tempo em que a estimulam por meio das **várias linguagens** culturais possíveis e por não estar vinculado a obrigações.

→ Promove liberdade

Todos se empenham em atividades libertadoras que permitem às pessoas realizarem coisas diferentes no seu dia a dia, com prazer, e com outros que as libertam de amarras sociais ou familiares. Ficam livres para **compartilhar vivências e opiniões**. A liberdade é entendida como uma via de mão dupla entre ensinar e aprender.

→ Valoriza o território

A descoberta e o reconhecimento do território são proporcionados conforme vão sendo pensados os espaços para as vivências de lazer. Além disso, o ambiente, o contexto, o lugar, a **identidade cultural local** e os recursos disponíveis para essas experiências são pontos que acompanham as práticas de lazer como busca ou como oferta de bens culturais, praças, parques, ruas, ambiente natural, entre outros espaços.

→ Provoca qualidade de vida

São comprovados os benefícios do lazer em relação às várias esferas de vida. Médicos indicam atividades de lazer para tratamentos; pessoas que usufruem de mais atividades de lazer tem melhores condições de vida, beneficiando a saúde física, mental e os relacionamentos. Isso também se reflete em aspectos emocionais, como o **aumento da autoestima**.

→ Estimula o afeto

Além da comunhão afetiva fortalecida junto às pessoas, diversos sentimentos na construção do sujeito são acessados: os de **pertencimento**, de valorização do momento, do tempo, da atenção recebida, da diversão e da gratidão. A fala dos participantes das ações socioculturais está permanentemente pautada por essas questões. O lazer é sempre citado como um momento de **busca pelo prazer**.

→ Segue perspectiva intergeracional

A **convivência entre gerações** diferentes é entendida pela Vocação como uma premissa fundamental para o lazer comunitário. Cria um ambiente de oportunidades para os filhos, estabelece situações de conhecimento e reconhecimento pelas famílias, congrega e reflete anseios da comunidade pelo desenvolvimento em todas as idades.

→ Integra e é multidisciplinar

Por meio do lazer é possível ter um olhar amplo em relação às áreas de conhecimento e também sobre o cotidiano. Isso porque ambiente, contexto, condições físicas, interesses, identidade local e de grupo, segurança, aspectos psicológicos, dentre muitos outros fatores, devem ser considerados quando há experiências de lazer em pauta. Além disso, é democrático, **quebra fronteiras** e proporciona estímulos para a convivência e a aprendizagem livres, oferecendo oportunidade de acionar redes com mais qualidade e facilidade.

→ Convida ao exercício da autonomia e do protagonismo

Também é um convite à abertura de outras portas que impactam a vida das pessoas. Com ele é possível provocar oportunidades de exercitar a autonomia e o protagonismo; de criar um ambiente de leveza, bom humor e bem-estar; de trazer segurança para as pessoas e exercitar a escuta qualificada e a observação atenta; de valorizar o território e quebrar as barreiras levantadas em momentos formais ou de desconfiança. Por meio do lazer, **as pessoas se apresentam às outras focando em suas capacidades e potencialidades** e não no que lhes falta. Com isso, há maior probabilidade de se desapegarem de alguns rótulos e de se relacionarem com o que as motiva.

→ Educa para a vida

Por meio do lazer são transmitidos valores e conhecimentos para a vida e para as relações: o **respeito pelo o outro**, as descobertas sobre si, a **ampliação de repertório**. Esses conhecimentos levam a outras realidades, de uma vivência na praça à leitura de um livro, por exemplo, permitindo que números, letras, códigos sociais, processos, planejamentos, regras, dentre tantos outros elementos que usamos no dia a dia, possam ser compreendidos mais organicamente. Ainda possibilita a **educação para o lazer**, o que permite aproveitar muito mais as ofertas da vida.

→ Promove desenvolvimento, descanso e divertimento

Os três Ds defendidos por **Dumazedier** fazem sentido para este trabalho, pois refletem a oportunidade de Desenvolvimento Integral unida a outras motivações que estimulam a vivência de momentos de lazer. O pressuposto é que é possível se **divertir, descansar** e também se **desenvolver** ao mesmo tempo.



Nelson C. Marcellino. *Lazer e Educação* (1995).



Joffre Dumazedie. *Lazer e cultura popular* (1973).

→ Fomenta a mobilização social

O lazer também se conecta com a mobilização de vontades e, consequentemente, convida à **participação**. É por esse motivo que, com o passar dos anos, foi conceituado que o lazer comunitário realizado pela Vocação promove processos colaborativos por meio da animação sociocultural e da **Abordagem Colaborativa**, que incentiva a criação ou o fortalecimento de redes nos territórios. Para mobilizar vontades em direção a um objetivo coletivo é preciso conhecer a si, e ao outro, e vivenciar a participação. “É muito melhor você fazer aquilo que tem vontade”, disse uma participante em um dos encontros com as famílias. Para mães, pais, tios, gestores, educadores e trabalhadores em geral, que compõem o ambiente de estímulos e proteção a crianças, adolescentes e jovens, conhecer e respeitar a si mesmo é algo que tem reflexos na comunidade e alimenta Projetos de Vida.

EDUCAÇÃO PERMANENTE DA EQUIPE

Abordagem Colaborativa

Trata-se de uma forma de abordar as relações humanas em que se acredita que as pessoas e suas comunidades são a chave de seu próprio desenvolvimento, pois elas possuem capacidades e recursos para isso, quando atuam juntas e coordenadamente. A Abordagem Colaborativa prioriza: i) as habilidades e potencialidades; ii) o saber local; iii) o poder compartilhado; iv) o processo decisório compartilhado; v) os recursos locais; e vi) a corresponsabilidade e a cidadania nas relações.

Essa abordagem visa transformar realidades sociais e busca reconhecer que as pessoas anseiam por relações flexíveis e respeitadas, nas quais possam participar dando o seu melhor.

Considerar o contexto, valorizar as capacidades de cada um, reunir as diferenças para fortalecer habilidades: todos são aspectos defendidos no *Projeto Famílias e Comunidade em Rede* e fazem parte de uma Abordagem Colaborativa.

Na visão dos pesquisadores norte-americanos John P. Kretzmann e John L. McKnight, essa abordagem exige compreender “que toda pessoa tem capacidades, habilidades e talentos. Viver uma boa vida depende de essas capacidades serem utilizadas, as habilidades expressadas e os talentos compartilhados. Quando isso acontece, a pessoa é valorizada e sente-se empoderada ao se conectar com as outras ao seu redor. Da mesma forma, a comunidade é fortalecida a partir da contribuição de cada uma dessas pessoas”.

 J.P. Kretzmann e J.L. McKnight. *Building communities from the inside out: a path toward finding and mobilizing a community's assets* (1993); L. T. V. Neumann e R. A. Neumann. *Desenvolvimento comunitário baseado em talentos e recursos locais - ABCD*. São Paulo: Global / Instituto para o Desenvolvimento de Investimento Social, 2004.

1.3.3 Lazer para todos juntos: o trabalho intergeracional

Aquela foto dizia muito. Um homem grisalho sentado em um dia livre do trabalho numa mesa de refeitório. Ao seu lado, uma menina concentrada e entre os dois, um lanche, um suco, muitas conversas e risadas, além de um celular para cada, repousados na mesa. Eram neta e avô juntos num sábado, participando do Dia de Café para os pais na instituição GURI (Grupo Unido para a Reinserção Infantil).

Relato de campo redigido pela equipe do Projeto.

Criança, adolescente, jovem, pai, mãe, avô, avó, tio, tia, primo, prima, amigo, amiga, vizinho, vizinha. Repetidas vezes nos encontros com as famílias ouvem-se afirmações como: “É tanta gente importante na vida da gente!”. É na família que se iniciam as referências mais marcantes; são as histórias e as memórias de diferentes faixas etárias que a compõe. A projeção para o futuro, os horizontes, as crenças e os valores se iniciam nesse grupo, a família, com seus vários formatos e arranjos, à qual todos se sentem ligados e pertencentes.

Para desenvolver um trabalho social com os agrupamentos familiares é preciso respeitar as diferentes idades e considerar a diversidade cultural. Cada uma tem sua composição, seus hábitos, suas rotinas e prioridades: a diversidade é uma marca do público com o qual convivemos ao longo desse Projeto.





Nelson C. Marcellino. *Lazer e Educação* (1995).



Em 2015, a Vocação participou do Congresso Internacional de Animação Sociocultural, em Portugal, apresentando o trabalho de lazer comunitário com famílias.

Nessa ocasião, a instituição se aproximou das pesquisas de José Dantas Lima Pereira, Marcelino de Sousa Lopes e Tânia Rodrigues, dentre outros autores. Os três pesquisadores coordenaram a publicação *Animação sociocultural, gerontologia e educação intergeracional: estratégias e métodos de intervenção para um envelhecimento ativo*. 1. ed. Chaves, Portugal: Intervenção, 2015.



Tânia Rodrigues, na publicação *Animação sociocultural, gerontologia e educação intergeracional: estratégias e métodos de intervenção para um envelhecimento ativo* (2015).

Ela é Técnica Superior de Serviço Social na Freguesia de Ramalde, em Portugal, e membro da rede de Parceiros do Lazer Comunitário da Vocação.



Lei Orgânica da Assistência Social, nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8742compilado.htm. Acesso em: nov. 2017.



A Norma Operacional Básica do SUAS nasceu da NOB/SUAS/2005, que posteriormente foi revogada e substituída pela NOB/SUAS/2012. Disponível em: http://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/assistencia_social/nob_suas.pdf. Acesso em: nov. 2017.

No *Projeto Famílias e Comunidade em Rede* a intenção é promover efetivamente a integração entre as diferentes gerações que compõem um grupo familiar e uma comunidade – sempre de maneira livre e espontânea. Essa é uma das premissas do Projeto.

Estar entre diferentes gerações reflete os cenários do cotidiano, pois a vida no dia a dia é **intergeracional**. Com a tendência contemporânea de se dividir cada vez mais os segmentos da população, alguns países têm investido em cuidados para oportunizar a convivência entre as diferentes faixas etárias, sendo que, nos últimos anos, o trabalho intergeracional cresceu como tema de pesquisa e também de atuação em países como **Portugal**, Uruguai e Espanha.

A ação mostra a evidência de que a vida é intergeracional (...)

Aprendemos uns com os outros, partilhamos uns com os outros sejam eles crianças, jovens, adultos e idosos, é neste elogio da vida vivida numa celebração diária que a nossa ação acontece e sempre no compromisso da valorização do saber ser, do saber fazer, do saber e do aprender e reaprender a viver juntos.

No Brasil, as políticas no campo da Assistência Social são incisivas em relação à importância da aproximação entre os diferentes segmentos etários, como pode ser notado na **LOAS**, na Política Nacional de Assistência Social (PNAS/2004) e na **Norma Operacional Básica do SUAS (NOB/SUAS)**. Assim como é importante a relação entre pares – por exemplo, a de uma criança com outra da mesma idade –, a convivência com outras gerações em diferentes espaços estimula aprendizagens e respeito mútuo. Ou seja, estabelece-se como ponto de partida para proporcionar um ambiente de Desenvolvimento Integral ao sujeito.

LAZER PARA QUEM?

É muito bom poder pensar em um momento de lazer para mim e também para o meu filho. E é importante a participação de todos. Fico pensando: 'o que queremos deixar para os nossos filhos?'. Penso o quanto é bom poder me divertir com ele com os jogos da minha infância e com outras atividades também. (...) Muitos não se importam, mas eu acho importante, porque eu lembro que o meu pai participava e isso fazia toda a diferença para mim.

Depoimento de pai em encontro de famílias na instituição GURI.

Como é dito nos encontros com as famílias, o lazer é para todos e o convite para participar das atividades socioculturais é para a família, os vizinhos e os amigos. E é, principalmente, para convidar aqueles com quem se tem os vínculos mais importantes.

O Projeto de lazer comunitário proposto pela Vocação visa garantir condições que favoreçam positivamente a relação entre as diferentes gerações que simbolizam a família. Pretende, assim, criar um ambiente de troca, harmonia, sinergia, aprendizagens distintas, reconhecimento e escuta do outro e de sua história; considerando o contexto e valorizando as capacidades, os talentos e as competências de cada um. É uma iniciativa que dá muita ênfase à **Abordagem Colaborativa** e que permite a todos contribuir, ensinar e aprender.

No imaginário de muitos em nossa sociedade é comum encontrar cenas de crianças brincando, adolescentes estudando, jovens frequentando a universidade e adultos que só pensam em trabalhar para alcançar a aposentadoria quando estiverem idosos. São imagens presentes e que em geral resumem a vida a essa sequência de acontecimentos. Mas, ao se desconstruir o mito de que o lazer é apenas um direito das crianças, vê-se claramente que ele é um direito de todos e que, por meio dele, novas possibilidades de ser e estar no mundo podem florescer.

Incentivando um novo olhar e uma nova abordagem para o lazer, as pessoas tendem a notar outros aspectos atrelados a ele: melhoria na qualidade de vida; perspectivas e visões de mundo mais positivas; acionamento de hormônios importantes ao bem-estar físico e mental; repertório ampliado por viver novas experiências; enfim, descobertas que oferecem ao sujeito um novo leque de opções para que faça suas escolhas.

Um adulto que enxerga novas possibilidades de desenvolvimento, por exemplo, contribui para que as oportunidades na vida de seu filho sejam mais amplas. Além disso, é preciso lembrar que as pessoas com quem se convive também são referências e, principalmente nas famílias, as posturas de cada membro interferem nas perspectivas que crianças, jovens e adolescentes terão para compor seus Projetos de Vida.

As experiências em família geram memórias afetivas que acompanham as pessoas por toda a vida e influenciam diretamente suas decisões e realizações. Quando essas experiências carregam doses de prazer e caracterizam bons momentos, as memórias tendem a despertar



Saiba mais sobre
Abordagem Colaborativa, volte
para a página 30.

positivamente o sujeito. E por meio de lazer é possível obter mais prazer e contato com o outro de maneira mais livre.

Nas ações intergeracionais com o lazer percebe-se o quanto crianças, jovens e adultos podem influenciar ou provocar novas reflexões e descobertas em quem faz parte de seus círculos de convivência. Para a educadora sociocultural de dança, Mariane Oliveira, 23 anos, o trabalho social com famílias por meio do lazer faz sentido justamente porque atende a diferentes idades que se conectam pelo parentesco ou mesmo pela proximidade entre os moradores da comunidade, possibilitando “que todos aprendam a crescer a partir das diferenças”.

DE OLHO NO SUAS!

No campo da Assistência Social brasileira, os Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos “tem a perspectiva de trazer à convivência crianças, jovens, adultos e idosos, fortalecendo as relações entre os diferentes ciclos de vida de forma harmoniosa e respeitosa”. Nos CCINTER, por exemplo, o intuito é que a experiência e as relações de convivência, além da interação entre as gerações, favoreçam a troca de experiências, a valorização cultural, o desenvolvimento de sociabilidades, o reforço à cidadania e a busca pela igualdade social.

✍ SÃO PAULO. Normas Técnicas CCINTER, Coordenadoria da Proteção Social Básica. Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/.../CCINTER_normatec.pdf. Acesso em: jul. 2017.



Atividades intergeracionais
- ACAJI
FOTO Equipe Lazer Comunitário

COMO A VOCAÇÃO FAZ?

A Vocação entende que, além das idades diferentes, as gerações apresentam muitas outras peculiaridades que se complementam. Os interesses são distintos, bem como as preocupações e as formas de lidar com as questões, ou mesmo a maneira como recebem informações e se apropriam delas. Hábitos e rotinas, assim como o impacto disso no corpo, e as características físicas individuais são elementos de diferenciação. Em um projeto em que a convivência familiar e comunitária é uma premissa central, como integrar, atrair, estimular e respeitar o tempo do outro?

É importante destacar que a intergeracionalidade também requer preparo, aprofundamento e dedicação por parte dos profissionais. Trabalhar com público de faixa etária mista exige desenvolvimento de habilidades e estabelecimento de diretrizes e procedimentos, como ocorre com qualquer outro segmento. No caso do trabalho intergeracional, identifica-se que um dos desafios é garantir que o público misto consiga desfrutar, entre outras coisas, da presença um do outro, com todas as diferenças, conflitos, identificações, conhecimentos, experiências e trajetórias.

Em diálogo com o trabalho intergeracional realizado em Portugal, a partir especialmente das pesquisas de **Marcelino Lopes**, os seguintes princípios norteiam a equipe que integra o projeto de lazer comunitário *Famílias e Comunidade em Rede*:

- a solidariedade intergeracional é um desafio base para o desenvolvimento não só de políticas, mas também de espaços de criação social;
- busca-se promover intercâmbio de informação e desenvolver a aprendizagem mútua;
- fomentam-se práticas que fortaleçam a cooperação e as sinergias;
- posiciona-se contra a discriminação em função da idade, do gênero, de deficiência ou dificuldade motora e estimula-se a superação dos estereótipos relacionados à idade, eliminando barreiras;
- acredita-se numa sociedade para todas as idades, entendendo que o desenvolvimento individual ocorre durante toda a vida e que as relações intergeracionais contribuem com a formação do sujeito como cidadão, possibilitando trocas de valores em diferentes espaços;
- organizam-se processos de aprendizagem e estimula-se a geração de projetos criativos baseados na análise e melhoria do meio social;
- consideram-se os vários segmentos, visando à atratividade das atividades às gerações e evitando o que é muito comum: a infantilização dos idosos, os estereótipos fortemente enraizados sobre cada idade e a limitação de quantidade de gerações reunidas.



Marcelino de Souza Lopes (Coord.).
Metodologias de investigação em animação sociocultural. Chaves, Portugal: Intervenção / Associação para a Promoção e Divulgação Cultural, 2011.

Na prática, alguns elementos para estimular esses princípios.

→ **Alinhamento interno constante:** tudo começa com as próprias vivências. É preciso destacar que a equipe direta do *Projeto Famílias e Comunidade em Rede* também é intergeracional, com idades variando entre 20 e 65 anos. Experimentar o que se quer propor às famílias é muito importante, bem como resgatar da história de cada membro da equipe – rememorar fatos marcantes que ensinam como lidar com a heterogeneidade. Junta, a equipe cria novas estratégias e realiza encontros periódicos para trocar experiências de acordo com o que acontece no trabalho com as famílias. Isso garante alinhamento na essência do Projeto e aprendizagem diante da realidade de cada comunidade. Esse alinhamento reflete a estratégia já mencionada da Vocação em investir na Educação Permanente de sua equipe e também na relação com as lideranças comunitárias e gestores das Organizações parceiras do Projeto.

→ **Sensibilizar as famílias garantindo o seu protagonismo:** as vivências socioculturais são escolhidas pelas famílias, considerando todos os atores e idades presentes nos encontros. Com isso, são elas que ativamente orientam a equipe a oferecer atividades de seus interesses.

Aos 61 anos, educadora sociocultural se dedica à dança

“Por volta dos meus 40 anos, estava muito acima do peso e com problemas de saúde. Comecei a frequentar umas aulas de dança e me apaixonei. Me recuperei, me fortaleci e com cerca de 52 anos entrei na faculdade para me dedicar mais a isso. Hoje a dança faz parte de minha vida e trabalhar na minha comunidade me faz muito bem”.

Glória Benevenuto, Educadora sociocultural de dança na instituição ACAJI.

→ **Reconhecer todas as idades como importantes na tomada de decisões:** em encontros com famílias é comum apenas os adultos terem voz nas tomadas de decisão ou nas dinâmicas, desde assinar a lista de presença até decidir por essa ou aquela atividade. No *Famílias e Comunidade em Rede* o início de todo contato com as famílias respeita as opiniões de cada pessoa, independentemente da idade. Nesse momento, alguns participantes se surpreendem ao perceber que a equipe reconhece a presença de todos, inclusive a dos bebês, colocando a pergunta: o que você gostaria de fazer numa atividade de lazer com sua família?

→ **Corresponsabilidade:** a intergeracionalidade em um ambiente de lazer requer a compreensão e corresponsabilidade das famílias desde as tomadas de decisão até as propostas para o melhor aproveitamento do Projeto por todos. Em relação às atividades, por exemplo, é comum em algum momento os tempos e interesses divergirem. Crianças se cansam muito mais rápido em algumas atividades, e mães ficam mais

observadoras em outras. O importante é que o grupo construa confiança para que possa haver clareza nos interesses e nas soluções propostas. É o caso, por exemplo, de as famílias se responsabilizarem pelas crianças e decidirem se elas terão pausas para descanso ou usarão mais algum espaço enquanto acontecem atividades com o educador.

Atividade sem as crianças não era mais a mesma

“O que funcionou muito foi a questão do combinado com as crianças. Neste ano, fizeram combinados diversos – de como elas chegam e como participam nas vivências. Como na Vocação Unidade Icarai elas têm liberdade e são apropriadas do espaço, algumas técnicas são importantes. Os combinados, por exemplo, funcionaram muito bem: elas disseram que, como nas férias não estavam indo na escola e tinham outros combinados com suas famílias – saídas, visita a parentes, etc – não estariam nas atividades neste período. Tanto fez diferença, que os adultos sentiram falta das crianças.”

Jean Mello, Animador Sociocultural da unidade Icarai.

→ **Sinergia entre atores:** as lideranças comunitárias junto aos educadores e animadores socioculturais se apoiam diante dos desafios e do restante da equipe. Quando há clareza de que a proposta é para todos, novas conexões são estabelecidas; isso é estimulado durante o trabalho, visando à coesão nas ações e à cooperação entre todas as partes.

→ **Diálogos e ambiente confortável:** contato direto com as pessoas, canais diferentes de comunicação e rodas de conversa estão presentes nas atividades para que sempre haja espaço de discussão e avaliação propositiva das atividades. Um clima agradável e acolhedor é primordial. Como diz o educador Felipe de Barros Silva, o “Zero”, da oficina de teatro da Associação Comunitária Auri Verde, “o sorriso e o bom humor devem acompanhar a equipe para lidar com todas as gerações”.

→ **Desafios em constante análise e proposições:** atratividade, alternância na presença, equilíbrio com outras necessidades familiares são alguns dos desafios que a equipe enfrenta. Alguns deles são vinculados a características do território e especificidades das organizações onde acontecem. Nesse caso, a equipe precisa estar atenta a todos os detalhes e ser propositiva: verificar o que é exercitado em discussões em equipe; ver as estratégias pensadas com os demais atores; e, principalmente, realizar a análise conjunta com os participantes, o que muitas vezes se desdobra em novas ações e oportunidades, sugeridas e até realizadas pelas próprias famílias.

Um jeito de fazer os pais participarem com os filhos

“É difícil manter e criar rotina, mesmo havendo assiduidade. Uma instituição é muito diferente da outra. Na Auri Verde, o lazer acontece no prédio que não atende outros serviços e aos poucos têm se aproximado novamente da comunidade via projetos independentes ou propostas pontuais, como as mães fazendo aula de Zumba e, ao mesmo tempo, abrigando outras atividades e atendimento de diferentes membros das famílias. Porém, nas atividades semanais com o educador, prevalece o público infantil. Uma das estratégias para conseguir trazer público mais adulto são os pequenos eventos esporádicos. Teve o evento das férias e as pessoas da rua se organizaram para um campeonato de futebol e outras ações. O mote de evento é uma forma de trazer os pais ou responsáveis, apresentar para eles o Projeto e mostrar a possibilidade de trabalho a ser feito junto às crianças.”

Rafaela Peres, Animadora sociocultural, referindo-se ao trabalho na instituição Auri Verde.

→ **Reconhecer o Animador Sociocultural como parte do processo:** o papel desse ator no contexto intergeracional é crucial. A atuação do Animador Sociocultural está diretamente relacionada à **Visão Sistêmica**. Ele tem o papel de fazer as pontes necessárias entre os grupos. Ele aponta o que percebe e traz dados para a equipe em reuniões e formações para atender esse público intergeracional e provocar novas estratégias para as ações que, muitas vezes, se diferem pela importância na atenção aos detalhes.

O fazer junto a todo momento

“Percebi na ACAM que as famílias estavam chegando para as atividades, mas mesmo tendo um grupo heterogêneo, ainda faltava uma relação realmente intergeracional. Conversando com as lideranças comunitárias, nos organizamos para valorizar mais o momento da acolhida, o próprio momento do café, para vivenciarem aquilo que nos aproxima de alguém em outros momentos da vida. Na mesa, todos sentados e conversando, tendo o café como momento de acolhida e de trocas. Hoje isso faz parte da atividade. Quando você faz algo junto, você já se transporta para isso e reflete na relação entre o grupo. É um costume familiar que atrai a colaboração e a soma das habilidades que são sentidas em outros momentos.”

Cristopher Araújo, Animador Sociocultural da Vocação na ACAM.

EDUCAÇÃO PERMANENTE DA EQUIPE

Visão Sistêmica

É uma decorrência do paradigma da complexidade, formulado pelo filósofo francês Edgar Morin, para quem é necessário buscar compreender os fenômenos a partir de uma Visão Sistêmica, ou seja, dialógica, multi-dimensional e não fragmentada.

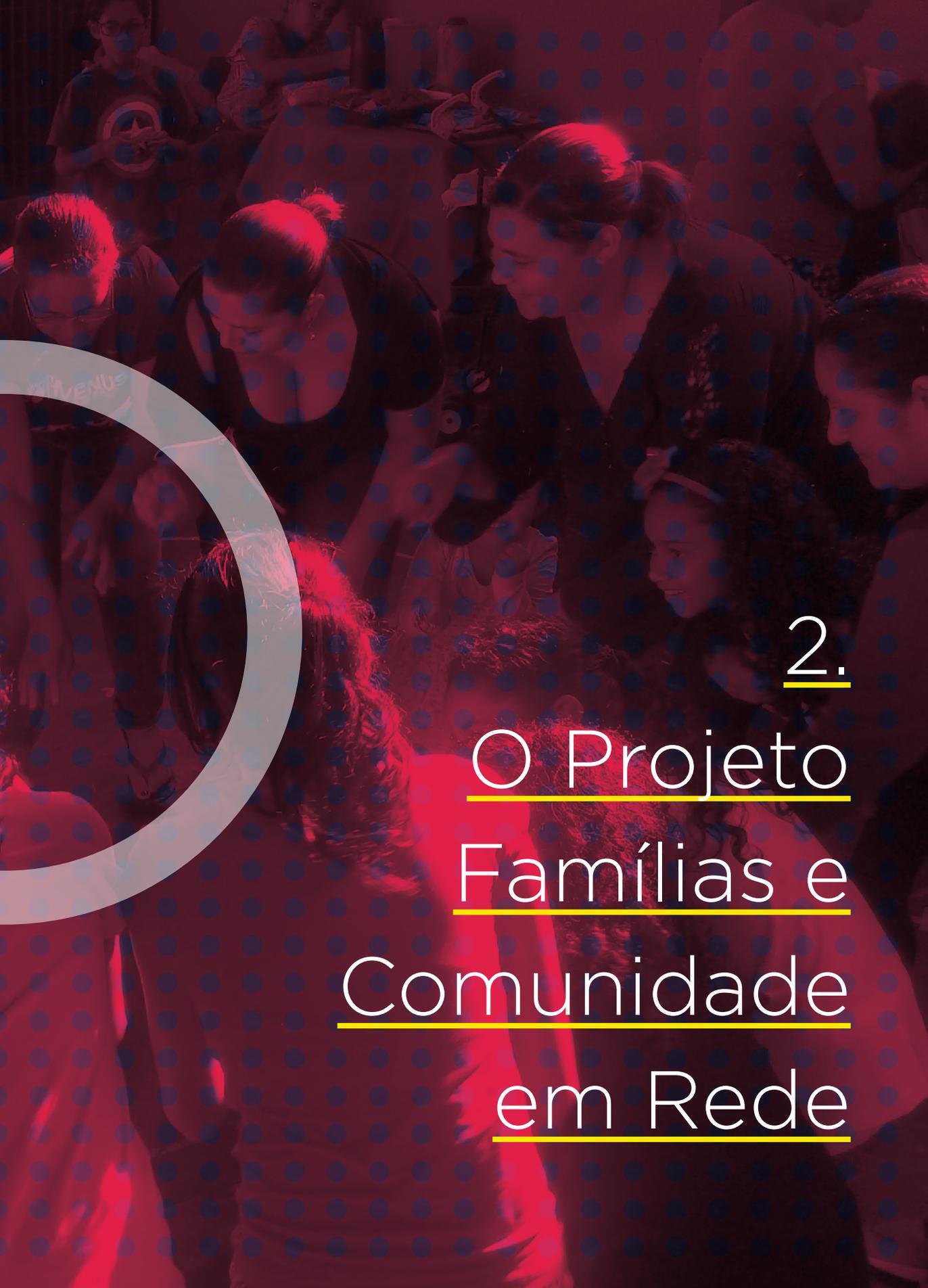
A Visão Sistêmica propõe compreender os sistemas a partir de suas interações: o comportamento de uma pessoa afeta o comportamento de outras e recebe influência de terceiros. Isso ocorre nas famílias e, em geral, em instituições privadas ou públicas.

É uma estratégia de pensamento, não é redutora nem totalizante, mas reflexiva. Essa reflexão ocorre de forma dialógica com outras pessoas, pois um único sujeito nunca conseguirá explicar uma totalidade, é preciso para isso múltiplos olhares de múltiplos atores.



Equipe intergeracional Lazer
Comunitário - Vocação
FOTO Equipe Lazer Comunitário





2.

O Projeto
Famílias e
Comunidade
em Rede

Lazer em Família e Comunidade

- ACAJI

FOTO Equipe Lazer Comunitário



2. O Projeto Famílias e Comunidade em Rede

*Ele gosta, ele brinca, ele se diverte e participa...
ele está mais interativo. Eu trabalho muito, então, para mim,
esse momento é muito gostoso, para eu poder vir
e ficar mais com ele. Dançar, brincar. É motivação pura!*

Douglas, pai e participante, com o filho, das atividades socioculturais.

O Projeto FUMCAD: *Famílias e Comunidade em Rede* surge para provocar a aproximação e a união entre famílias, serviços socioeducativos e comunidade em prol do Desenvolvimento Integral de crianças, jovens e adolescentes de maneira colaborativa e construtiva. Os anos de experiência e investimento social da Vocação, atuando em diferentes territórios junto a Organizações da Sociedade Civil parceiras das comunidades de Campo Limpo, M'Boi Mirim, Capela do Socorro e Cidade Ademar, subdistritos da Zona Sul da cidade de São Paulo, apontaram os caminhos trilhados e foram bastante aproveitados no Projeto.

A construção da proposta contou com encontros formativos da equipe da Vocação com os profissionais responsáveis pelas Organizações da Sociedade Civil e com membros do poder público que estão à frente da supervisão e operação da rede do SUAS. A proposta também passou pela avaliação do trabalho de atendimento direto realizado com as famílias por meio de ações socioculturais, contando, para tanto, com a sistematização da experiência e o acompanhamento da aplicação da metodologia em campo, de modo a identificar caminhos e ampliar o conhecimento adquirido e compartilhado.

A metodologia do trabalho voltado ao lazer com as famílias busca também fomentar e traduzir para as Organizações parceiras a importância de se aproximarem daqueles que tem suas crianças, jovens e adolescentes participando dos projetos socioeducativos. Durante o planejamento do Projeto, e também na adesão das Organizações a ele, os principais desejos e expectativas levantados com os gestores foram:

- a) Trazer as famílias para os Serviços.
- b) Garantir que as famílias tivessem acesso aos direitos e também reconhecessem o lazer como direito.
- c) Proporcionar o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários.
- d) Garantir que as famílias fossem protagonistas das mudanças, não dependentes, mas sim parceiras dos programas.
- e) Promover a autoestima e a valorização pessoal e do território.

Interessante notar que todas essas expectativas estão alinhadas com os objetivos e resultados esperados do Projeto. O *Famílias e Comunidade em Rede* investe no fortalecimento das relações de confiança, na identificação dos talentos e ativos locais e na conexão dos ativos para o desenvolvimento de uma comunidade; visa ter impacto positivo nas relações familiares e na qualidade de vida e, consequentemente, contribuir para a melhoria da qualidade das relações entre as famílias e os serviços socioeducativos prestados pelas Organizações da Sociedade Civil parceiras. A identificação do crescimento do envolvimento das famílias no Desenvolvimento Integral de seus filhos e no seu próprio desenvolvimento são elementos que estimulam esse trabalho de forma contundente.

Para tanto, o Projeto conta com algumas ações que acontecem sempre de modo participativo. São elas:

- 1. Vivências em oficinas semanais.** Ocorrem no **espaço das Organizações da Sociedade Civil parceiras no Projeto** uma vez por semana, após a escolha, por parte das famílias, da atividade que gostariam de praticar e ter como momento de lazer. O Educador Sociocultural é contratado somente após essa escolha.
 - 2. Saídas Culturais.** Configuram-se como um momento de passeio com o grupo que participa das atividades para conhecer outros espaços do território ou da cidade a fim de ampliar repertórios. Está prevista uma saída por Organização.
 - 3. Intervenções culturais ou eventos comunitários.** São iniciativas abertas à comunidade, escolhidas e planejadas pelas próprias famílias junto aos outros atores locais, de preferência despertando vínculos que constituam uma rede. Está prevista uma intervenção ou evento por instituição, com estrutura e apoio da equipe da Organização.
- Além dessas, que contam com a participação das famílias, o Projeto realiza outras ações importantes para o seu desenvolvimento.
- 4. Formações mensais** e alinhamento da equipe de Educadores e Animadores Socioculturais.
 - 5. Oficinas de formação** com Gerentes e Assistentes Técnicos das Organizações da Sociedade Civil participantes.
 - 6. Sistematização das metodologias** aplicadas e das experiências vivenciadas.
 - 7. Seminário** para difusão e trocas das lições aprendidas.

“Quando estou dançando, me esqueço de todos os problemas e trago o melhor de mim”, comentou uma mãe que participa de oficinas de dança do Projeto. Manifestações como essa permitem perceber o impacto positivo que a iniciativa pode provocar na comunidade. O lazer é exercitado em coerência com a Abordagem Colaborativa, proporcionando oportunidades para que todos reconheçam suas capacidades, dons e talentos e, juntos, possam construir algo transformador e de interesse coletivo.

Com base nisso, em busca de extrair a essência do Projeto, que seria compartilhada durante todo o processo, perguntamos às famílias de crianças, jovens e adolescentes que frequentam as Organizações da Sociedade Civil parceiras da Vocação o que entendiam pela expressão *Famílias e Comunidade em Rede*. As respostas trouxeram elementos interessantes. De acordo com os participantes, a expressão os fazia pensar em: “pais com filhos”; “estar entre amigos”; “ter interação”; estar “um integrado ao outro”; haver “responsabilidade entre todos”; haver “respeito e união”; criar “oportunidade de estar, conhecer e construir com o outro”.

COMUNIDADE

“Comunidade é um lugar onde as pessoas se sentem bem-vindas, é um lugar de hospitalidade e amizade (...). Todos são necessários. Uma comunidade que não tem um lugar para todos e cada um, na verdade não é um lugar seguro para ninguém.” (Dos pesquisadores canadenses Mike Green, Henry Moore e John O’Brien, no livro *When people care enough to act: ABCD in action*.)

Desse modo, foi pelos saberes e pela própria compreensão das pessoas daquelas comunidades que o Projeto se delineou. As famílias foram sendo convidadas a participar, alinhando, desde o início, a compreensão do que era a essência do trabalho com todos os envolvidos: uma iniciativa em que todos aqueles que tivessem fortes vínculos com as crianças, jovens e adolescentes – familiares, amigos, vizinhos –, fossem convidados a se conhecer e se reconhecer, a vivenciar Experiências Verdadeiras, com respeito e ampliação do repertório de todos. Nesse processo, criam-se relações de colaboração entre as pessoas e estabelecem-se espaços de convivência, reunindo e unindo o grupo na direção da corresponsabilidade pela proteção e transformação social do território e pelo desenvolvimento pessoal de cada um.

EDUCAÇÃO PERMANENTE DA EQUIPE**Experiências Verdadeiras**

Propor e fomentar Experiências Verdadeiras também é parte importante do trabalho da equipe da Vocação. A noção parte da premissa de que a vivência tem que ser positiva para quem está participando de processos socioeducativos. Jorge Larrosa Bondía diz que a experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. Para esse autor, vivenciar uma experiência significa parar para pensar, olhar, escutar, sentir, suspendendo a ação automática. John Dewey diz que quando o ser humano vivencia uma experiência, gera-se uma sequência de respostas inventivas que permitem adaptação e criação em um determinado contexto. Para ele, qualquer experiência que promova e melhore a qualidade das interações dos indivíduos no ambiente, possibilitando mais e melhores interações no futuro, tem capacidade de produzir aprendizagens. Na metodologia defendida pela Vocação, a experiência será verdadeira se permitir reconstrução e reorganização de certezas, práticas, e conhecimentos prévios, deslocando o olhar, ampliando repertórios, produzindo novos sentidos, eliminando preconceitos e fortalecendo a capacidade de fazer escolhas.

 J. Bondía. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência* (2002).

 John Dewey. *Experiência y Educación* (1958).



Para colocar o lazer em prática, a Vocação se utiliza da Animação Sociocultural como base para as intervenções. Segundo fala de Livia Lima, pesquisadora em Animação Sociocultural, em encontro com a equipe da Vocação, “uma das funções-chave da Animação Sociocultural consiste no fato de as pessoas e os coletivos se transformarem em agentes do seu próprio desenvolvimento e da sua própria aprendizagem ao longo da vida”.



Texto retirado da Carta Rede Social 168, de setembro de 2008. Comunicação pessoal de Augusto de Franco enviada quinzenalmente a interessados por e-mail, desde 2001, antes da fundação da Escola de Redes. Para saber mais sobre o autor e suas pesquisas, veja <http://escoladeredes.net/>.

Outra característica importante é a de que o lazer e os valores da **Animação Sociocultural** são um meio para provocar a mudança de olhar. Quando as famílias se sentem valorizadas, empoderadas, seguras e confiantes de que são respeitadas na relação com as instituições, elas aprendem a participar. E ensinar a participar é a missão da equipe do *Famílias e Comunidade em Rede!* Em outras palavras, estimular o protagonismo e a capacidade de fazer as próprias escolhas, posicionando todos como sujeitos de suas trajetórias, faz toda a diferença e é um dos nortes do Projeto. Como diz Augusto de Franco:

O essencial é devolver às pessoas a capacidade de sonhar e de correr atrás dos próprios sonhos e fortalecer a sua capacidade de comunidade, quer dizer, de compartilhar seus sonhos e de cooperar na busca de objetivos comuns, exercendo seu protagonismo para alavancar seus próprios recursos na solução de problemas, conectando-se horizontalmente em rede, democratizando decisões e procedimentos e inaugurando novos processos participativos de caráter público.

2.1. As bases metodológicas e os fundamentos do trabalho

O caminho não está no céu. O caminho está no coração.

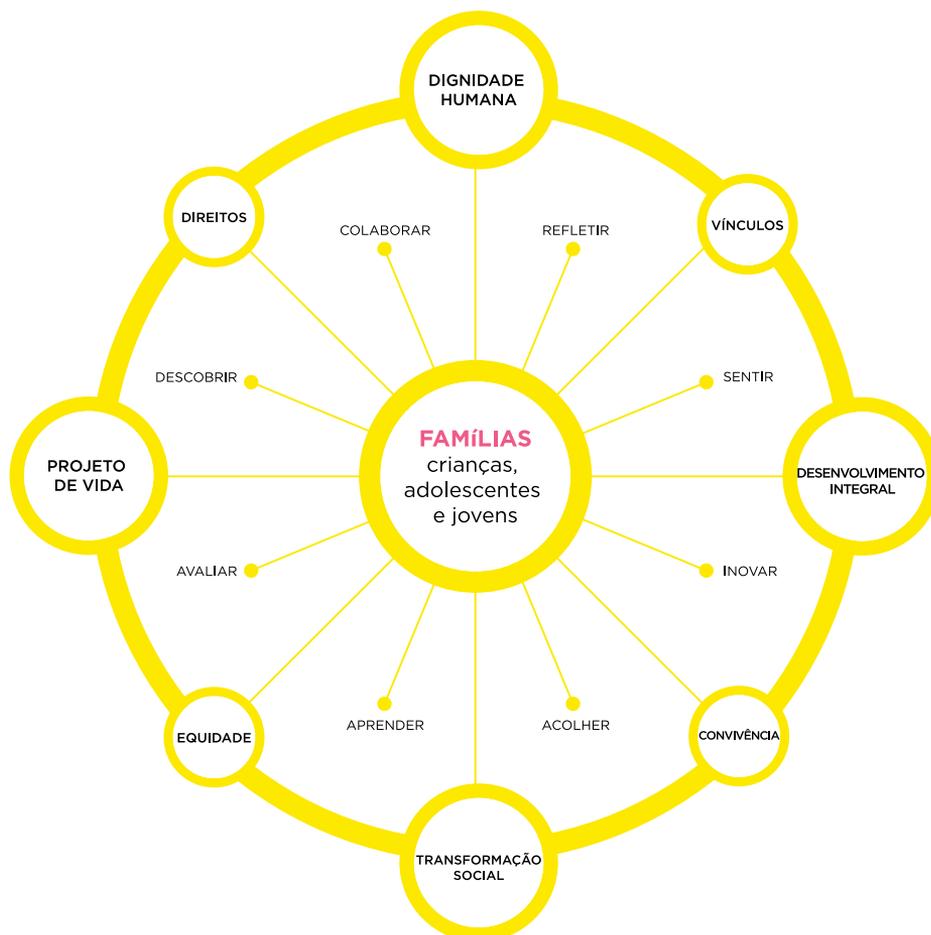
Provérbio budista.

As ações, projetos e programas desenvolvidos pela Vocação partem da premissa de que todo ser humano, independentemente de origem, raça/etnia, gênero, orientação sexual, idade ou condição de vida, é único e merece respeito, cuidado, atenção e oportunidades. Nessa perspectiva, toda pessoa tem a potência de viver e construir seus Projetos de Vida. Cada biografia de vida é importante, tanto das crianças, dos adolescentes, dos jovens e de suas famílias, como das Organizações que contribuem para a construção da cidadania de todos. Refletir sobre essa construção é considerar a dimensão da Dignidade Humana como elemento estruturante da vida das pessoas, tanto individual quanto coletivamente, e essa é uma causa pública defendida pela **Vocação**.

A rosa dos ventos que orienta as ações da Vocação traz os diferentes pontos de referência que norteiam todas as suas iniciativas, incluindo o *Projeto Famílias e Comunidade em Rede: Desenvolvimento Integral, Dignidade Humana, Projeto de Vida e Transformação Social*.



Fernanda Fernandes. *Vocação: protótipo sobre Dignidade Humana para adolescentes e orientadores socioeducativos*. São Paulo: Vocação, 2017.



A metodologia de trabalho proposta pela Vocação é um caminho rumo ao Desenvolvimento Integral das famílias, de suas crianças, seus adolescentes e jovens. A bússola nos indica os grandes nortes dessa caminhada e inclui também alguns outros pontos fundamentais: a importância do estabelecimento de Vínculos, da capacidade de Convivência, da manutenção e garantia dos Direitos, e da busca contínua pela Equidade. Além desses elementos, a rosa dos ventos também tem em seu horizonte movimentos e atitudes que são essenciais, pois auxiliam a operacionalização das ações realizadas pela Vocação: o aprender, o acolher, o colaborar, o refletir, o sentir, o inovar, o descobrir e o avaliar.

OS FUNDAMENTOS

Desenvolvimento Integral

- Pressupõe assumir como desenvolvimento todo o processo dinâmico de permanência e transformação pelo qual as pessoas passam ao longo dos ciclos de vida.
- Todo o desenvolvimento humano é integral, ou seja, ele ocorre de maneira simultânea e inter-relacionada em diferentes domínios e aspectos. Sendo os principais domínios: o físico (crescimento do corpo e do cérebro, mudanças nas capacidades sensoriais, nas habilidades motoras e na saúde); o cognitivo (mudanças nas habilidades mentais: aprendizagem, atenção, memória, linguagem, pensamento, raciocínio e criatividade); e o psicossocial (mudanças nas emoções, na personalidade e nas relações sociais).

Para favorecer o Desenvolvimento Integral, a Vocação cria e fortalece espaços de troca de experiências, de reflexão e de experimentação, na perspectiva de fazer emergir capacidades transformadoras.

Dignidade Humana

- Ao concluir que todo desenvolvimento humano é integral, assume-se que todas as pessoas podem se desenvolver desde que lhes sejam garantidas as condições básicas para tal.
- A noção de Dignidade Humana emerge como um princípio ético e político que permite defender que todos os seres humanos têm direito ao Desenvolvimento Integral. Mas isso implica que cada pessoa é parte de um todo (humanidade) e um todo à parte (personalidade e corporeidade), com suas marcas biográficas que a tornam um ser único, digno de respeito.
- Desse modo, pode-se dizer que a Dignidade Humana se efetiva quando as pessoas em sociedade, e cada pessoa em particular, podem se desenvolver integralmente.

Projeto de Vida

- Se a Dignidade Humana se efetiva quando as pessoas podem se desenvolver integralmente, o Desenvolvimento Integral é manifesto quando as pessoas podem realizar escolhas consistentes, destemidas e autorais. Isso constitui o projeto que cada pessoa vai definindo para si.
- Todas as pessoas têm inclinações, gostos e vontades que vão emergindo já na primeira infância e se sofisticam nos ciclos de vida, conforme o contexto de estímulos e oportunidades que cada um vivencia. Por meio de tais vivências as pessoas realizam escolhas.
- As escolhas que as pessoas fazem ao longo da vida podem ser mais bem realizadas quando contam com orientação e informação. E isso será mais necessário quando se refere às crianças, aos adolescentes e jovens. Mas não se pode esquecer que os adultos, quando orientados e mais bem informados, também tendem a realizar melhor as suas escolhas.
- Só existe escolha quando esta pode ser colocada em prática. Desse modo, há uma relação direta entre Projeto de Vida e liberdade.
- O economista indiano **Amartya Sen** diz que o desenvolvimento consiste na eliminação de privações de liberdade que limitam as escolhas e as oportunidades das pessoas de exercer a cidadania.
- Falar em Projeto de Vida é falar em capacidade de decisão e possibilidades de escolha.
- Ao trabalhar a ideia de Projeto de Vida de maneira associada ao Desenvolvimento Integral, a Vocação aposta na oferta de experiências que impactem a capacidade de fazer escolhas dos indivíduos, tornando-os cada vez mais conscientes, consistentes e fortalecidos para desenvolver o seu próprio caminho como sujeitos e para acessar seus direitos.



Amartya Sen é um economista indiano, vencedor do prêmio Nobel de Economia. Para conhecer mais sobre ele, assista a vídeo em: <https://www.youtube.com/watch?v=UGT5rnNLxOc>. Acesso em: set. 2017. Amartya Sen. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Transformação Social

- O Projeto de Vida defendido pela Vocação é aquele que a pessoa, ao realizar escolhas para si, leva em conta as necessidades sociais, além dos desejos pessoais.
- A oferta de novos horizontes, com novas oportunidades para todos, só faz sentido se as escolhas realizadas pelas pessoas levarem em consideração, além de seus próprios desejos, as necessidades sociais e o compromisso com a coletividade e com a convivência, visando à transformação de um dado território.
- Isso implica compromisso com a justiça e a dignidade, visando à construção de um mundo com igualdade na oferta de oportunidades, com a superação da pobreza e da violência em suas diversas formas.
- Esse compromisso se estende a uma postura de cuidado com o meio ambiente e com as relações interpessoais voltadas à coletividade.

FAMÍLIA COMO FAVORECEDORA DO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL

Ações e atitudes:

- valoriza igualdade de direitos e obrigações, na qual o diálogo existe e não há coerção ou violência;
- convive com outras famílias e aceita a diversidade, afirmando direitos e reconhecendo responsabilidades;
- favorece a construção da identidade das crianças e dos jovens, a partir do afeto, do cuidado e da proteção;
- apoia, participa e incentiva as conquistas das crianças e dos jovens.



Para a construção desse texto, agradecemos as contribuições de Jean Mello, Animador Sociocultural do Projeto.

2.2. Cenário Zona Sul: onde tudo acontece

Conhecer de maneira aprofundada os territórios em que se decide atuar é fundamental para desenvolver um trabalho integrado aos seus contextos de realização. É com esse olhar atento e sensível às especificidades de cada localidade que a Vocação desenvolveu o *Projeto Famílias e Comunidade em Rede* nos territórios em que atua na Zona Sul de São Paulo.

Nos finais de semana, várias práticas emergem nas ruas da Zona Sul da cidade. Essa região poucas vezes é reconhecida por sua força e riqueza cultural, sendo constantemente apresentada pela mídia e em pesquisas somente por seus inúmeros desafios sociais. Nas prefeituras regionais dos bairros de M'Boi Mirim, Capela do Socorro, Cidade Ademar e Campo Limpo, onde acontece o Projeto, os indicadores sociais demonstram uma situação que ainda requer avanços significativos.

A ZONA SUL

O *Projeto Famílias e Comunidade em Rede* atua na Zona Sul do município de São Paulo, capital do estado de São Paulo. A região ocupa uma área de 617,2 km², o que representa, em extensão territorial, aproximadamente 45% da área da cidade, e tem uma população de mais de três milhões de habitantes.



Saiba mais sobre o Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS) na página da Fundação Seade: <http://www.seade.gov.br/08-novembro2013-retrato-socioterritorial-da-metropole-sao-paulo-luz-ipvs/>.

Considerando a dimensão socioeconômica e demográfica, essa região da cidade é classificada como de alta ou muito alta **vulnerabilidade**, com níveis baixos de renda e escolaridade. E mesmo sem ter como referência apenas a renda das famílias, esses territórios apresentam situações bastante complexas em vários outros pontos. Apesar da heterogeneidade nas condições de vida em cada um dos territórios, a vulnerabilidade relacionada a crianças, adolescentes e jovens traz em seu bojo diferentes riscos relacionados à dinâmica familiar e ao local de moradia. Esses aspectos levaram a Vocação a investir no desenvolvimento das competências de crianças, adolescentes e jovens, na formação de educadores, líderes e gestores, e no envolvimento da família com o Desenvolvimento Integral dos filhos, sobrinhos, netos e da própria comunidade como um todo.



Conheça o levantamento sobre projetos, espaços e ações culturais da Zona Sul de São Paulo realizado em nossa publicação *Viver Comunidade: lazer e fortalecimento comunitário* (2013). Disponível em: <http://www.vocacao.org.br/downloads/ViverComunidade.pdf>. Acesso em: out. 2017.



Trecho da letra “Fim de semana no parque”, do Racionais MC’s, lançada em 1993, no álbum *Raio X Brasil*. Para ouvir a música, acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=KqLSnQ7V4U8>.

Entretanto, é importante destacar que, apesar de um cenário marcado pela desigualdade social, a pluralidade cultural, característica de igual relevância, mas em geral pouco valorizada, deve ser considerada também. A região conta com ampla **gama de projetos e ações** de fomento ao incentivo cultural em prol da democratização da cultura. São companhias de dança, de teatro, de música, de poesia, dentre outras inúmeras linguagens que encantam e despertam a atenção. Tais iniciativas repercutem positivamente na paisagem, incidem nas dinâmicas sociais estabelecidas e precisam ser reconhecidas também como agentes do Desenvolvimento Integral.

Dando um pequeno passo investigativo na história recente das periferias de São Paulo, ao olhar as notícias jornalísticas das décadas de 1980 e 1990 e as produções artísticas da mesma época, verifica-se que as denúncias eram a escassez de incentivo e investimento na cultura e no lazer. Equipamentos culturais sucateados, altos índices de violência, lazer comunitário em último lugar na lista de prioridades de políticas públicas direcionadas às extremidades de São Paulo. Composições do mais famoso grupo musical brasileiro nascido na Zona Sul de São Paulo, os Racionais MC’s, revelam o grau de abandono da região no que se refere a espaços e ações de cultura e lazer. O rap “Fim de semana no parque”, composto pelo grupo, sintetiza a imagem desse abandono:

**Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo
Pra molecada frequentar, nenhum incentivo
O investimento no lazer é muito escasso**

Ao se observar a realidade atual, percebe-se que ainda são necessários muitos avanços. Mas, mesmo assim, é inegável que algumas coisas mudaram. Na periferia, hoje em dia, são inúmeras as opções para quem deseja participar de ações envolvendo educação, lazer e cultura. Isso acontece em instâncias diversas. Já são bem conhecidos na cidade de São Paulo os diversos saraus de poesia da Zona Sul; também existem muitos espaços educativos, formais e não formais; são comuns os espetáculos organizados por coletivos periféricos que se apresentam “nas quebradas” e nas regiões mais centrais; há ainda atividades realizadas ou apoiadas por Organizações da Sociedade Civil, como a própria Vocação.

É preciso, portanto, situar-se neste contexto. Se há atualmente na Zona Sul de São Paulo mais incentivo e um trabalho envolvendo o lazer para a garantia de direitos dos cidadãos – os quais historicamente não têm sua cidadania exercida e basicamente garantida –, a Vocação faz parte desse processo e deseja continuar a contribuir com a reversão dos aspectos negativos que marcam esse cenário.

2.3. Em campo: o lazer comunitário na prática

Os passos dessa caminhada foram dados com muito cuidado e atraíram cada vez mais pessoas ao longo do percurso. O trabalho com famílias por meio do lazer comunitário, realizado em 2017, colocou em prática as premissas já apontadas e revelou pontos importantes para uma intervenção na comunidade.

Vale salientar que o percurso não pretendia chegar a um modelo fechado, mas estava em seu horizonte estabelecer parâmetros e possibilidades de atuação, considerando as diretrizes metodológicas e também partindo da experiência concreta do Projeto. Assim, ao conhecer melhor como alguns aspectos desse trabalho foram garantidos, é possível entender os processos e os pontos que semearam essa rede de colaboração, conferindo significado a cada passo e dando sentido para o conjunto de ações.

Agora, a ideia é adentrar nesse campo e entender melhor como funcionou esse Projeto na prática! Inicialmente, vale ressaltar três elementos fundamentais para que o lazer comunitário aconteça:

1. o trabalho com a equipe;
2. a relação com os territórios;
3. as atividades realizadas diretamente com as famílias.

Os dados estão lançados e as regras que orientaram esse jogo já foram apresentadas. Convidamos você a descobrir a importância desses elementos e o passo a passo realizado para concretizar o *Projeto Famílias e Comunidade em Rede*.

2.3.1 A equipe

PASSO 1: O TRABALHO COM FAMÍLIAS COMEÇA DE DENTRO PARA FORA

A formação da equipe é um passo muito importante para dar início às ações em campo. Isso porque é ela a responsável por transmitir aos próximos envolvidos a compreensão clara sobre a essência da proposta, a metodologia de trabalho e os horizontes que os envolvidos perseguirão juntos. Por meio da equipe, diferentes valores são transmitidos, pois se entende que uma das características de sua atuação é ser exemplo para as famílias, fomentando a colaboração entre os demais participantes do processo formativo.

Esse é um ponto essencial ao trabalho da Vocação: o investimento nos detalhes e na qualidade da equipe, por meio da valorização de suas capacidades e do alinhamento constante, faz com que ela se torne apta a encarar os desafios e, mais do que isso, vivencie na prática alguns princípios que multiplicará em campo. Nesse sentido, além da Visão Sistêmica, da Abordagem Colaborativa e das Experiências Verdadeiras, dimensões do trabalho já apresentadas anteriormente, a Vocação lança mão da Homologia de Processos, perspectiva metodológica que busca possibilitar que o profissional vivencie, durante o seu percurso formativo,

experiências que serão desempenhadas na sua prática futura. A ideia é utilizar a experimentação concreta de vivências como estratégia para garantir a coerência entre a formação recebida e a prática. Espera-se, assim, gerar uma reação em cadeia, já que a vivência formativa pode reverberar no modo de atuação do sujeito que vive a experiência em um processo reflexivo sobre o fazer.

EDUCAÇÃO PERMANENTE DA EQUIPE

Homologia de Processos

Essa dimensão do trabalho da Vocação tem como premissa oferecer vivências que mobilizem as atitudes, os modelos, as capacidades e os modos de organização que se quer construir junto àqueles que serão foco de atendimento posterior, na prática cotidiana.

Todos que atuam nas práticas socioassistenciais e educativas aprendem por observação e retiram de suas experiências as bases para seguir melhorando o que fazem.

A Homologia de Processos tem como perspectiva romper com a ideia de repasse de conhecimento, de algo pronto que precisa ser reproduzido, e defende que cada sujeito, de acordo com as experiências vividas, também deve ser autor da sua formação, elaborando e produzindo novos caminhos que poderão ser depois aplicados na prática.

Para a efetivação da Homologia de Processos, a criação de comunidades de práticas é essencial e contribui com o desenvolvimento profissional.

 "Comunidade de práticas" se refere a um grupo de pessoas que se reúne em torno de um mesmo tópico ou interesse e que atua junto para encontrar meios de melhorar suas ações, resolvendo problemas que surgem no dia a dia do trabalho.

QUE EQUIPE É ESSA?

O histórico de trabalho da Vocação com lazer entre famílias permitiu que cada vez mais a instituição aprimorasse a forma de seleção de profissionais, tornando-a mais coerente com a proposta. Assim, atualmente, a equipe é **intergeracional**, **multidisciplinar** e **engajada**, pois se identifica com a causa do projeto.

O processo seletivo do Projeto foi colaborativo desde o início até o fim das contratações. Os passos de contratação foram dados com vistas a agregar profissionais que completassem uns aos outros, desde a afinidade com a metodologia até as formações e ações nas comunidades. É como montar um quebra-cabeça. Hoje, a equipe do *Projeto Famílias e Comunidade em Rede* é formada por:



Especialistas em Desenvolvimento Comunitário e Abordagem Colaborativa, tema base das oficinas realizadas no Projeto.

No trabalho de gestão, orientação e acompanhamento da equipe estão a gerência e profissionais da área administrativa ou financeira da Vocação e as **especialistas em formação**, que têm como horizonte o Desenvolvimento Integral. Faz parte da equipe ainda, o Agente de Desenvolvimento Comunitário, eixo importante e ponte direta com a área da Assistência Social. Para as ações realizadas diretamente com as famílias, atuam a Pesquisadora, Animadores e Educadores Socioculturais, cada um com uma função dentro do Projeto.

A diversidade da equipe é um diferencial. No grupo há pessoas com idades entre 20 e 65 anos, distribuídas entre as várias funções. Áreas de estudo também se complementam: pedagogia, jornalismo, psicologia, sociologia, lazer, turismo, assistência social, educação física, dança, artes cênicas, educação social, educomunicação, gestão de pessoas, endomarketing e outras especialidades que permeiam a experiência profissional adquirida ao longo dos anos em diferentes espaços e reconhecidamente importantes para se conectar ao trabalho. Esse caráter multidisciplinar favorece as trocas nas relações horizontais desde as atividades internas do grupo até

seu desdobramento junto às famílias. Os vários olhares possibilitam trocas ricas e abrem espaço para o profissional que interage com os outros e que exercita a empatia, a tolerância e a aprendizagem compartilhada desde a vivência nos bastidores do Projeto.

ANIMADORES SOCIOCULTURAIS: QUEM SÃO E O QUE FAZEM?

No que diz respeito aos Animadores Socioculturais, a Vocação trilhou no Brasil um caminho um pouco diferente de outros países, como Portugal e Espanha. Lá a profissão de Animação Sociocultural é algo consolidado, está presente na legislação e há inclusive cursos de nível superior. No Brasil, ainda são atribuídos diferentes nomes para a função de Animador Sociocultural: facilitador, ativador, articulador, coach, entre outros. Nomenclaturas que, por vezes, não representam o trabalho que desenvolvem. “Animação sociocultural” ainda é um termo que muitos entendem de maneira limitada e reducionista. Na Vocação, esses profissionais são encontrados em diversas áreas – o que enriquece muito o desenvolvimento dos trabalhos. Para o trabalho social com famílias por meio do lazer, a trajetória, a identificação com intervenções comunitárias, os valores e a postura são os elementos que fazem brilhar os olhos de quem seleciona os Animadores Socioculturais.

A função do Animador Sociocultural no Projeto Famílias e Comunidade em Rede é dar suporte e acompanhar as ações dos Educadores Socioculturais. Sua presença está diretamente vinculada à Visão Sistêmica dos processos socioculturais. Ele é o elo entre as lideranças comunitárias, a gestão das Organizações da Sociedade Civil parceiras e as famílias e está atento ao território e às realidades locais. Além disso, o papel do Animador Sociocultural é promover a participação dos envolvidos nas ações, integrar, inspirar, animar e articular.

Comparado a versões de projetos anteriores da Vocação, os desafios da equipe aumentaram. Ampliou-se o entendimento sobre mobilização comunitária com foco nas famílias dos territórios em que a Vocação atua, além dos significados da Animação Sociocultural.

Assim, o início do projeto foi marcado pelas contratações dos **Animadores Socioculturais** para compor a equipe. Com três vagas oferecidas, inúmeros profissionais foram contatados: uma parte veio do banco de dados da própria Vocação, e a outra foram candidatos que chegaram por chamadas públicas. Para os profissionais selecionados para entrevista solicitou-se que lessem a publicação mais recente relacionada ao trabalho, **Construindo Vínculos Comunitários**.

Peneirar esses talentos não é uma tarefa fácil e os elementos para a definição da atividade precisam ser identificados com bastante cuidado e clareza. Busca-se nesses atores sinergia entre histórico de vida, experiências profissionais e interesses futuros. É com base nisso que a equipe se organiza e intensifica alguns aspectos do trabalho e do modo como vai desenvolvê-lo. Isso é feito com registros, sistematização da prática e Educação Permanente da equipe. Essa postura é que dá subsídios para a sustentabilidade da Organização e da proposta de trabalho e para a transferência de conhecimentos, que só é possível se houver harmonia entre pessoas que saibam reconhecer suas capacidades, competências e vontades. É fundamental estar disponível para aprender e passar aos



A publicação relata a experiência anterior do trabalho social da Vocação com famílias pelo lazer comunitário. Nela, aprofunda-se mais a apresentação da Animação Sociocultural, o histórico, a evolução do conceito e a identificação da nomenclatura para a equipe. Disponível em: <http://www.vocacao.org.br/downloads/Construindo-vinculos-comunitarios.pdf>. Acesso em: out. 2017.



José Luiz Buchetti. *Gestão de pessoas não é com o RH!*
Disponível em: <http://hbrbr.uol.com.br/gestao-de-pessoas-nao-e-com-o-rh/>. Acesso em: out. 2017.

outros a própria bagagem de vida, as experiências acumuladas. E, para que esse processo seja motivador, é preciso que as pessoas estejam entusiasmadas e engajadas, comprometidas e alinhadas com o propósito do lazer comunitário. Afinal, “as pessoas se sentem realizadas quando exercem atividades que lhes **apaixonam**”, seja em projetos sociais, em empresas ou na gestão pública.

A partir daí, novas ferramentas e percepções auxiliam o grupo a lidar de maneira colaborativa com as emoções e podem entender os limites de cada papel no envolvimento com as famílias ou com a formulação de planos e novas estratégias de atuação; também entendem que é a comunicação clara e transparente, as discussões e reflexões e a busca compartilhada de soluções que resolvem crises e conflitos quando o passo dado não corresponde à realidade de determinadas famílias ou da comunidade. É aí que o trabalho acontece e o processo se desenrola.

IDENTIFICAÇÃO E PERTENCIMENTO

É imprescindível que a equipe se sinta uma equipe. Quando se valoriza a importância de cada um para que o grupo tenha sucesso em sua jornada, a motivação e a autoestima são estimuladas, tornando ainda mais coerente multiplicar esses aspectos com as comunidades. É impossível pensar num trabalho social com famílias que não coloque as pessoas no centro. Como afirma o consultor José Luiz Bichuetti “gente é o ativo mais importante nas organizações: é o propulsor que as move e lhes dá vida”. A valorização desse profissional faz parte da política da Vocação, algo que tem sido aprendido a cada dia ao logo dos desafios que este trabalho em campo oferta.

Atualmente, o trabalho social conta com uma alta rotatividade de profissionais nas Organizações responsáveis por executar serviços socioassistenciais, socioeducativos e outras iniciativas voltadas à população, gerando uma necessidade constante de investimento em novos membros em um curto espaço de tempo. São formações, cursos, reuniões e experiências diversas que demandam um cuidado ainda maior com a gestão do conhecimento e com o fortalecimento e o empoderamento da equipe. Um dos maiores objetivos é que os novos membros consigam compreender que a sua história, unida a dos outros, pode compor um novo capítulo com as famílias nos territórios. Respeitando a diversidade, o Projeto olha para cada pessoa da equipe, que pode se apresentar ao grupo e ser reconhecida nas suas similaridades e diferenças e, ao mesmo tempo, deixar de ser apenas “mais um currículo”.

TEMOS UMA EQUIPE! E AGORA, O QUE FAZER?

Para a escrita desta publicação, vários grupos focais e vários Diálogos Generativos foram realizados com o público com o qual a Vocação atua. É importante dizer que os Diálogos Generativos acontecem entre as pessoas da equipe, mas também com as famílias, pois se caracteriza pela ação conjunta, que incorpora as experiências, os recursos e os saberes das pessoas em diferentes contextos para a construção de novas compreensões e novas possibilidades de ação. Durante as discussões e avaliações, sempre participativas ao longo do processo, algo foi destacado por todos em vários momentos: o alinhamento da equipe.

EDUCAÇÃO PERMANENTE DA EQUIPE

Diálogos Generativos

A perspectiva generativa defende que as mudanças necessárias em um sistema são fruto de um esforço de busca e construção de algo novo, e que acaba por tornar obsoleto o modelo anterior.

A construção deste modelo se faz pelo diálogo que põe em ação a inteligência coletiva, possibilitando pensar para além dos limites individuais.

A partir dessa dimensão metodológica, entende-se que são os recursos que as pessoas têm que mobilizam a inovação, recuperando valores e habilidades, superando conflitos e disputas sem abafá-las.

A Vocação acredita que é no encontro, na troca e no compartilhamento que reside a possibilidade de construir algo generativo, em sinergia e em conexão estreita com a realidade e com o contexto dos atores envolvidos. A postura dialógica tem como resultado a produção de novas compreensões sobre os desafios do trabalho cotidiano.

A Vocação localiza nesse alinhamento da equipe um dos diferenciais deste trabalho, o que aconteceu por indicação dos próprios participantes impactados pelo Projeto. Isso é sinal de que mesmo valorizando a importância do dissenso, dos pontos de vista diferentes, da complementariedade e de novas descobertas, o Projeto preocupa-se em manter equipe e causa “alinhadas”, ou seja, busca-se falar a mesma língua e atuar em sintonia com o que se diz.

Para que isso aconteça, ter como base uma postura voltada ao Desenvolvimento Integral é essencial e foi a forma que a Vocação encontrou para garantir os aspectos almejados para as famílias e também para a equipe que atua diretamente com elas.

Vale destacar algumas estratégias utilizadas e que podem continuamente ser aprimoradas, conforme a identidade de cada equipe e as contribuições de seus membros. Assim, além de aspectos relacionais, clima e atmosfera criados pelo grupo, as seguintes iniciativas de gestão auxiliam no cumprimento da missão:

- **comprometimento:** estabelecimento de combinados entre o grupo e busca permanente para realizá-los;
- **comunicação clara e constante:** presencialmente e nas redes sociais, nas agendas compartilhadas, em e-mails e áreas de compartilhamento de dados;
- **monitoramento e articulação:** durante todo o projeto, o acompanhamento e a integração da equipe permitem a articulação entre metodologia e prática, fortalecendo conhecimentos e garantindo o “jeito de fazer” com as famílias e comunidades, em que teoria e ação são equilibradas e se retroalimentam;
- **transparência nas entregas:** planejamento de atividades sistemáticas, registros e avaliações constantes permitem que a metodologia seja participativa e viva, respeitando a realidade das comunidades e cumprindo a proposta do projeto.

O lazer comunitário é livre, é agradável e é também responsável. Essa atenção a cada detalhe do processo e a suas peculiaridades permite que sejam estabelecidas relações de confiança entre parceiros, apoiadores e colaboradores. Para isso, dentre as ações, está a garantia de um calendário que prevê cinco atividades consideradas essenciais para o bom desenvolvimento dos trabalhos: (1) reuniões de equipe; (2) acompanhamento das atividades em campo; (3) planejamento conjunto e avaliações; (4) formação de equipe; e (5) apoio de especialistas e gestão do conhecimento.

ATIVIDADES ESSENCIAIS

REUNIÕES DE EQUIPE

Acontecem com pautas relacionadas às demandas. É a etapa em que a equipe se debruça sobre os **acontecimentos das comunidades**. Exercita-se a colaboração nas tomadas de decisão, nas análises das situações de campo e na criação conjunta de estratégias e soluções. São acompanhados os cronogramas, providências burocráticas e estruturais para as ações com as famílias. Define-se a "Agenda do dia" ou pauta juntos, elencando, inclusive, sequência e prioridades

ACOMPANHAMENTO DAS ATIVIDADES EM CAMPO

A presença da equipe nas ações realizadas nas comunidades acontece constantemente, sendo essencial para acompanhar processos, orientar, coletar dados explícitos ou implícitos e identificar oportunidades de conexões. A Visão Sistêmica é favorecida nesse **contexto**.

PLANEJAMENTO CONJUNTO E AVALIAÇÕES

Todas as etapas e entregas do projeto são planejadas entre os membros da equipe. Ao conhecerem bem o escopo do projeto, é possível organizar as etapas burocráticas com famílias, gestores e comunidade. Também são realizados os roteiros de formação pela equipe que varia conforme o tema.

FORMAÇÃO DE EQUIPE

Espaço reservado para proporcionar a união de toda a equipe e equilibrar o percurso formativo proposto pelo projeto com itens solicitados pelo grupo. As formações representam a oportunidade de ampliação de repertório cultural do grupo, acesso a novos conteúdos e aprofundamento de conceitos que impactam no trabalho exercido com as famílias.

APOIO DE ESPECIALISTAS E GESTÃO DO CONHECIMENTO

Apoio voltado à facilitação, sistematização e pesquisa ao longo do projeto. Esse espaço permite avaliar e fortalecer as estratégias e olhar processo com Visão Sistêmica, propiciando a reciclagem da equipe e a constante adequação entre cultura organizacional, métodos e políticas públicas a que o projeto corresponde. As publicações e a pesquisa acompanham a equipe.

★ **Um dos combinados do grupo é circular com as reuniões de equipe em espaços culturais que possam não conhecer e fazer pontes do Projeto com outras instituições e suas programações. Uma forma de trabalhar a flexibilidade e ampliar o repertório cultural da equipe!**

★ **Em campo, além das atividades previstas, vale a integração com outras que ocorrerão no território ou via outros projetos com as instituições parceiras e as famílias. A proposta é integrar e ir conectando iniciativas, caso haja disponibilidade da equipe. Esse olhar melhora muito os resultados de colaboração e de fortalecimento das relações.**



Faça o download de todas as publicações da Vocação no site: www.vocacao.org.br

Há o esforço contínuo de apropriação pela equipe da produção de conhecimento já presente nas **publicações** e nos registros da Vocação. Desde a seleção, os candidatos têm contato com esse material, que é resgatado ao longo do desenvolvimento do Projeto e que se constitui como instrumental importante de aproximação do novo membro com a proposta. Além disso, as publicações são referências das lições e dos desafios registrados que, ao serem retomados, impulsionam o avanço do trabalho social com famílias para um novo patamar.

Nesse processo, é importante considerar premissas e métodos como orientadores e aliados, sem deixar de garantir a flexibilidade necessária para dar conta do dia a dia e da heterogeneidade de contextos e situações. Um ponto do qual não se abre mão é a preocupação com a qualidade do serviço. Por isso, compondo a equipe de campo, há a presença de uma **pesquisadora**, que participa de todas as etapas do trabalho social com famílias. Trata-se de um diferencial na garantia de alinhamento entre equipe, famílias, gestão e projeto; entre teoria e prática; entre diretrizes e flexibilidade. Nas comunidades, isso foi apontado como um elo entre as ações e também um apoio para a equipe, por fazer refletir trazendo sempre a pergunta: “Fazemos o que dizemos?”.

HOMOLOGIA DE PROCESSOS: UMA PESQUISADORA PARTICIPANTE

Nesse Projeto, o papel da pesquisadora tem relação direta com a perspectiva da Homologia de Processos e com o cuidado com os métodos. Presente nas ações, o registro e a sistematização da experiência realizados pela pesquisadora tem vitalidade por estarem em diálogo direto com os participantes e com a equipe. Esse papel representa o alinhamento da equipe e a multiplicação dos saberes e reflexões do grupo para que haja avanço no trabalho de lazer com famílias. Isso inclui a produção de conhecimento e as publicações.

Algumas experiências e relatos pessoais dizem bastante sobre o trabalho com a equipe. Todas as ações durante a primeira etapa de trabalho, e antes da execução com as famílias nos territórios, demandaram um processo complexo de concepção, preparação, roteirização e organização, sempre realizado por toda a equipe em conjunto.

Um ponto importante a ser ressaltado na maneira de trabalhar do *Projeto Famílias e Comunidade em Rede*, ou melhor, no nosso jeito de fazer, é que qualquer ação a ser realizada – encontro com famílias, processo seletivo dos educadores, formação dos educadores, etc. – não começa como um modelo pronto e fechado que a equipe apenas tem de executar. Ao contrário, o grupo, em conjunto, ajuda a construir, participando de maneira intensa de todas as etapas de cada ação.

As reuniões de equipe, por exemplo, são fundamentais para discussão, organização e alinhamento. Nelas há espaço para dúvidas da equipe e esclarecimentos; recepção às famílias; relato de fatos marcantes da semana em cada território; discussões sobre como lidar com os desafios que surgem nas comunidades; preparação de providências para as ações com as famílias, conforme as ações previstas; estabelecimento de

estratégias e inovações; apresentação de fontes de informações teóricas ou digitais que possam enriquecer as discussões, etc. A pauta é definida pelo grupo de acordo com a dinâmica do trabalho no intervalo entre uma reunião e outra.

Para Rafaela Peres, Animadora Sociocultural da Vocação, “ter um espaço para troca de experiências e para resolução conjunta de eventuais questões que surgiam no decorrer do Projeto foi muito importante para dar mais segurança na execução do meu trabalho. De maneira geral, as reuniões foram instrumentos que funcionaram muito bem, sempre de maneira produtiva e colaborativa”.

Equipe Lazer - Educação
Permanente Vocação
FOTO Equipe Lazer Comunitário





Lazer e Abordagem
Colaborativa - Vocação
FOTO Equipe Lazer Comunitário

ERA UMA VEZ UMA FORMAÇÃO.

Era a primeira vez que todos os Animadores Socioculturais contratados se reuniam. Pessoas de histórias, formações e experiências distintas que trabalhariam juntas. O mais comum nessas situações seria cada um se apresentar, falar de seu currículo e das expectativas em rela o uns aos outros; ou todos receberem um plano de trabalho com as atividades que teriam de realizar. Mas a proposta do dia foi outra: iniciar uma equipe para o trabalho com lazer comunitário e com a essência que isso precisa ter.

ATIVIDADE **Minhas melhores memórias**

OBJETIVO GERAL *Acolher, apresentar e integrar os novos membros da equipe.*

INTENCIONALIDADE *De forma vivencial, despertar o grupo para as conexões, sensibilizando quanto   importância das experiências de lazer no Desenvolvimento Integral dos sujeitos.*

MATERIAIS *Folhas coloridas, canetas hidrográficas, lápis de cor e giz de cera.*

DESENVOLVIMENTO Cada participante   convidado a escolher três folhas de suas cores preferidas para a atividade. Com tempo pré-determinado, os participantes são convidados a reproduzir em cada folha e como queiram – desenho, palavras – as melhores memórias que vierem   sua mente: na infância, na adolescência/juventude e na fase atual. Em seguida, todos circulam pela sala observando as produções dos outros, levando consigo alguns marcadores coloridos para destacar nas folhas dos colegas aquilo com que mais se identificam. Depois, voltam às suas obras, observam os marcadores e se apresentam aos demais contando o que mais marcou positivamente suas fases de vida. A essa altura o ambiente estará descontraído e o diálogo com os demais estará estabelecido. Os participantes saberão identificar aquilo que os une.

RESULTADOS ESPERADOS COM A ATIVIDADE

Além de ser uma forma diferente de apresenta o para o início de um trabalho em equipe,   possível conhecer um pouco melhor o perfil, os valores e os interesses dos participantes e, principalmente, que elementos de sua história se conectam às a es com famílias. Ao estimular as reflexões e sentimentos, o resgate de interesses pessoais facilita a empatia no relacionamento com as famílias.

Ao realizar uma atividade, seja com a equipe ou com as famílias, trabalha-se com as etapas de processamento, generaliza o e aplica o. São etapas de caráter técnico do trabalho, que usam ferramentas da Abordagem Colaborativa para a facilita o de grupos. Nesse caso, os participantes processam o que sentiram ao longo da atividade e depois relacionam isso com a realidade cotidiana para entender melhor como o que vivenciaram se aplica ao trabalho com famílias. Os sentimentos são muito importantes para o trabalho, pois   a partir deles que se inicia uma rela o de respeito, inclusive consigo mesmo. O que se sente sinaliza genuinamente os efeitos de uma experiência para que, após isso, se possa refletir e racionalizar sobre ela. E a rela o dessas a es com os sentimentos que o lazer têm são facilita a sensibiliza o da equipe para atuar com as famílias.

Durante a atividade, era notável a mudança de expressão nos rostos: de preocupados para saudosos. Ao compartilharem suas histórias foi perguntado: o que sentiram? E o mais interessante foi perceber como as experiências pessoais se relacionam diretamente com o lazer. Experiências como viagens, futebol, parques, brinquedos, música, dança, arte, escrita e praia foram rememoradas, com destaque constante para a presença da família nas melhores memórias. No bate-papo, diferentes sentimentos surgiram: alegria, nostalgia positiva, saudade, satisfa o, prazer, felicidade, confiança, liberdade, identifica o, conexão. E ao contar como foi fazer a atividade, o grupo relatou sentir que “todos estavam no mesmo trem”, indo para o mesmo lugar.

Nos relatos dessa experiência, a equipe relatou que foi possível se conectar como pessoas, resgatando valores que são permanentes em suas vidas. Apontaram que iniciar uma reflexão pelos sentimentos impacta, pois vai na contramão do usual num ambiente profissional e que a atividade estava renovando a vontade de permanecer naquele momento e fazer parte deste Projeto. Por fim, disseram que “essa   a melhor maneira de conhecer uma pessoa” e a melhor forma de começar um trabalho em que o foco são o lazer e as famílias.

OS EDUCADORES SOCIOCULTURAIS E A IMPORTÂNCIA DO PERCURSO FORMATIVO

Uma lição aprendida nesse Projeto é que o cuidado para a escolha do educador é fundamental, pois os **Educadores Socioculturais** precisam demonstrar alta capacidade de transitar entre linguagens culturais distintas. E é esperado que possuam um repertório cultural amplo, além de “jogo de cintura” para captar as demandas dos participantes. Essa composição de perfil profissional faz toda a diferença.

EDUCADORES SOCIOCULTURAIS

Nesse Projeto, são os responsáveis pelas linguagens culturais escolhidas pelas famílias como dança, teatro, jogos tradicionais, entre outros. Eles realizam o trabalho diretamente com as famílias, adequam suas oficinas para que sejam Experiências Verdadeiras ao público intergeracional e acompanham as demais ações, sempre articuladas com o Animador Sociocultural.



Foi o que aconteceu com a Glória Benevenuto e a Cione Santana, que já atuam no Jardim Icarai; com o Felipe Barros “Zero”, que é do bairro da Auri Verde; com a Mariane Oliveira, encontrada pelas redes sociais e que finalmente poderá atuar no Campo Limpo, onde mora; e o Alexandre Silva que dedicou horas a conhecer melhor o bairro onde a instituição Santa Amélia está inserida



Como ocorreu com a Priscila Magalhães e a Arabelle Hadife, que já passaram por outros projetos, identificam-se com a Organização e conhecem os territórios.

A contratação dos educadores é um processo dinâmico e paciente e é um desafio encontrar o equilíbrio entre os interesses, conhecimentos e habilidades de cada um e as necessidades do Projeto. Como a busca por profissionais se dá após a escolha com as famílias, não é simples encontrar o educador ideal para cada instituição, ou seja, que tenha conhecimento técnico experiência de vida, e, além disso, ainda disponha do horário escolhido pelas famílias.

Entrevistar os educadores é revelador. A escuta ativa é essencial e a sensibilidade para fazer a próxima pergunta, não somente para obter uma resposta técnica, mas para tirar algo mais e saber o que move o coração deles. As descobertas podem ser surpreendentes. Para além do currículo profissional, há capacidades, talentos, competências, valores e experiências que se identificam ou não com o projeto.

No processo seletivo em 2017, foram feitas inúmeras entrevistas, identificando-se perfis de diferentes faixas etárias, desde o jovem talentoso até idosos bem dispostos e experientes. A maior parte dos entrevistados estava cheia de vontade e aberta a novos desafios. Solicitaram-se indicações das comunidades para buscar **pessoas do próprio território** e também foram procurados os profissionais que já faziam parte da **rede da Vocação**; outros foram garimpados nas redes sociais.

Atenção!

Um cuidado importante da equipe nesse processo foi ter agendado e acompanhado cada novo Educador Sociocultural que chegava pela primeira vez às Organizações da Sociedade Civil parceiras. Ação importante para que pudessem conhecer gestores/lideranças, o espaço, o território e iniciar as conexões, tão importantes para o bom andamento do Projeto.

Depois da seleção, forma-se o time, agora com novas oportunidades e grandes desafios. O principal deles: perceber que cada grupo de famílias e cada território têm suas especificidades e que as propostas do Projeto devem ser pensadas no coletivo para que se encontrem as soluções locais mais adequadas a cada dificuldade identificada. Mas ainda há outros desafios.

- A intergeracionalidade, que pressupõe a habilidade de lidar com diferentes faixas etárias juntas.
- A intermitência da participação das famílias, que não comparecem em todos os encontros. Esse desafio está posto de antemão, uma vez que as famílias são convidadas a viverem momentos de lazer conforme a sua disponibilidade.
- A integração entre as várias atividades, que significa a articulação com as demais estratégias e programas realizados pelas Organizações, para que as ações do lazer comunitário não se tornem algo à parte ou deslocado nessas instituições.

Para lidar com esses desafios, realizaram-se as formações de Educadores Socioculturais entre facilitadores, pesquisadores e participantes, conforme o tema e numa construção conjunta. Essas ações foram realizadas com a flexibilidade de alterar ou enfatizar temas de acordo com a necessidade do trabalho a ser realizado na ponta, tendo em vista os contextos e fenômenos que ocorrem com as famílias nos territórios, considerando as suas diversas particularidades e sem perder o fio condutor do projeto: promover momentos e vivências de lazer para catalisar o acesso a direitos.

As formações representam oportunidades de troca de experiências, momentos de vivência e compartilhamento de diferentes linguagens culturais, espaços de reflexões e apropriação da metodologia da Vocação, situações de criação conjunta de estratégias em que o conhecimento e as perspectivas de todos são utilizados para atuação com as famílias.

A caminhada realizada no decorrer do Projeto, com as formações em constante diálogo com a vida real nas comunidades, trabalhou conteúdos que facilitassem a adaptação dos educadores no trabalho direto com as famílias e, ao mesmo tempo, permitiu que toda a equipe “falasse a mesma língua”. Assim, o percurso das formações da equipe do lazer comunitário compreendeu oito encontros com no mínimo quatro horas de duração cada, com datas e temas definidos com a equipe. Com foco na aprendizagem dos Educadores Socioculturais, conseguiu-se ressignificar as formações, que passaram a ser reconhecidas como importantes oportunidades de troca por toda a equipe do lazer comunitário. As formações aconteceram de maneira a possibilitar que Educadores Socioculturais também atuassem como facilitadores, conforme o tema abordado, criando de fato um ambiente em que as pessoas transitaram com seus saberes e puderam efetivamente aprender, ensinar e trocar.

ENCONTRO 1

Tema

- Território e convivência familiar via lazer comunitário

Objetivos de aprendizagem

- Compreender o papel do Animador e do Educador Socioculturais no Desenvolvimento Integral junto a serviços socioeducativos e mobilização de famílias por meio do lazer.
- Alinhar a equipe em relação ao Projeto, à metodologia e ao trabalho com famílias.
- Identificar a relação entre lazer e trabalho com famílias.

ENCONTRO 2

Tema

- Encontros com famílias nos Serviços

Objetivos de aprendizagem

- Exercitar a criação de encontros com famílias.
- Alinhar os pilares da proposta do Projeto e os valores do trabalho colaborativo;
- Reconhecer a base da Animação Sociocultural como metodologia de participação para auxílio no processo de escolhas da comunidade.

ENCONTRO 3

Tema

- Abordagem colaborativa no trabalho com famílias e Serviços

Objetivos de aprendizagem

- Sensibilizar-se quanto ao seu papel de mediador, propondo experiências de vivências de lazer em família no território.
- Exercitar os pilares da Abordagem Colaborativa.
- Refletir sobre a postura colaborativa no trabalho com as famílias.

ENCONTRO 4

Tema

- Abordagem Colaborativa e Animação Sociocultural para promoção de participação comunitária

Objetivos de aprendizagem

- Planejar e conduzir atividades de imersão cultural promovendo a ampliação do repertório e o contato com diferentes linguagens, situações e espaços.
- Criar, em grupos, reuniões produtivas para trabalhar oportunidades de saídas culturais e eventos comunitários com famílias.

ENCONTRO 5

Tema

- Metodologia Participativa e mapeamento comunitário

Objetivos de aprendizagem

- Instrumentalizar-se com ferramentas de promoção à participação
- Mudança de olhar no território, olhar poético e fotográfico.

ENCONTRO 6

Tema

- Trabalho intergeracional e desafios

Objetivos de aprendizagem

- Aprofundar a compreensão de peculiaridades; importância e criação de estratégias no trabalho intergeracional.
- Trocar saberes e oportunidades de integração em relação às diferentes gerações no trabalho com famílias.

ENCONTRO 7

Tema

- *Famílias e Comunidade em Rede*

Objetivos de aprendizagem

- Identificar os elementos que caracterizam uma rede de colaboração.
- Criar estratégias e ações nas vivências em família que despertem o interesse e fortaleçam as sementes de comunidade em rede colaborativa.

ENCONTRO 8

Tema

- Rede de colaboração

Objetivos de aprendizagem

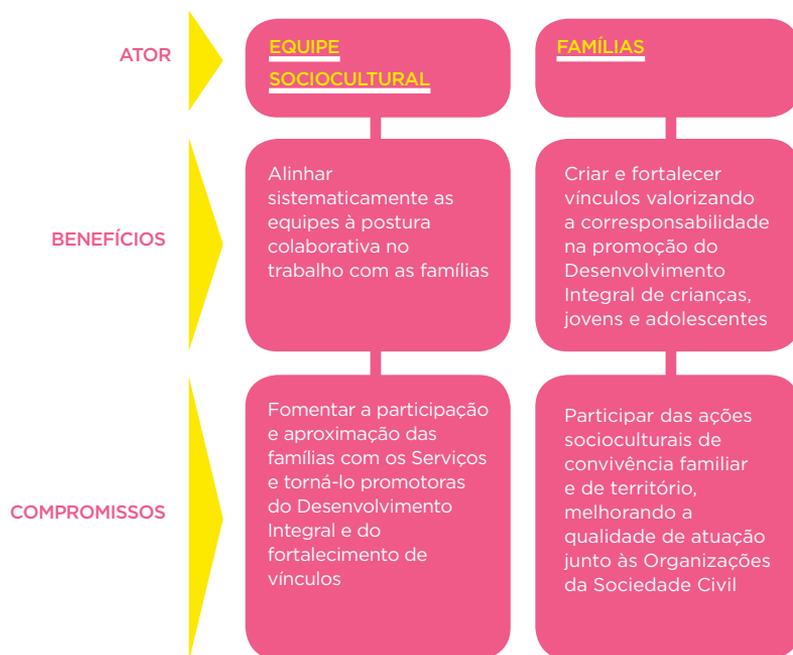
- Avaliar processo e oportunidades de multiplicação de sementes em prol da rede de colaboração no trabalho com as famílias. Preparação do Seminário.

OBJETIVOS JUNTO ÀS FAMÍLIAS

- Desenvolver competências que contribuam para a elaboração de estratégias de mobilização de famílias.
- Despertar capacidades nas lideranças para fortalecer o que planejam e executam junto às famílias nos projetos comunitários.
- Contribuir com o fortalecimento das Organizações da Sociedade Civil por meio da Animação Sociocultural como base no trabalho de lazer com famílias.
- Fomentar a participação e a aproximação das famílias com os Serviços e torná-las promotoras do Desenvolvimento Integral e do fortalecimento de vínculos.
- Provocar famílias e comunidade para a articulação em rede de colaboração.



Com a equipe completa, o esforço passa a ser garantir que ao longo do processo de desenvolvimento do grupo todos estejam atentos para assegurar os benefícios e os compromissos acordados, de modo que a equipe seja capaz de efetivamente multiplicá-los e atinja os objetivos com as famílias.



É importante destacar que o intuito é valorizar o **sentir**, o **pensar** e o **agir**. As formações têm caráter de vivências, e os temas são trabalhados de maneira a valorizar os saberes e os fazeres que o grupo traz, as experiências vividas e a reflexão acerca do que o sentir gera em cada um, para que possam pensar no outro. Assim, poderão criar novas formas intencionais e responsáveis de como agir quando estiverem no trabalho social com as famílias. Tudo isso reflete na qualidade das conexões estabelecidas com o território e com as pessoas que vivem nele.

2.3.2 Os territórios

PASSO 2: IDENTIFICAÇÃO E INTEGRAÇÃO AO TERRITÓRIO

Aqui não tem nada não.

Tem o parque, uma pracinha, mas não acontece nada lá, é só problema.

Frases ouvidas durante encontros com famílias nos territórios.

Falar de território é falar de vida. É nele que o cotidiano acontece e onde as semelhanças e diferenças ficam evidentes. Quando se vai aos territórios, entende-se que nenhum modelo de intervenção comunitária

funciona como algo pronto e estático, pois a realidade com todas as suas nuances está muito além da teoria. É preciso sensibilidade e flexibilidade para compreender o território, dialogar e aprender com ele para, assim, construir novos horizontes.

Algumas etapas são importantes para realizar o trabalho com famílias. Nesse Projeto, as atividades acontecem no bairro em que vivem ou convivem as famílias, em espaços conhecidos por elas e sob a orientação de uma Organização da Sociedade Civil que já atua no Desenvolvimento Integral de crianças, adolescentes e jovens no território.

Ao trabalhar com famílias, é preciso conhecer e entender as especificidades do lugar onde ocorrerá o Projeto e saber de antemão que nenhum grupo é igual ao outro. Por isso, a melhor opção é começar com uma equipe mista, composta por pessoas que já tenham alguma relação com o trabalho que será desenvolvido ou porque moram no mesmo território ou por terem alguma experiência ali ou ainda porque têm vivências complementares ao Projeto. Mesmo assim, cada grupo que se forma é único e a confiança e os vínculos precisam ser construídos desde a base.

Esse é um dos momentos em que o Olhar Apreciativo e a Abordagem Colaborativa são movimentos muito presentes, pois se trabalha com a equipe a ideia de que, numa comunidade forte, a valorização das potencialidades e capacidades está acima das carências.

EDUCAÇÃO PERMANENTE DA EQUIPE

O Olhar Apreciativo

A dimensão do Olhar Apreciativo valoriza a investigação como um processo de conhecer uma cultura, comunidade ou grupo com o qual se está atuando. Por meio dele, busca-se a descoberta dos sucessos passados e o que funciona no momento presente, desafiando todos os envolvidos a sonharem com um ideal e, a partir daí, criarem novos objetivos.

Ao orientar a intervenção para as forças das pessoas e dos grupos, retira-se a culpa e a acusação e se convida para um Diálogo Generativo, que visa ao conhecimento mútuo que famílias, instituições e profissionais mobilizam no seu fazer social.

Para a Vocação, investigar de maneira apreciativa implica uma atitude de abertura e incerteza, o que leva o profissional a questionar e a ouvir seu interlocutor, convidando-o a participar de uma conversa que respeita e honra sua história e seu saber e, ao mesmo tempo, o provoca, procurando torná-lo agente de sua história e autor de sua trajetória na construção de conhecimento.

Os processos apreciativos convidam ao desenvolvimento de uma análise crítica e situacional, em busca das forças e oportunidades que podem orientar a ação para que ela seja melhor e mais eficiente.



A obra em que John P. Kretzmann e John L. McKnight tratam desse tema é *Building communities from the inside out: a path toward finding and mobilizing a community's assets* (1993). Esses pesquisadores dirigem o Asset-Based Community Development Institute. Mais informações em: <https://resources.depaul.edu/abcd-institute/about/founders/Pages/default.aspx>. Acesso em: out. 2017.

Resultado de anos de pesquisa de **John McKnight** e **John Kretzmann** sobre comunidades fortes e da Abordagem Colaborativa, ou ABCD – Asset-Based Community Development –, em tradução livre para o português desenvolvimento comunitário baseado em talentos e recursos locais, o olhar fomentado na equipe deve estar presente em todo o processo. Para muitos, essa abordagem do mundo representa uma mudança de paradigma.

MUDANÇA DE PARADIGMA

DE	→	PARA
Foco nos problemas e dificuldades	→	Foco nas habilidades e potencialidades
Prevalece a opinião técnica do perito	→	Prevalece o saber da comunidade
Poder sobre a comunidade	→	Poder compartilhado com a comunidade
Processo decisório centralizado	→	Processo decisório compartilhado
Recursos ofertados vêm de fora	→	Recursos estão na comunidade
Dependência e clientelismo	→	Corresponsabilidade e cidadania

A partir do Olhar Apreciativo e da Abordagem Colaborativa, segue-se para as visitas de identificação de viabilidade e interesse das instituições que irão desenvolver o Projeto lado a lado com a Vocação, tendo clareza de que naquelas comunidades estão presentes habilidades, potencialidades, saberes e recursos que serão revelados ao longo do trabalho. Os passos seguintes são dados com base em decisões conjuntas e em um pacto de corresponsabilidade no desenvolvimento das ações. Esse compartilhamento de responsabilidades reflete a compreensão do Projeto, a identificação da instituição com a proposta, a relação com as famílias e a horizontalidade a ser exercitada ao longo do percurso.

Com uma equipe multidisciplinar, a chegada aos territórios permite olhares complementares, que são compartilhados e alinhados ao longo das ações. E isso sempre ocorre com a compreensão sobre o que se aprendeu nas comunidades. Assim, para iniciar as ações no território é preciso:

- identificar, no contexto do Projeto, quais instituições poderiam ter interesse na proposta;
- agendar e vivenciar uma visita apreciativa nessas instituições;
- realizar o convite explicando o Projeto, suas entregas e corresponsabilidades;
- propor encontros com os gestores e as lideranças comunitárias que vão acompanhar as ações do lazer comunitário com intuito de semear uma rede de colaboração;
- propor algo ainda não pensado, mas que, ao conhecer melhor o território e os atores, parece importante e faz sentido sugerir.

Considerando essas diretrizes, no início do Projeto foram realizadas visitas e conversas com algumas instituições e com isso conseguiu-se a adesão de seis delas:



Há uma relação tênue entre trabalhar "com" e trabalhar "para" as famílias. Os Serviços existem para atender as famílias e demais usuários, conforme preconiza o PNAS, porém é importante trabalhar com as famílias; dar a elas espaço para que tomem parte nas decisões, promovendo, assim, seu empoderamento.

1. ACAM – Associação Cidadania Ativa do Jardim Macedônia;
2. ACAJI – Associação Criança, Adolescente e Jovem do Jardim Icaraí;
3. AMAI – Associação dos Moradores da Vila Arco Íris;
4. Associação Comunitária Auri Verde;
5. Associação do Parque Santa Amélia e do Balneário São Francisco;
6. GURI – Grupo Unido para a Reintegração Infantil;

Assim, em 2017, o Projeto seguiu pelos territórios e Serviços onde as **famílias participantes** circulam e residem.

IDA A CAMPO: A RELAÇÃO COM AS LIDERANÇAS E GESTORES DAS ORGANIZAÇÕES PARCEIRAS

A partir do momento em que se visita uma instituição, dá-se início à construção das relações que serão estabelecidas com ela. Assim, é muito importante que a visita seja feita com respeito e clareza da corresponsabilidade na proposta de ação.

Ao realizar uma visita, discute-se com a liderança e/ou gestor da Organização a intencionalidade de estar naquele espaço e, então, chega-se a um acordo sobre o melhor caminho para a conversa. Essa ida aos territórios está pautada na investigação apreciativa e na compreensão de que as pessoas são o ponto de partida desse contexto. Os processos apreciativos são focalizados na descoberta dos sucessos passados e também observa-se aquilo que funciona no momento presente, provocando todos os envolvidos a sonharem com um ideal. Ao identificar aquilo que funciona bem na Organização, o que há de positivo, etc., é possível fazer uma intervenção centralizada nas forças, minimizando qualquer sensação de falta ou acusação.

Estar realmente presente no território é essencial, pois permite materializar o conhecimento e as informações com as quais se tem contato. Se a intenção é proporcionar vivências de lazer em família, em uma proposta de fortalecimento de vínculos comunitários, é preciso se aproximar do território e identificar:

- **as pessoas que representam a instituição;**
- **o histórico da Organização/Serviço no território;**
- **a relação com as famílias;**
- **a estrutura física disponível;**
- **as condições de acesso e principais características do território;**
- **as expectativas e valores da instituição relacionados à proposta do lazer comunitário.**

A história de uma Organização está em constante processo de co-escrita e as experiências do passado e do presente, e também o que se projeta para o futuro, podem gerar aprendizagem, inspiração e diferentes formas de interpretação.

É possível reconhecer diferenciais em cada um dos **territórios**, e atentar para o trabalho já desenvolvido pelos serviços socioassistenciais,



Vale lembrar que isso se refere ao espaço do entorno das instituições localizadas em Cidade Ademar, Capela do Socorro, M'Boi Mirim e Campo Limpo.

que podem apontar alguns caminhos para lidar com as famílias convidadas a participar dessa construção conjunta. Todos esses elementos estimulam a equipe a ser criativa ao estabelecer contato com os diversos atores sociais que atuam todos os dias junto à proteção social.

É comum a história das instituições começarem com foco em necessidades, movimentos sociais, reivindicações de melhoria das condições de vida nos bairros, busca pela garantia de direitos e a intenção de multiplicar a educação e a proteção a crianças, adolescentes e jovens de maneira digna.

Durante as visitas, é possível identificar a estrutura física disponibilizada, que varia bastante conforme a instituição ou serviço oferecido, assim como conhecer minimamente a equipe de gestão e as formas de acesso ao local que sedia a instituição. Refeitórios, quadras, salas, pátios, corredores ou espaços públicos podem ser adaptados para que haja vivências de lazer em família. Esse desafio é algo que a Organização, educadores, animadores e famílias devem descobrir juntos, imaginando e experimentando estratégias e possibilidades para aproveitar e valorizar o espaço disponível. Segurança e criatividade também são responsabilidades de todas as partes. Com esses elementos e com as ferramentas adequadas de trabalho, torna-se possível pensar em como desenvolver as atividades previstas.

É importante lembrar que o contexto desses locais contém especificidades que começam com o próprio surgimento e crescimento dessas Organizações, compostas por pessoas que escolheram lutar por uma causa. Há gestores que iniciaram sua jornada como moradores engajados por buscar condições dignas de moradia ou infraestrutura e foram se envolvendo tanto com o território, com suas problemáticas e seus potenciais, que construíram suas vidas em torno das causas comunitárias. Foi o que aconteceu, por exemplo:

- na Auri Verde, cuja história se inicia com o engajamento de Dona Vera Lucia, fundadora da Organização;
- na ACAM, cuja atual diretora, Valdineia dos Reis Araújo, se aproximou da Organização porque seus filhos faziam atividades lá. Ela se identificou com a posposta, agregando às ações da Organização sua liderança e relação comunitária em prol dos Serviços;
- no GURI, em que três lideranças – Irinea Gomes, Elizabeth Soares e Sonia Maria – atualmente gestoras da Organização, iniciaram ações no território e readaptaram toda a estrutura em um terreno residencial, sendo voluntárias e dedicadas ao trabalho com as crianças e a comunidade.

Essas histórias de vida, entrelaçadas às trajetórias das Organizações parceiras do Projeto, estão entre as facetas que a equipe busca entender para descobrir se há vontade e se faz sentido para a instituição desenvolver a proposta do lazer comunitário.

O CONVITE E A ADESÃO: ENCONTRO DE GESTORES

O lazer comunitário promovido no *Projeto Famílias e Comunidade em Rede* tem por base a adesão. Isso vale tanto para a instituição como para as famílias participantes. Na adesão da Organização, a condição é de que se torne corresponsável e seja realmente coautora das atividades a serem realizadas ao longo do Projeto. Isso envolve:

- **encontro com famílias para convite e tomada de decisões em conjunto;**
- **ciência do processo seletivo do Educador Sociocultural após escolha das famílias;**
- **acompanhamento das atividades semanais escolhidas pelas famílias durante o período do Projeto;**
- **participação em uma saída cultural prevista no momento da escolha com as famílias;**
- **participação em uma intervenção cultural/evento comunitário, articulando atores no território.**

O Projeto deve sempre considerar, portanto, a agenda das instituições, de modo a incentivar a integração das atividades voltadas ao lazer comunitário com as demais iniciativas já previstas no calendário anual de cada Organização. Além disso, é importante conhecer a agenda de outros equipamentos culturais, sociais e educativos presentes no território e, sempre que possível, buscar articulá-la às atividades do Projeto.

Nesse processo, a Organização disponibiliza a sua agenda para que as famílias acessem durante as reuniões ou mesmo no momento de inscrição de crianças, adolescentes e jovens no Serviço. Além disso, a equipe tem que estar atenta para identificar programações culturais em bibliotecas, parques, museus, SESC's, CEUs, teatros, dentre outros. O objetivo é sempre divulgar um leque de possibilidades às famílias e, quando possível durante as reuniões de equipe, compatibilizar essas informações com outras atividades previstas no entorno ou no próprio Projeto. Tudo isso é compartilhado pessoalmente ou com o apoio de ferramentas digitais – agenda online, divulgação nas redes sociais, mensagem em aplicativos como o *Whatsapp*.

Após as visitas apreciativas, a etapa dos encontros com o profissional da Organização destacado para acompanhar atividades de lazer, que geralmente são gestores, técnicos ou lideranças comunitárias, permite que uma semente para a criação da rede de colaboração seja plantada. É o momento em que podem conhecer melhor a equipe que executará o Projeto, a temática a ser trabalhada e também os parceiros que estarão passando pelo mesmo processo, ainda que considerando as particularidades de cada um.

O primeiro **Encontro com gestores** do *Projeto Famílias e Comunidade em Rede* foi planejado pela equipe buscando o alinhamento com todos os atores – esse diálogo precisa ser franco e constante para a boa efetivação do Projeto. Nesse momento, nem todos os Educadores

Socioculturais estavam contratados, já que a contratação fazia parte do processo e dependia das escolhas construídas com as famílias.

Vale ressaltar que a identificação com o território é uma constante e ocorre paulatinamente e de diversas maneiras. Nunca se terá uma visão única sobre ele e a aproximação acontece ao longo das etapas do Projeto e das atividades com a participação das famílias e com a presença dos Educadores Socioculturais.

Nesse primeiro encontro, foram propostas algumas atividades práticas com as lideranças, o que permitiu exercitar o olhar para conhecer um pouco mais sobre serviços socioassistenciais presentes nos territórios e também as expectativas dos envolvidos para a ação em conjunto.

Para planejar um encontro como esse, alguns pontos e elementos são fundamentais. Por isso, apresentamos aqui a estrutura do encontro realizado com o grupo de lideranças e gestores das Organizações da Sociedade Civil que aderiram ao Projeto de lazer comunitário em 2017.

Tudo começou antes mesmo do encontro. Faltando alguns dias para o evento, a equipe decidiu iniciar o envolvimento dos participantes com o tema e pediu que todos enviassem uma frase pessoal respondendo à pergunta: “o que é lazer para você?”. As respostas foram utilizadas no final do encontro.

**Encontro com Gestores
do Lazer - Vocação**
FOTO Equipe Lazer Comunitário



Acolher e surpreender

Foram feitas fotos das atividades vivenciadas até aquele momento nas instituições. Fotos das visitas apreciativas, dos encontros com famílias e do início de algumas atividades. Elas foram colocadas em alguns envelopes lacrados. Cada membro de Organização parceira recebeu um envelope ao iniciar o dia, durante a acolhida, como um presente.

Tudo combinado conjuntamente

Os instrumentos para conduzir o encontro foram criados junto ao grupo, definindo, pelos combinados, que o dia seria de trocas, dinâmico, com participação de todos e com o esclarecimento de possíveis dúvidas sobre o lazer comunitário. O Banco de Ideias traz as referências de livros e filmes que contribuem com os temas discutidos e o Estacionamento sinaliza para não avançar com temas não pertinentes ao momento, mas que podem ser retomados no futuro, mantendo o foco do grupo nos temas previstos para o dia.

Estar organizado para reorganizar se preciso for

A programação pode ser reorganizada pelo grupo mantendo-se o objetivo principal do encontro e os combinados. É importante, porém, ter uma base definida, planejada e devidamente organizada em relação a tempo, materiais, espaço e responsáveis.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

1º Encontro com Gestores e Lideranças Comunitárias

Para começar, é preciso ter claro que objetivos se espera alcançar a cada encontro. No caso do *Projeto Famílias e Comunidade em Rede*, para esse primeiro e importante dia, algumas providências foram tomadas. Estão destacados a seguir os pontos essenciais das atividades propostas que tornaram possível o cumprimento do objetivo dessa etapa do Projeto.

OBJETIVOS DO ENCONTRO

1. Compartilhar e integrar as informações sobre as ações de lazer entre gestores/lideranças.
2. Alinhar entendimento da proposta do Projeto, com foco no lazer, e objetivos coletivos do processo.
3. Sensibilizar para despertar vínculos verdadeiros entre as instituições envolvidas (incluindo Vocação e facilitadores) e estabelecer rede de colaboração.

ETAPAS

Acolhida

Café da manhã organizado no ambiente para facilitar sociabilização. Atividade surpresa pensada para que todos se sintam no ambiente “aqui e agora”. Entrega de envelopes fechados para cada instituição. Se possível, para cada participante. Solicitar que não abram!

BOAS-VINDAS DOS FACILITADORES

Apresentação de instrumentos

Foram expostos painéis, folhas com imagem e nome dos instrumentos, e foi proposta uma conversa sobre o papel de cada item. A intenção era decidir se os instrumentos poderiam auxiliar o encontro. Após esclarecimento e preenchimento de alguns instrumentos com o grupo, valida-se o conjunto com todos para utilizá-los ao longo do dia.

Apresentação de Agenda do dia

- Caminhos e trajetórias que se unem.
- O lazer comunitário em nossas instituições.
- *Projeto Famílias e Comunidade em Rede*.
- Avaliação do dia.

ATIVIDADES

ATIVIDADE 1 DEGUSTAÇÃO: INTERVENÇÃO CULTURAL

Degustação de linguagem cultural como vivência de lazer.

O lazer representa Experiências Verdadeiras e, pensando nisso, foi realizada uma dinâmica de integração como uma “degustação” de uma das atividades que são realizadas com as famílias. Os participantes experimentaram uma dança circular, que deu o tom do dia.

INTENCIONALIDADE: integrar e compor o tom e o clima do dia.

RESULTADOS ESPERADOS (E ALCANÇADOS) COM A ATIVIDADE: sensibilizar o grupo para as vivências realizadas com as famílias, valorizar o papel do Educador Sociocultural e permitir aos gestores entrarem em vivência, compartilhando experiência.

Em meu peito eu tenho demais

Em todas as atividades e intervenções, existe clareza de que alguns sentimentos serão acessados. Normalmente, quando se pergunta aos participantes sobre os sentimentos despertados em certa atividade, a tendência é que racionalizem a resposta. Ao acessar esses sentimentos, fortalece-se a ideia de que é preciso olhar para si antes de olhar para o outro. Aqui, o sentimento retira a responsabilidade do discurso, muito atribuída aos profissionais da área social, permitindo-lhes que sejam pessoas que sentem, que se emocionam e que têm empatia. Ao reconhecer os próprios sentimentos, fica mais real e genuína a compreensão dos porquês, de como foi e de como se lida, na prática, com os desdobramentos e lições aprendidas na atividade.

ATIVIDADE 2 CAMINHOS DO LAZER COMUNITÁRIO

Foi construído com o grupo um trajeto como um jogo de tabuleiro com uma linha do tempo voltada ao tema do lazer comunitário.

O objetivo foi promover uma integração entre gestores e Organizações que entraram em fases diferentes e com históricos distintos em relação ao tema. Esse processo foi acompanhado de uma contação de história feita pelos próprios gestores, um a um, do mais antigo ao novo.

Ano a ano no tabuleiro, a cada fase das ações citadas, os participantes encontravam-se no “espaço do tabuleiro”, contando o que havia acontecido em seus Serviços. A equipe também participou.

Ao final, todos chegaram alinhados na mesma fase – “Aqui, Agora” –, o que deu vazão aos sonhos e expectativas (casa da “chegada”).

INTENCIONALIDADE: que os gestores reconheçam e se apropriem das ações socioculturais que acontecem nas instituições, vislumbrando como se interligam.

RESULTADOS ESPERADOS (E ALCANÇADOS) COM A ATIVIDADE: composição conjunta de um histórico em que o grupo todo participa. As conexões e reconhecimento da história do outro provocam o senso de colaboração e, ao mesmo tempo, o respeito ao saber construído e às ações que cada Organização realiza em seus territórios.

ATIVIDADE 3 MEU OLHAR NO TEMPO: VARAL VIVO

Ao chegarem ao final do trajeto com o histórico do lazer comunitário nas instituições, cada representante foi convidado a abrir o envelope recebido no início do dia e falar dos sentimentos que surgiram ao verem a foto, sem mostrá-la aos demais.

Nessa atividade, todos foram convidados a expor as fotos num varal e, em seguida, foi realizada uma roda de conversa sobre os sonhos e expectativas dentro do Projeto.

INTENCIONALIDADE: sensibilizar para vivências e sentimento de pertencimento dentro do Projeto.

RESULTADOS ESPERADOS (E ALCANÇADOS) COM A ATIVIDADE: mesmo numa fase tão inicial do Projeto, muitas imagens já comoviam, pois já eram fruto do processo. O reconhecimento de momentos, que por vezes passam despercebidos no cotidiano desafiador de gestores das Organizações, foi significativo e nomeado como “especial” e “importante”. Imagens dizem mais que palavras e acessar os sentimentos despertados nas ações com famílias foi como ter uma porta aberta para a empatia.

Apareceram sentimentos como alegria, prazer, saudade, satisfação, sensação de pertencimento. E expectativas como ter o “espaço reconhecido pela comunidade”, garantir “participação, comprometimento e empoderamento da comunidade”, conseguir “mais famílias participando integradas” e criar “novos projetos – abrindo o leque para novas descobertas”.

ATIVIDADE 4 O que entendo por lazer e por que o lazer em nossa instituição?

Os participantes foram divididos em dois grupos e cada um recebeu uma caixa contendo as definições sobre lazer enviadas por eles mesmos via e-mail antes do encontro e também com definições de estudiosos, unindo diferentes compreensões. As definições foram impressas e distribuídas entre as caixas de maneira aleatória. Foi realizada uma discussão sobre o que é lazer e, em seguida, cada grupo compôs uma definição que fizesse sentido para todos os envolvidos. Após um bate-papo sobre o

tema, buscou-se alinhar a compreensão e as perspectivas com apoio da **facilitação gráfica**, um instrumento muito utilizado em encontros como esse e do qual a equipe lançou mão nesse momento.

INTENCIONALIDADE alinhar a compreensão dos gestores quanto aos princípios e às perspectivas do lazer e as oportunidades promovidas por ele na mobilização de famílias.

RESULTADOS ESPERADOS (E ALCANÇADOS) COM A ATIVIDADE: compor com o grupo um alinhamento sobre o conceito de lazer a partir de seus saberes e compreensões. Ao incluir definições de estudiosos, percebeu-se uma valorização do conhecimento do grupo e ao mesmo tempo uma discussão sobre a amplitude do tema; os gestores perceberam outras possibilidades já apontadas pelo lazer.

AVALIAÇÃO DO DIA

Ao final, foi feita uma avaliação do dia, participativa e em roda. Foi passada entre o grupo uma cesta com minicadernos, oferecidos como símbolo da participação de cada um no encontro. Os pontos citados foram: satisfação, importância de trocar experiências entre diferentes Organizações e valorização do histórico dessas instituições no território, entrelaçado às histórias pessoais. Os participantes destacaram a importância de estarem em contato uns com os outros e manterem a equipe alinhada e coesa durante o Projeto. O grupo elegeu como desafio principal promover as ações lidando com as especificidades de cada território. As fotos foram o presente da equipe para os gestores, que puderam, assim, mostrá-las a suas equipes de trabalho na comunidade.



Alguns instrumentos não são regra do trabalho, mas sim resultados de uma junção de talentos e capacidades da própria equipe, que se organiza integrando habilidades e inserindo-as nas atividades de maneira orgânica.



Varal de Fotos - Momentos nos territórios - Vocação.
FOTO Equipe Lazer Comunitário

FAZ SENTIDO REALIZAR O LAZER COMUNITÁRIO NA SUA ORGANIZAÇÃO?

Dentre os principais desafios deste trabalho está a disponibilidade das famílias em participar. Hoje as famílias precisam realizar diversas atividades para conseguir subsistir, por essa razão trabalham no sábado, no domingo e durante a semana. Trabalham muito, e o lazer se restringe apenas à televisão. A cena que mais me marcou no Projeto foi uma atitude das participantes, que montaram um grupo de dança e se uniformizaram para participar do nosso sarau. Isso mostra como a atividade as mobilizou e fez com que se comprometessem. Essa oportunidade de acesso à cultura e ao lazer amplia o repertório dos moradores da comunidade. Às vezes a apropriação do espaço já é um princípio de protagonismo. Sinto que a relação entre famílias e instituição melhorou. Vejo mais sorrisos e abordagens mais cordiais.

Thiago Ariel – Gerente do CCA Santa Amélia.

Dentre as atividades propostas no Encontro com gestores, levantou-se a seguinte questão: por que o lazer na sua Organização? Reforçando a premissa de que o lazer é uma escolha, as Organizações da Sociedade Civil que aderiram ao lazer comunitário apontaram motivos para inseri-lo em sua trajetória.

Aproximar as famílias foi unanimidade nas respostas. Os gestores entenderam o lazer comunitário como uma oportunidade de deixar as pessoas mais leves e também de proporcionar o convívio com elas e entre elas. Todos acreditam que, no dia a dia das famílias, ter momentos de equilíbrio que sejam prazerosos pode ser um grande diferencial.

O Projeto foi apontado como uma resposta às dificuldades que essas famílias enfrentam todos os dias, como desemprego ou acúmulo de trabalho para o sustento da família; situações de violência doméstica; dependência química; proximidade com a criminalidade; doenças, etc., mas também como uma possibilidade de apoiar o interesse familiar pelo Desenvolvimento Integral de seus filhos. Esses e tantos outros temas circundam a praticamente a vida de qualquer pessoa, mas nesses territórios são constantemente colocados, como uma espécie de rótulo, como uma regra.

Para os gestores e as lideranças comunitárias presentes no Encontro, o lazer permite a aproximação das famílias, criando novas perspectivas e possibilitando outros olhares, de maneira mais leve e fluída. Na visão deles, além de ser uma válvula de escape dos problemas cotidianos, é possível criar, por meio do lazer, um espaço de relaxamento e diversão, do qual todos podem participar e criar novos vínculos. Nesse novo espaço, a abertura dos Serviços às famílias é um convite ao diálogo, ao exercício prático de direitos e ao reconhecimento dos Serviços como ambientes que fomentam o protagonismo, a autonomia e a crença de que todos têm capacidades, talentos e habilidades importantes. Um marco do lazer é a contribuição significativa para a vida comunitária.

TERRITORIALIZAÇÃO E A IMPORTÂNCIA DOS SERVIÇOS NA COMUNIDADE

Considerando o cenário da Zona Sul da cidade de São Paulo entende-se que as Organizações parceiras da Vocação são instituições de base comunitária que executam ou contribuem diretamente para a efetivação das políticas públicas em seus territórios. No âmbito da Assistência Social, essas Organizações representam ativos locais que atuam e refletem as características do território, uma vez que nascem como parte da realidade local e para apoiar crianças, jovens e adolescentes que moram em seu entorno. Quando há oportunidade de se aproximar das famílias e dos usuários por caminhos mais agradáveis do que os conhecidos encontros “obrigatórios, burocráticos”, o ambiente torna-se mais respeitoso e colaborativo.

Quando uma instituição adere a uma proposta como essa para seu bairro, está validando a importância de abrir as portas para a participação da comunidade de uma nova forma e para a construção de vínculos entre os membros da comunidade de todas as idades. A responsabilidade de entender a dinâmica do lugar em que as famílias vivem, escolhendo ou não participar das atividades de lazer comunitário, é também um caminho para conhecer muitos elementos da cultura local sem ser invasivo e pressupõe criar proximidade suficiente para que os moradores falem do espaço e da região em que vivem pela visão deles mesmos.

Para que haja a democratização do espaço de interesse público e a descoberta de equipamentos culturais disponíveis, é preciso compreender as políticas sociais e o conceito de territorialização a partir do olhar de quem atua diretamente com as famílias e comunidades.

A Santa Amélia, situada em Cidade Ademar, trouxe, em atividade realizada com parte da equipe do Projeto, uma definição de território construída com os atores sociais: “espaço geográfico vivo, de pertencimento, com características específicas que contribuem para a construção da identidade do local, onde se articulam as políticas públicas com foco nas necessidades”. Essa definição simboliza a importância das atividades socioculturais realizadas com as famílias no território, sempre interligadas às políticas da rede socioassistencial que a instituição executa.

A proposta de empoderar as famílias – conforme o Projeto avance e haja mais apropriação de espaços e participação – aumenta até o ponto em que elas exerçam controle social sobre a ação, sobre o espaço, etc. Nesse sentido, a compreensão que tanto os gestores quanto as famílias têm do conceito de territorialização deve fazer parte do cotidiano das ações. Afinal, quais são as características dessa comunidade? De onde vêm as crianças e adolescentes atendidos? Quais são os ativos presentes na comunidade?

Há consenso nos grupos quando se trata o território como um espaço geográfico vivo, porque é nele que a vida acontece, e isso significa que ele é mais do que um mapa no papel e não se restringe necessariamente às delimitações físicas. O centro do território são as pessoas

com seus diferentes talentos, capacidades e recursos. É nele que famílias circulam, se relacionam e constroem suas histórias e memórias de momentos significativos. O território não é estático; está em constante transformação. Ele sofre interferências e passa por alterações em seus espaços simbólicos, e em suas características ambientais e culturais. Novas construções, abertura de praças, ampliação de ruas, escolas por onde passam gerações de uma mesma família, salões de bailes de diferentes épocas, etc. O município ou a população dificilmente o reconhecem em sua amplitude, o que dificulta o acesso às políticas públicas, mas existem belezas territoriais únicas e talentos por todos os espaços.

O território impacta na construção de uma identidade local, estabelece dinâmicas que passam a caracterizá-lo e cria uma marca própria. Quem constrói a identidade local são os diversos atores, as pessoas da comunidade, e fazem isso sempre calcados na relação que estabelecem umas com as outras e com o próprio território. Encontros, rituais, festas juninas, festas religiosas, campeonatos e vários outros eventos marcam o cotidiano e apontam a visão de mundo daqueles que habitam o território, que o constroem. Alguns desses eventos, com certeza, são inspirados nas experiências de outros locais, pois muitos moradores, vindos de outras regiões, trazem consigo uma prática, expressão ou manifestação.

Na Zona Sul de São Paulo, encontram-se as mais variadas referências culturais, reorganizadas na rotina das famílias que frequentam as Organizações da Sociedade Civil. Famílias de cultura mineira, nordestina, nortista, sulista, que compartilham manifestações culturais, que integram e refletem características do ser humano. Cada ser detém direitos e deveres e pode influenciar, com sua participação, a articulação da comunidade em diferentes canais das políticas públicas, específicas e intersetoriais.

Ao pactuar entre Organizações da Sociedade Civil parceiras uma proposta de lazer para as famílias na comunidade, por meio de manifestações socioculturais que elas próprias escolhem, promove-se, além do protagonismo e da participação cidadã, a união entre o “conhecimento da realidade e a dinâmica demográfica associada à dinâmica socioterritorial em curso”, previstos na Política Nacional da Assistência Social **(PNAS, 2004)**. Esse documento, referência do trabalho no campo socioassistencial, cita o geógrafo Milton Santos, que interpreta a cidade “como expressão do conjunto de relações, condições e acessos” e “com significado vivo a partir dos ‘atores que dele se utilizam”’.

No percurso empreendido pelo Projeto, lançou-se inicialmente o olhar apreciativo ao território por meio das primeiras visitas e das parcerias com as Organizações que abriram suas portas às famílias. Aprofundou-se o conhecimento do território durante as experiências de lazer realizadas com as famílias que nele habitam e dele participam. Experimentou-se na prática o que Dirce Koga aponta no PNAS: “pensar na política pública a partir do território exige também um exercício de



A Política Nacional da Assistência Social (PNAS) aprovada pela Resolução nº 145, de 15 de outubro de 2004, está disponível em: http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/PNAS2004.pdf. Acesso em: out. 2017.

revisita à história, ao cotidiano, ao universo cultural da população que vive neste território”.

Ao se abrir espaço de voz e decisão às famílias no planejamento das intervenções, dos eventos e de outras ações sociais, fomentam-se novas formas de articulação no território entre diferentes segmentos, implicando mudanças de cultura e de valores da rede socioassistencial na relação direta com as famílias – semente plantada de maneira sutil e fluída a partir da perspectiva do lazer comunitário.

Definindo-se institucionalmente onde e com quem está a responsabilidade de seguir com o Projeto, é possível unir-se a quem realmente faz com que ele aconteça: as famílias. Para essa próxima etapa, os gestores e as lideranças dos Serviços pensam, junto à equipe do Projeto, algumas estratégias para convidar as famílias. É preciso destacar que a disponibilidade e o comprometimento das lideranças na concretização dos encontros é essencial. Num desafio de curto tempo, os gestores mobilizaram famílias de comunidades distribuídas pela Zona Sul de São Paulo. Elas foram convidadas formalmente, e realizou-se o Encontro com Famílias.

2.3.3 As famílias

PASSO 3 A PARTICIPAÇÃO DAS FAMÍLIAS

Participar não se restringe a aderir, pressupõe o compartilhar, o pôr-se em movimento, o que exige a motivação para um objetivo. Assim, participação pode ser um qualificativo da convivência, uma visão ampliada que inclui estar, posicionar-se nas decisões que lhe dizem respeito.

Concepção de Convivência e Fortalecimento de Vínculos.

(Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2012, p. 22.)

Sendo as famílias o centro do Projeto aqui apresentado, este item pretende trazer um pouco da experiência de contato direto com elas. São elas, afinal, que participam das atividades, quando tem interesse e aceitam a proposta. A chegada dessas famílias se dá a partir do convite das Organizações. Cada convite é realizado conforme estratégias pensadas entre gestores e a equipe de Animadores Socioculturais do Projeto. Eles procuram integrar a agenda anual da instituição e as oportunidades de contato com as famílias para realizar o convite: reuniões pré-agendadas, bilhetes, eventos, conversa na entrada ou saída dos filhos dos Serviços, divulgação em espaços do entorno e até mensagens via celular. Nesse momento, o foco é o levantamento das expectativas das famílias em relação às temáticas a serem abordadas e ao Projeto propriamente dito.



Saiba dicas importantes para realizar reuniões produtivas, siga para a página 97.



Saiba mais sobre Diálogos Generativos, volte para a página 57.



Saiba mais sobre Abordagem Colaborativa, volte para a página 30.

OS PRIMEIROS ENCONTROS COM FAMÍLIAS

Os primeiros encontros com famílias evidenciam como é, na prática, lidar com grupos distintos e pessoas de variados perfis. Em sua maioria, na primeira conversa as famílias ainda não se reconhecem como grupo. Ainda estão na expectativa de entender qual é a proposta e, às vezes, é só nesse primeiro encontro que passam a conhecer outros membros da comunidade; até mesmo vizinhos que até aquele momento nunca chegaram a conhecer. Nessa etapa, também é possível acompanhar mais de perto como se dá a relação da Organização com as famílias. Da maneira de realizar os convites até a afinidade e a liberdade nas interações ou no uso do espaço da Organização, tudo fornece pistas e ideias de como interagir com as famílias e com os membros da instituição. É nessa etapa também que se pode definir quais são as pessoas da equipe mais adequadas para acompanhar as ações em cada instituição.

O que são?

Nos primeiros encontros com as famílias são levantadas as expectativas em relação às ações do lazer comunitário e feito o convite para participação no Projeto. Nesses momentos busca-se realizar **reuniões produtivas**. Com base no repertório que as famílias compartilham, provoca-se um diálogo aberto e **generativo**. As decisões são tomadas em conjunto, buscando o consenso, utilizando elementos da **Abordagem Colaborativa** para que tudo se desenvolva de forma leve e coerente.

Considerando que as famílias, em sua maioria, não têm vínculos de relacionamento entre si ou com a Organização ou nem mesmo se conhecem, há uma preocupação da equipe com as lideranças locais para que o ambiente seja confortável e esteja aberto inclusive ao dissenso, de modo que todos se sintam à vontade, possam se posicionar e tragam novos pontos de vista aos encontros. Esse clima informa um processo de conquistas que acontecerá em longo prazo, mas que já é marcado pelo primeiro contato das famílias com toda a equipe.

Por que são importantes?

Os encontros com famílias são importantes porque marcam em campo, e com as pessoas, um compromisso de atuação da equipe coerente com o seu discurso. Por defender a participação comunitária e o protagonismo dos cidadãos, o Projeto precisa garantir espaços de conversa, estar aberto a questionamentos e a novas decisões, sempre a partir da interlocução e sem que nada seja imposto aos participantes. A ideia é negociar as vontades e construir o processo coletivamente. Por isso, em todos os encontros, a equipe buscou destacar o diferencial do Projeto perguntando: “o que vocês gostariam de ter como atividade de lazer?”.

A possibilidade de escolha é uma das marcas da iniciativa apontada pelas próprias famílias, justamente por ser o oposto do que em geral lhes é ofertado: a programação fixa e sem flexibilidade. Isso de modo

algum retira o mérito de projetos socioculturais que apresentam cronograma e atividades mais fixos, mas amplia a compreensão dos envolvidos para as oportunidades de escolhas que podem ser construídas no cotidiano, inclusive em um espaço democrático frequentado por seus filhos. Essa característica do Projeto está diretamente ligada ao objetivo de promover o Desenvolvimento Integral na comunidade. Nesses espaços, é valioso perceber que o protagonismo pode ser exercitado em pequenos detalhes que fazem toda a diferença para a educação cidadã – e isso vale para qualquer idade.

Nesse sentido, além das escolhas das atividades, o Encontro com Famílias permite uma sensibilização sobre a valorização dos direitos e sobre a importância do lazer e da convivência comunitária para a qualidade de vida e para a proteção das crianças e dos adolescentes. Também representa uma porta de entrada para as famílias refletirem sobre o quanto a aproximação entre elas e com a Organização que atua no território pode resultar em novas ações, pensadas e criadas em conjunto. Esse movimento reforça mais um pilar da Abordagem Colaborativa já mencionado: todas as pessoas têm capacidades, talentos e recursos e, conectadas, geram força e transformação.

Como fazer?

Os encontros com as famílias acontecem em clima de bate-papo, com dinamismo, descontração, atividades lúdicas, diálogos, rodas de conversa e outras técnicas que fomentam a liberdade e dão voz a todos os presentes – de crianças a idosos. Tais dispositivos permitem conhecer melhor características primordiais das pessoas, do grupo e do território, que se apresenta muito mais vivo pela voz das pessoas que dele fazem parte.

O ponto fundamental nesses encontros, que acontecem com a participação dos gestores ou lideranças da Organização, é que as famílias são convidadas, podendo aderir ou não. Para sua boa realização, recomenda-se:

- **Acolhida:** preparar atividade para receber as famílias, como um café com bolacha, bolo, biscoitos; manter o espaço limpo, arrumado e bem organizado para a recepção do grupo.
- **Integração e apresentação:** garantir que tanto a equipe como os participantes do grupo possam se apresentar e se conhecer; garantir um momento que dê o “tom” do encontro e promova a integração do grupo; priorizar dinâmicas que permitam às famílias vivenciar algumas características próprias do lazer, como a ludicidade.
- **Sensibilização para o tema:** garantir que o encontro promova uma reflexão em relação ao lazer, que exercite a compreensão de como a vida dos participantes se relaciona com o tema; priorizar recursos como vídeos, perguntas disparadoras, rodas de conversa, escritos em filipetas, dentre outras opções.

- **Apresentação e domínio da proposta do Projeto:** garantir que os participantes do encontro conheçam melhor a proposta e o objetivo do Projeto e também o papel de cada um – Vocação, Organização parceira e famílias; entendendo as atividades previstas e mais abertas ao tema, as famílias optam ou não por aderir ao Projeto, informando se participariam, se têm interesse e se convidariam outras pessoas.
- **Decisões em grupo:** garantir que seja possível levantar e identificar os interesses das famílias de modo a conseguir definir as linguagens culturais adequadas para as atividades socioculturais semanais que serão desenvolvidas; conhecer os dias e horários que o grupo tem disponíveis e a motivação para frequentar; sondar possibilidades, interesses e desejos relacionados às saídas culturais e à concepção e execução dos eventos comunitários.

INGREDIENTES

Aproximação das famílias

- Convite para participação nas atividades socioculturais propostas no Projeto.
- Início de sensibilização à importância do lazer como oportunidade de convivência familiar e comunitária, como direito e na melhoria da qualidade de vida.
- Definição da linguagem cultural – dança, esporte, artesanato, etc. – que escolhem para realizar semanalmente na instituição.
- Interpretação e alinhamento sobre o que entendem por *Famílias e Comunidade em Rede*.
- Vivência da experiência de ter voz em decisões e se aproximar das Organizações de seu território como coautoras dessa história.

Assim, ao realizar esses encontros, há preocupação com uma série de detalhes que fazem parte da busca por estabelecer uma relação dialógica com o Outro. Há clareza de proposta e é preciso passar segurança para as famílias. Ao mesmo tempo, ter uma escuta ativa para ouvir “o não dito” e o olhar atento para ver além do explícito ou aparente. Vale lembrar que há diferentes perfis de família: familiares que nunca entram na instituição; que trabalham dia e noite; que não trabalham; que são tímidos; que são observadores; que gostam de participar; ou que se sentem a princípio até incomodados, afinal, “eu saí do meu serviço para vir nessa reunião e será sobre lazer?”. Em geral, as famílias são convidadas a frequentar instituições que seus filhos frequentam – a escola, por exemplo, de maneira bem pontual e para resolver questões burocráticas, de comportamento e mesmo problemas relacionados a eles. Quantas vezes uma pessoa costuma ser convidada para escolher o que quer fazer de vivência de lazer em sua comunidade? Isso é um grande diferencial e uma força do Projeto.

E antes que desconfortos se instalem no grupo, essa é a chave de ouro da equipe para promover uma Experiência Verdadeira, capaz de dar sentido ao Projeto e atingir os objetivos desses encontros.



Encontro com Famílias
- Santa Amélia
FOTO Equipe Lazer Comunitário

DEPOIMENTO: UM DIA MARCANTE

"E lá chegavam, pouco a pouco, mães, pais, jovens, adultos, idosos. Alguns com crianças no colo; outros davam lugar para as grávidas se sentarem. No espaço de refeitório em que as crianças se alimentavam durante o dia, se reuniam numa noite de terça-feira pessoas que foram convidadas pela instituição e por outras mães para participarem de um encontro. Neste dia, havia algumas pessoas que não se conheciam, tanto entre os convidados como entre profissionais que andavam para lá e para cá, preparando materiais, canetas, folhas, flipchart. Enquanto uma lista de presença ia passando de mão em mão, alguns olhares desconfiados e outros no relógio. Parecia que não iriam muitos, mas quanto mais escurecia, mais chegavam familiares à Associação Santa Amélia, em Cidade Ademar. Com um sorriso no rosto, o atual gestor da organização deu as boas-vindas ao grupo, fez alguns combinados, agradeceu a toda a equipe da instituição e aos convidados, destacando, é claro, as responsáveis por servirem um café com biscoitos, geleia e outros quitutes muito acolhedores. Disse que respeitáramos todo o combinado dos horários e que gostaria de apresentar algumas pessoas. Para aquele encontro, foi fundamental otimizar tempos e integrar os profissionais que estavam ali, todos por uma mesma causa. Falaram as educadoras sociais sobre os próximos passos com as famílias, se apresentaram as psicólogas voluntárias que iniciariam na semana seguinte sessões de terapia comunitária e algumas mães que compunham a Comissão de Famílias expuseram firmemente sobre a importância de se aproximarem dos Serviços, de estudarem sobre leis e direitos, de serem todos convidados a compor com elas o grupo de estudos para compreenderem e participarem de fóruns e outros espaços de decisões sociais. Após tantas riquezas e ainda desconfiados do horário, os presentes foram apresentados à equipe do lazer comunitário, que estaria ali para o convite à participação em um projeto. Ainda com rostos meio sérios, prestavam atenção ao que era dito. A equipe se apresentou e aos poucos as expressões das famílias foram mudando. Foi com o convite para uma atividade em que todos se sentissem livres a participar, que o gelo começou a ser quebrado. Gostos foram identificados e logo em seguida, uma voz conhecida dos programas de auditório surgiu gerando muitas gargalhadas. Não era uma regra, cada Animador Sociocultural percebe nos tempos e no clima a oportunidade de unir o bom humor às intervenções comunitárias e, ali, registros gráficos, fotográficos, atividades, falas e esclarecimentos fluíram na integração entre equipe e famílias. Tanto que dali em diante, o clima já era de descontração, de sorrisos, de diversão e de falas de todas as idades. Aquele dia foi marcante!"

Paula Souza é pesquisadora do Projeto Famílias e Comunidade em Rede.

A ESTRUTURA BASE DOS ENCONTROS COM FAMÍLIAS

Com objetivos definidos e o grupo formado, a liderança da Organização é convidada a compor a equipe de facilitação, avaliar os melhores caminhos, propor atividades e fechar o roteiro-base. Após essa participação fundamental, incentiva-se que estejam juntos no contato com os participantes. Desse modo, reveza-se nas facilitações, seguindo sempre algumas diretrizes fundamentais e pré-combinadas com as famílias. Combinados como: que esse encontro seja dinâmico; que todos possam falar e também ouvir; que prevaleça o respeito; que seja leve; que se cumpra o horário definido; que haja participação; que se mantenham os celulares no modo silencioso; dentre outros combinados que se façam necessários.



Famílias em Jogos dos Iguais
FOTO Equipe Lazer Comunitário

ATIVIDADE 1: DINÂMICA DE ABERTURA E INTEGRAÇÃO

Jogos dos Iguais

MATERIAIS: qualquer objeto/ fita/ giz que possa representar a divisão do espaço em dois. Utilizam-se também o flipchart e canetões para anotar dados importantes das respostas do grupo.

DESENVOLVIMENTO: Nesse encontro adapta-se a atividade à intencionalidade com cada grupo específico. O facilitador convida a todos para ficarem em pé e afastarem cadeiras ou mesas que estejam no caminho. Com o ambiente livre, mostra ao grupo algo que faça uma divisão da sala em dois lados, pode ser uma linha, um bastão ou outro objeto. A partir de então, inicia o jogo com perguntas relacionadas ao tema do encontro e pede para que as pessoas que responderem “sim” ou “não” estejam em lados diferentes do espaço. Por exemplo: “quem nasceu neste bairro?”. Quem nasceu, vai para o lado esquerdo, quem não, para o direito. Após os participantes se dividirem, é possível ter um diálogo sobre as respostas com novas perguntas ou seguir às perguntas elencadas abaixo como exemplo.

Quem nasceu neste bairro? Quem gosta de parque? Quem gosta de brincadeiras? Quem gosta de música? Quem gosta de dançar? Dançar o quê? Você sabia que ele gosta de dançar? Quem gosta de esporte? Quem gosta de internet? Quem gosta de ir para escola? Quem gosta de ajudar as pessoas? Quem gosta de estar em família?

AVALIACÃO: O que você sentiu com esse jogo?

INTENCIONALIDADE: quebra-gelo, dar o “tom do dia”, criando o clima descontraído e integrar o grupo para que percebam o que os une, a partir das semelhanças encontradas durante o jogo.

RESULTADOS ESPERADOS (E ALCANÇADOS) COM A ATIVIDADE

Identificar pontos importantes com as famílias para a execução do Projeto: características culturais do território; a identificação e o pertencimento das famílias em sua vizinhança; os modos de vida e os hábitos locais, incluindo o repertório que as famílias carregam consigo de outros lugares; os interesses de lazer em comum no grupo; os gostos e o grau de proximidade entre os membros das famílias e da comunidade.

Todos os próximos passos do Encontro são dados junto com as famílias, destacando-se sempre o "com", porque realmente o Projeto é feito com elas. Ao longo do Encontro, é possível ter maior compreensão do grupo, o que entendem por lazer e qual a atividade semanal escolhida. Em seguida, uma roda de conversa é o dispositivo utilizado para apresentar e discutir o tema *Famílias e Comunidade em Rede*, com o objetivo de que todos entendam, juntos, a essência do Projeto, além de conversar sobre as atividades previstas – saídas culturais, intervenções/ eventos comunitários, sistematização e seminário sobre as aprendizagens da experiência.

ORGANIZANDO UMA RODA DE CONVERSA

Há várias formas de conduzir uma roda de conversa. Nesse caso, a facilitação é feita com todos em roda olhando para as palavras escritas no painel *Famílias e Comunidade em Rede*. O convite é para que compartilhem as primeiras imagens e ideias que chegam à mente sobre as palavras do painel e, a partir dos saberes e interpretações das famílias, percebam o que há de entendimento comum e avaliem como será possível, juntos, multiplicar essa compreensão ao longo do Projeto.

Por fim, estabelece-se o comprometimento de todos com os próximos passos e com a execução de tarefas, como a busca e a contratação de educadores voltados à linguagem escolhida e com o perfil definido pelas famílias. Também se estende o convite para participar das ações socioculturais a outros familiares, amigos e vizinhos.

Ao final do encontro, é realizada uma **Avaliação Participativa** com os gestores/lideranças responsáveis pela Organização. Essa avaliação é essencial para garantir os próximos passos e para obter indicações e provocar reflexões sobre a viabilização dos anseios das famílias. Afinal, quais foram as atividades elas escolheram vivenciar?

AS ATIVIDADES SOCIOCULTURAIS

Além de ser uma premissa nas políticas públicas da Assistência Social, esse convívio desperta no grupo o início de relações de confiança e de apoio mútuo para lidar com o cotidiano. As atividades socioculturais em si trazem ganhos, e o conjunto e a regularidade incidem diretamente na qualidade de vida. Garantir a frequência dos participantes ainda é um desafio, mas os ganhos de todos são perceptíveis em todo o processo. Como sintetizou uma mãe participante durante um dos encontros, “queremos um **CCA [Centro para Crianças e Adolescentes]** para a gente também!”.



Saiba mais sobre a Avaliação Participativa, siga para a p. 105.



Os Centros para a Crianças e Adolescentes de São Paulo (CCAs) desenvolvem atividades voltadas para esse público em situação de vulnerabilidade e risco e/ou de violação de direitos, e atuam de acordo com as demandas, potencialidades e interesses da faixa etária que vai de 6 a 14 anos e 11 meses. Por meio de atividades lúdicas, culturais e esportivas, os CCAs buscam promover a convivência, a expressão, a aprendizagem e a sociabilidade, além da proteção social. A rede é formada por instituições conveniadas à Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social.

DE OLHO NO SUAS!

As atividades socioculturais estão diretamente relacionadas com o previsto nas políticas de Assistência Social, pois, nos serviços estabelecidos pelo SUAS são previstas ações regulares que envolvam famílias e comunidade. Uma das orientações de normas técnicas para os Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), por exemplo, é que os dias e horários de atendimento sejam definidos em conjunto com os usuários e a comunidade. O SCFV deve buscar atender às necessidades das famílias do território onde está inserido, a fim de efetivar a interação e a integração familiar e comunitária.

O SCFV deve prever ainda “o desenvolvimento de ações intergeracionais e a heterogeneidade na composição dos grupos por sexo, presença de pessoas com deficiência, etnia, raça, entre outros. Possui articulação com o Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF), de modo a promover o atendimento das famílias dos usuários desses serviços, garantindo a matricialidade sociofamiliar da política de assistência social.

 **BRASIL. Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009. p. 10. Disponível em: http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/tipificacao.pdf. Acesso em: nov. 2017.**

O que são?

As atividades socioculturais são as vivências em família propostas pelo Projeto, que ocorrem, em geral, no espaço das Organizações da Sociedade Civil parceiras. Sempre representam alguma linguagem cultural escolhida pelas famílias – dança, artesanato, esportes – e acontecem em horário combinado com elas, validado com a instituição.

Por que são importantes?

Quando as Organizações abrem suas portas e convidam para usufruir do mesmo espaço as pessoas que possuem vínculos afetivos com as crianças, os adolescentes e os jovens que já participam de seus programas socioassistenciais, dão um passo importante na construção de pontes para relações mais saudáveis e para o Desenvolvimento Integral de todos os envolvidos.

Como conta o animador Jean Mello, “o que mais me fascina no trabalho com famílias, pelo menos em nossa abordagem, é que elas é que são protagonistas do processo como um todo. São promotoras de direitos sociais através do lazer e da cultura. E isso não está apenas em nosso discurso”.

Como fazer?

Um dos processos utilizados para a escolha das atividades socioculturais pelas famílias são os Diálogos Generativos, método de trabalho utilizado para a Educação Permanente da equipe, mas também ferramenta do trabalho com as famílias. Esses diálogos partem de questões norteadoras tais como:

- O que você mais gosta de fazer e onde costuma ir?
- O que tem para fazer aqui no bairro?
- Qual o seu tempo livre na semana e o que costuma fazer?
- O que é lazer para você?
- Que atividade você gostaria de fazer no bairro com sua família?

O foco são as famílias, e espera-se que os diálogos reflitam sobre as ações desenvolvidas com elas. As respostas dadas às perguntas vêm em meio a muitas memórias: a dança, a praia, o parque, a bola, o esconde-esconde, o pão, a queimada, o jogo das cinco-marias, as brincadeiras de roda, a amarelinha. Lembranças de momentos de lazer, amizade e alegria. “As brincadeiras não mudam, o que muda é a forma de brincar”, disse um pai, que agora aprendeu o que é *WhatsApp* e *Facebook* para interagir com os filhos. Todos aprendem porque “são momentos muito bons”, a “saudades” da convivência em família e o sentimento de “eu também quero fazer isso tudo com meus filhos” são constantes nas vivências proporcionadas pelo Projeto.

Durante a fase de escolha das atividades na implantação em 2017, obteve-se uma média de 40 pessoas presentes nos encontros por Organização.

Algo que chama a atenção é a satisfação das famílias e, novamente, o estranhamento ao saberem que podem palpitar e escolher o melhor dia e horário para o grupo.

Para cada território algumas questões foram primordiais, e o quadro a seguir é uma conquista dos grupos do Projeto em 2017. Para a ACAM, por exemplo, as sextas-feiras após o expediente foi citada como o melhor dia para descarregar as energias e estar livre para outras atividades no fim de semana. Na ACAJI, a terça-feira foi escolhida por já haver um público atrelado a esse dia da semana, e assim por diante. Dentre as atividades, é notável como as famílias tendem a optar por aquelas que contemplem também um outro tempo necessário que é o da atividade física. Lazer e prática física, assim, andam juntos em grande parte das escolhas.

Com as brincadeiras e jogos tradicionais, boa parte das escolhas tiveram como base memórias resgatadas da infância, de uma vontade das famílias de vivenciar as experiências novamente, agora com as crianças e os jovens.

ORGANIZAÇÕES	LINGUAGENS	PROGRAMAÇÃO (DIA/HORA)
ACAM – Associação Cidadania Ativa do Jardim Macedônia	Dança e Condicionamento Físico	Sexta-feira (19h-22h)
ACAJI – Associação Criança, Adolescente e Jovem do Jardim Icarai	Danças Variadas e Condicionamento Físico	Terça-feira (8h30-11h30)
AMAI – Associação dos Moradores da Vila Arco Íris	Gincanas e Brincadeiras Tradicionais	Sábado (9h-12h)
AURI – Associação Comunitária Auri Verde	Teatro	Quinta-feira (18h30-21h30)
GURI – Grupo Unido para a Reintegração Infantil	Gincanas e Brincadeiras Tradicionais	Sábado (9h-12h)
Santa Amélia – Associação do Parque Santa Amélia e do Balneário São Francisco	Danças Variadas e Condicionamento Físico	Terça-feira (8h30-12h30)
Vocação – Unidade Icarai	Danças Variadas e Condicionamento Físico	Sexta-feira (19h-22h)

Vale lembrar que, conforme combinado com as famílias, há flexibilidade para ampliar as possibilidades de atividades de acordo com os interesses do grupo, sendo possível incorporar, por exemplo, caminhadas até o serviço socioassistencial, socioeducativo ou outro oferecido pela Organização; atividades na praça; outra linguagem que o educador domine. A ampliação das atividades precisa ser acordada e viável para todos. Essas novas atividades acabam sendo sementes de iniciativas do próprio grupo, que aproveitam espaços e talentos locais.

É por meio dos interesses das famílias que se chega às decisões para as atividades. Isso significa que além da mobilização de vontades, no trabalho social com famílias é crucial entender seus reais interesses – mesmo que eles mudem com o tempo. No campo do lazer, defende-se que quando alguém escolhe um momento para desfrutá-lo, é conforme um interesse cultural. Os interesses culturais são apresentados como manuais físico-esportivos, artísticos, intelectuais, sociais, turísticos e virtuais. Muitas atividades, sem dúvida, transitam em mais de um deles, mas essa é uma classificação que ajuda a ampliar o repertório de quem faz a facilitação dos encontros ao provocar as famílias sobre o que é possível fazer em seus momentos de lazer.

O QUE ESCOLHER NA HORA DO LAZER? O QUE INTERESSA FAZER?

Os interesses culturais do lazer apresentados por Joffre Dumazedier (1980) são: físicos, intelectuais, artísticos, manuais e sociais. Completamos com o interesse cultural turístico (viajar como uma forma de lazer, por exemplo), proposto por Luiz Octávio de Lima Camargo (1989), e com os virtuais, propostos por Gisele Maria Schwartz (2003), que se referem às formas de lazer mediadas por meios tecnológicos, como computador, celular, videogame, televisão, etc. Veja mais em *Construindo Vínculos Comunitários* (Vocação, 2015). Disponível em: <http://www.vocacao.org.br/downloads/Construindo-vinculos-comunitarios.pdf>. Acesso em: out. 2017.

Os interesses culturais do LAZER aparecem quando as famílias...





As famílias compartilharam a alimentação e um momento único: a visitação ao parque e a algumas exposições no Museu Afro Brasil.

Por entender cultura como modo de vida, práticas e expressões do cotidiano, manifestações das mais diversas, visões e modos como as pessoas se relacionam com o mundo, pode-se dizer que toda a equipe atua na esfera sociocultural. Isso porque, tendo o lazer como campo de experiência, a escolha de uma linguagem cultural não pressupõe que a família saia como profissional das vivências ao final do Projeto, mas, sim, que a linguagem seja um meio de realizar algo por prazer, por interesse próprio, e de conviver harmonicamente com as pessoas.

Essa decisão aumenta a responsabilidade na busca por educadores culturais cuja base do trabalho seja social. Por sorte, o Projeto pôde contar com excelentes Educadores Socioculturais na composição da equipe.

AS SAÍDAS CULTURAIS

Para muitas pessoas, é rotineiro frequentar o centro de São Paulo. Vemos os transeuntes passando pela Avenida Paulista ou no entorno da Catedral da Sé. Se para muitos isso pode ser banal, para uma parte do público que frequenta as atividades semanais realizadas nas Organizações parceiras da Vocação no lazer comunitário não é.

Durante a execução do Projeto, antes de realizar uma Saída Cultural ao **Parque do Ibirapuera**, ao fazer uma pequena sondagem, constatou-se que muitas pessoas sequer conheciam o local. Outras nunca tinham ido ao centro da cidade. Por quais razões? Questão de hábito ou dificuldades de acesso? Outras prioridades, voltadas à sobrevivência para garantir o pão na mesa? As razões são muitas.

A realização do Projeto permite observar que um simples momento de relaxamento e dança, brincadeiras de bola ou de roda, um piquenique, andar de patins ou de skate contribui bastante para construir vínculos e relações comunitárias.

A aposta nas Saídas Culturais se dá não apenas por se acreditar no lazer como importante ferramenta para a garantia de direitos, mas também para construir, junto às famílias, um percurso cultural por uma grande metrópole como São Paulo, e isso é possível por meio do olhar sensível às demandas que uma população, muitas vezes vivendo sob grave situação de vulnerabilidade social, aponta. A escuta é que direciona a ação.

O que são?

As Saídas Culturais são momentos para conhecer um lugar ou atividade nova. Desbravar a cidade em grupo. A ideia é dar às famílias a possibilidade de circular por outros espaços culturais da cidade ou mesmo em municípios vizinhos. As saídas fornecem transporte, ocorrem conforme definições das famílias e se transformam em um momento de passeio para descobrir, todos juntos, novos horizontes.

Com apoio dos Animadores e Educadores Socioculturais, os participantes conversam sobre locais de interesse, tipo de ambiente, atividades que gostariam de vivenciar e criam o roteiro da saída, com definições



A equipe busca estar atendida à rede cultural, multiplicando programações de espaços, projetos e outras iniciativas que possam interessar às famílias; mostrando que há ofertas de ótima qualidade – muitas vezes gratuitas – acessíveis tanto em trajeto, preço ou tempo e de caráter enriquecedor.

como horários de saída e retorno, locais a serem visitados, alimentação, dentre outros **detalhes**.

DE OLHO NO SUAS!

Na Assistência Social, o Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF) prevê o desenvolvimento de potencialidades e aquisições das famílias e o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários, por meio de ações de caráter preventivo, protetivo e proativo. Segundo a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais, “o trabalho social do PAIF deve utilizar-se também de ações nas áreas culturais para o cumprimento de seus objetivos, de modo a ampliar universo informacional e proporcionar novas vivências às famílias.

BRASIL. Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009. Disponível em: http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/tipificacao.pdf. Acesso em: nov. 2017.

Por que são importantes?

Como as pessoas se sentem, em geral, quando estão viajando? Quando se está em um passeio ou se é turista em algum lugar, nosso olhar é diferente. Além de conhecer algo novo, percebe-se melhor o modo de vida das outras pessoas, há mais atenção aos trajetos, à alimentação, às condições de acesso, à paisagem. Uma Saída Cultural permite ampliar o olhar sobre si mesmo, sobre o espaço em que se vive, sobre a cidade, sobre as outras famílias.

As descobertas trazem ao sujeito novas ideias, novos aprendizados e, com isso, uma nova visão sobre a sua própria realidade. Além dessa ampliação de repertório cultural, são experiências que marcam memórias da vida familiar e despertam um sentimento importante que é o de valorização da autoestima ao acessar espaços que muitas vezes são idealizados como lugares em que nunca se poderá estar. Saídas Culturais representam a presença e a troca de saberes; Experiências Verdadeiras em que o sujeito é protagonista.

A experiência com as Saídas Culturais confirmou outro aspecto: não se costuma ter um olhar atento ou apreciativo para os lugares em que se circula todos os dias. Ao questionar algumas famílias com perguntas como “o que você lembra ter visto do trajeto de sua casa até aqui?”, percebeu-se que há pouca riqueza de detalhes; porém, ao questionar sobre o percurso para um local desconhecido é muito diferente. A experiência da Saída Cultural também contribui para a família ter um novo olhar sobre o seu próprio território. Quando se une família e comunidade para apreciar o território, descobrem-se outros espaços locais e outras formas de vivenciar e usar esses espaços, por exemplo, fazer caminhadas nas praças, frequentar uma quadra comunitária ou conhecer atividades que ocorrem em outras instituições sociais da vizinhança.



Mateus é uma criança que não pode acompanhar as atividades semanais desenvolvidas na Vocação Unidade Icarai devido à distância de sua casa. Porém, com sua família, participou, opinou e vivenciou o processo de adesão ao Projeto durante o primeiro Encontro com Famílias. Ele se sentia parte do grupo e sua família sabia que o convite à Saída Cultural feito naquele primeiro encontro era válido e aberto também a eles. A família não pode ir, mas autorizou Mateus a ir com a equipe e outras famílias com sua proteção garantida. Ele curtiu muito e guardou na memória o passeio ao Parque do Ibirapuera.

Como fazer?

São definidas com as famílias as várias formas de escolher para onde ir. Para isso, a equipe desenvolve as seguintes etapas junto aos participantes:

- informação às famílias sobre a saída logo no **primeiro encontro no território**;
- abertura de conversa com as famílias sobre o tema ao longo das atividades semanais;
- levantamento de interesses;
- incentivo às famílias para buscarem informações sobre locais em que gostariam de ir;
- compartilhamento de informações de programações de diferentes locais de interesse cultural para motivar as famílias, ampliando as possibilidades e as ideias para a escolha do passeio;
- planejamento e organização junto às famílias do roteiro, dos cuidados com transporte, horários, etc.;
- acompanhamento da vivência.

Após a Saída Cultural sempre é feita uma conversa com as famílias, em formatos adequados a cada grupo, para recolher impressões e, principalmente, provocar reflexões. Algo recorrente nesses bate-papos avaliativos é a mudança de olhar para o território em que vivem, e também para si. A sensação é que a autoestima muda. Além do bem-estar provocado pelo passeio, para muitos é a comprovação de que “sim, este espaço também é para mim”.



Famílias que participam e escolhem - Vocação Unidade Icaraí.
FOTO Equipe Lazer Comunitário

MAPEAMENTO COMUNITÁRIO

Abertura

BOAS-VINDAS AOS FACILITADORES

Breve apresentação dos principais pontos da proposta do dia, incluindo a saída planejada para perceber algumas dinâmicas sociais e comunitárias do entorno.

PERGUNTA ORIENTADORA: Quais são os ativos da comunidade?

MATERIAIS: Celulares, câmeras ou folhas de papel sulfite e lápis.

ETAPA 1: Construção de roteiro

DESENVOLVIMENTO: Conversa sobre técnicas de fotografia, olhar apreciativo e elaboração do roteiro para a saída.

Construir em grupo um pequeno roteiro de perguntas para serem feitas a algumas pessoas durante a Saída. Perguntas que devem ajudar a conhecer um pouco da história do bairro, os lugares frequentados pela população daquele território, ambientes dedicados para atividades culturais e para as dinâmicas sociais comunitárias como um todo.

ETAPA 2: MAPEAMENTO COMUNITÁRIO (DEGUSTAÇÃO)

Definir o trajeto do grupo, de preferência mais de um trajeto para que os participantes possam se dividir e trazer diferentes percepções. Perceber os espaços e registrar o que for mais significativo para o grupo. Entrar em contato com algumas pessoas do comércio ou que estiverem passando na rua durante o trajeto e fazer as perguntas que foram elaboradas no breve roteiro.

ETAPA 3: REFLEXÃO SOBRE O BREVE MAPEAMENTO COMUNITÁRIO

Cada grupo disponibiliza fotos ou desenhos feitos durante a Saída para serem projetados durante a roda de conversa. Pede-se também que cada grupo separe duas respostas das pessoas com quem conversaram durante o percurso para animar a discussão sobre o que foi observado e como se poderá dar continuidade a esse exercício. Esse material também será base para a discussão.

RESULTADOS DA ATIVIDADE: Além de fomentar a valorização do território e a identificação das pessoas em todo o processo, partindo dos saberes de quem é do local, essa ação favoreceu a movimentação pelo bairro e o convite a novos participantes para se integrarem às atividades de lazer comunitário.

Uma Saída Cultural também pode ser um Mapeamento Comunitário do próprio território. Nesse caso, trabalha-se uma mudança de percepção: do copo meio vazio, vendo o território como um espaço de carências e necessidades, para o copo meio cheio, onde se identificam pessoas com capacidades, talentos e recursos. Identificar o que existe no entorno em termos de edificações, como prédios, escolas, postos de saúde, comércio, ou no ambiente natural, como represas, parques, fauna, flora, dentre outras características. Isso provoca conexões da comunidade com o que ela já tem, é um modo de fortalecer a percepção sobre o que existe de bom no território e também de buscar o que falta e identificar o que pode ser melhorado, valorizando as iniciativas que seguem nesse sentido.

Essa atenção aos desdobramentos e aos interesses das famílias reflete o cuidado em fomentar espaços de participação e de protagonismo dos usuários defendidos nas políticas públicas de Assistência Social.

OS EVENTOS COMUNITÁRIOS

Música ao vivo, apresentações de dança, teatro, até rodas interativas no meio da rua. Aquele dia foi um dia de lazer, com brincadeiras, jogos e muita poesia para todos ali presentes. O cheirinho dos quitutes feitos pelas famílias se espalhava pelo bairro, doces caseiros, pastéis, lanches, aquele bolo de milho! Havia artesanato, bonecas de pano, crochês, fotografias e vídeos que se espalhavam entre olhares e celulares de famílias e comunidades que eram atraídas ou chegavam por curiosidade. Memórias e sorrisos de carinho e amizade.

Paula Souza, pesquisadora do *Projeto Famílias e Comunidade em Rede* durante festa junina na Vocação – Unidade Icarai em junho de 2017.

O que são?

Os Eventos Comunitários são intervenções culturais, momentos de lazer abertos a todo o público das comunidades. Eles podem acontecer em diversos formatos: uma festa, uma comemoração, encontros que representem datas comemorativas, jantares ou almoços temáticos, abertura de alguma ação ou celebração de uma conquista. Em geral, os eventos ocorrem nas Organizações da Sociedade Civil parceiras ou em seu entorno. São chamados de comunitários porque são realizados a partir do interesse das famílias e dos moradores que se envolvem na elaboração do evento ou em ações a ele relacionadas. As pessoas são o centro do evento que, de maneira pontual, é idealizado e executado de acordo com as características definidas com a comunidade.

Por que são importantes?

Os Eventos deixam ainda mais evidente a força das pessoas quando trabalham juntas por um objetivo em comum. Para cada detalhe do evento, é possível identificar talentos, capacidades e recursos de todos

os atores sociais, desde as famílias, equipes envolvidas, Organizações até órgãos públicos, comércio e empresas.

Oportunidades para ampliar o convívio social e vivenciar experiências culturais, os Eventos são reconhecidos como uma ocasião que movimenta a comunidade e como uma oportunidade de conexão entre todos os setores e pessoas devido à sua atratividade. A presença em peso da comunidade é marca registrada. Houve casos em que as famílias não tinham contato com a instituição social que seus filhos frequentavam até acontecer um desses Eventos, que funcionou como porta de entrada para a família. Em outros, famílias se oferecem espontaneamente para contribuir com o Evento. Via de regra a população que vive no entorno passa a conhecer um pouco mais sobre o trabalho social que acontece em sua rua ou vizinhança.

DE OLHO NO SUAS!

Na Assistência Social, é previsto que haja articulação em rede e, para que ela ocorra, um dos pontos fundamentais é a aproximação entre serviços socioassistenciais, “serviços públicos locais de educação, saúde, trabalho, cultura, esporte, segurança pública e outros conforme necessidades.”

 **Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009. p. 9. Disponível em: http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/tipificacao.pdf. Acesso em: nov. 2017.**

Outra característica essencial do Evento Comunitário é a operacionalização dos princípios da Abordagem Colaborativa. Os talentos locais são articulados e conectados, cada qual com sua competência e área de interesse, e isso permite que todos se “tornem produtivos juntos”. Aciona-se a comunidade, não só em função dos convites, mas também por conta da articulação de outros serviços e parceiros, por exemplo, a produtora que cuidará dos equipamentos de som, palco, iluminação; a escola que convidará alunos e famílias do entorno com possíveis apresentações; artistas locais que apresentarão seus trabalhos em exposições montadas para o Evento; o serviço de saúde pública que poderá divulgar aos pacientes nas unidades de saúde do entorno e disponibilizar ambulância e suporte ao Evento; a segurança pública que acompanhará as atividades e poderá ter espaço de orientação aos participantes; as empresas locais, de pequeno, médio ou grande porte, que poderão contribuir com itens do Evento e divulgar seus produtos e serviços; as famílias que poderão comercializar artesanato e alimentação por elas produzidos durante a festa.

Em um Evento, todos fazem parte, todos fazem juntos. Isso é ainda mais verdadeiro quando ele é pensado e organizado com a comunidade. No *Projeto Famílias e Comunidade em Rede*, a maneira de fazer é “com” as pessoas. Esse é um dos valores essenciais que está vinculado à

mobilização das pessoas a partir do que elas têm de melhor. Entende-se que alguém isolado pode não reconhecer seu próprio talento nem saber como contribuir, mas junto ao grupo e conectado a um propósito, pode se destacar e empreender algo a ser desfrutado por todos.

Um ponto forte dos Eventos é que o resultado é imediato aos olhos de quem o vivencia. Além disso, não caracteriza uma atividade regular na rotina de famílias que desde o início apresentam receio de não conseguir acompanhar semanalmente as atividades socioculturais. Assim, a intermitência na realização do Evento não é uma preocupação de nenhuma das partes. Além disso, é extremamente atrativo às famílias que o organizam, que vão prestigiar as apresentações de seus filhos ou mesmo jogar com os vizinhos. Também pode ser uma oportunidade de complementar a renda para as famílias que vão apresentar e vender seus produtos.

O que torna a ocasião diferenciada é o processo de construção e o cuidado com o pré e o pós-evento, pois não se trata de uma ação de mercado com o propósito de gerar lucro e que se encerra mantendo apenas vínculos comerciais. O Evento Comunitário é capaz de estabelecer novos vínculos e aproximações por tocar diretamente a vida das pessoas que moram e circulam dia e noite no mesmo território, que têm filhos ou conhecidos frequentando regularmente aquele espaço de atendimento e que terão mais informação sobre os Serviços, programações e pessoas que também estão ali. Pode ser uma potente semente de novos e duradouros vínculos comunitários.

Como fazer?

Muitas são as perguntas sobre o planejamento e a execução dos Eventos Comunitários, porém, mais do que respostas e do que o próprio evento pronto, é de suma importância o processo para construí-lo: sempre com as famílias. Onde será realizado o evento? Há um tema? Qual? Que material será criado em função do tema? Quem participará do evento? Qual a duração? Que atividades ocorrerão no local?

Para a realização dos eventos, é preciso garantir às famílias e à comunidade:

- a realização de reuniões produtivas;
- o alinhamento com o calendário e com as condições das instituições parceiras; data compatível com as possibilidades da Organização e das famílias, de modo a evitar ao máximo competir com outros eventos locais;
- a definição do objetivo do evento;
- a definição da programação e das apresentações;
- a listagem de tudo o que será necessário para que o evento aconteça;
- a definição do número máximo de pessoas que o evento comporta, de qual é o público almejado e de como se fará o convite;

- a definição de como será organizada a comunicação do evento no território e para o público convidado;
- a definição do local em que se realizará o evento: na Organização onde acontecem as demais atividades de lazer comunitário ou em equipamentos culturais do entorno, como CEUs, teatros, quadras, o que pode gerar uma nova conexão com mais um ativo do território; também podem ocorrer na rua onde se localiza a instituição; para isso é preciso ter disponível um trecho da rua só para o evento e é imprescindível envolver os moradores do local;
- a realização de **conversas entre a produtora responsável e as famílias**: processo em que a capacidade de escuta e mediação é fundamental.

As famílias costumam citar a surpresa ao ver que a produtora participa da reunião de planejamento a fim de entender a ideia do grupo e apoiar com o que for necessário em termos de equipamentos, adequações de espaço e outras questões técnicas. A surpresa se dá porque a produtora não chega com uma proposta fechada de ação junto às famílias. Esse é mais um cuidado em “como fazer”, que está presente ao longo de todo o Projeto.

A produtora faz parte da história: participa das reuniões com as famílias, visita as Organizações, verifica o espaço, realiza articulação com fornecedores com a equipe Vocação, etc. O cuidado em incentivar e apoiar outras Organizações que tem trabalhos de base no território engloba, inclusive, o processo de seleção da produtora contratada.

Ao contratar uma produtora para fazer os eventos, a Vocação também busca empreendedores que tenham um trabalho coerente com o Projeto. Segundo o produtor “Bola”, da **A Banca**, o Evento Comunitário promove “o rompimento de barreiras sociais, culturais e econômicas, com empoderamento do jovem e fortalecimento do empreendedorismo de base”.

Cada evento foi modelado de acordo com os desejos e as atividades desenvolvidos com as famílias nas Organizações.



A produtora contratada vai até a Organização conversar com as famílias para ouvir e se apropriar do que elas querem para o evento. Decidem em conjunto desde o formato até a programação. Pensam juntos o que será necessário e decidem sobre que estrutura e suporte a produtora vai oferecer, conforme o interesse das famílias.



“A Banca” é a produtora contratada no *Projeto Famílias e Comunidade em Rede*. Criada em 1999, essa produtora cultural surgiu entre jovens da região do Jardim Ângela, Zona Sul de São Paulo, que queriam organizar eventos de hip hop. Tornou-se uma associação em 2008 e desde então promove eventos gratuitos em espaços públicos de São Paulo, além de promover oficinas de hip hop, ensaios abertos, intervenções culturais, entre outros projetos com jovens da periferia. Saiba mais em: <http://www.abanca.org/>.

DICAS IMPORTANTES PARA REUNIÕES PRODUTIVAS

Algumas dicas podem auxiliar o planejamento de reuniões produtivas que consigam envolver os participantes e fazer com que o Evento saia do papel.

Objetivos claros e bem definidos

- Definidos previamente e de forma participativa.
- Após a reunião é necessário avaliar se os objetivos foram alcançados.
- A quantidade de objetivos deve ser condizente com o tempo disponível para a reunião.

Agenda e pauta previamente definidas e compartilhadas

- Os participantes precisam ser informados quanto ao horário, local, tempo de duração e quanto à pauta (assunto a ser tratado) da reunião.

Dinamismo e ambiente agradável

- O local, os equipamentos e os materiais necessários devem ser preparados com antecedência.
- A programação da reunião deve incluir uma acolhida calorosa, identificação dos participantes (crachás, etiquetas com nomes, etc.), dinâmicas de entrosamento e estabelecimento de acordos (combinados).
- Deve haver intervalos a cada 2 horas.

O PAPEL DE CADA UM NA REUNIÃO

Facilitador, cujas responsabilidades são:

- Definir os objetivos da reunião.
- Preparar e apresentar a pauta no início (fazer circular uma pauta; deixar a pauta em local visível).
- Acolher bem as pessoas.
- Abrir espaço para apresentação dos participantes.
- Anunciar cada tópico (tema) e tempo estipulado.
- Orientar a interação – o ritmo entre falar e escutar, evitando confusões, conversas paralelas e repetições.
- Pedir contribuições e equilibrar a participação.
- Seguir a pauta e manter a discussão no rumo (foco).
- Assegurar que a linguagem utilizada seja acessível a todos.
- Auxiliar no aprofundamento das discussões e tomada de decisões.
- Resumir o que foi decidido.
- Organizar os encaminhamentos.
- Auxiliar na definição das tarefas e responsabilidades.
- Checar se a pauta foi cumprida.
- Marcar e planejar a próxima reunião.

Relator, que pode ser escolhido no início da reunião e que tem como responsabilidades:

- Fazer o registro da reunião, anotando especialmente as decisões tomadas e os respectivos responsáveis pelo encaminhamento e datas de realização.
- Auxiliar o facilitador na organização dos encaminhamentos, anotando em local visível (lousa, flipchart, etc.) as tarefas, responsabilidades e prazos definidos na reunião.

Controlador do tempo, que pode ser escolhido no início de cada reunião e tem como responsabilidades:

- Garantir que o tempo estipulado para cada tópico da reunião seja observado.
- Cuidar para que os participantes não extrapolem em suas falas, possibilitando, assim, a participação equilibrada em termos de tempo.

Participantes, que tem como responsabilidades:

- Conhecer a pauta da reunião.
- Escutar uns aos outros.
- Falar clara e objetivamente.
- Buscar uma participação equilibrada em relação ao tempo.
- Aproveitar as contribuições dos demais para fazer as suas contribuições.
- Participar efetivamente das tomadas de decisão.
- Assumir responsabilidades com o grupo.
- Revisar a reunião, acompanhando o resumo do facilitador, para o aprendizado conjunto.



Evento Comunitário -
FestaVocação Icarai.
FOTO A Banca





3.

Provoações

finais



Saída Cultural em Parque
da Água Branca
FOTO Equipe Lazer Comunitário

3. Provoações finais

Quantas famílias já não repararam que muitas vezes o principal motivo de seus encontros são problemas, situações desagradáveis ou até a perda de um ente querido? Quando se vive e se dá atenção apenas à falta, às necessidades, percebendo-se a si mesmo como alguém que “precisa de...” em vez de alguém que “é capaz de...”, todas as outras relações são afetadas. Famílias que visitam as escolas ou as Organizações que seus filhos frequentam apenas em reuniões informativas ou para saber “o que está acontecendo de errado”, muitas vezes não têm a oportunidade de reconhecer aquele espaço e Serviço nem perceber o cotidiano de seus filhos, inclusive em casa, como algo que interfere em seu desenvolvimento.

Mães, pais, avós, tios e adultos em geral entendem a seriedade e a importância de sobreviver, de prover seus lares, de trabalhar duramente e de olhar as dificuldades como prioridades, porém na maioria das vezes não se sentem no direito de incluir em seu dia a dia momentos de lazer: “Eu até acho importante, mas não posso me dar esse luxo”, muitos dizem.

Ao mesmo tempo, a rotina faz com que novos problemas surjam e os antigos sejam impulsionados: enquanto o tempo passa e as famílias não conseguem vivenciar Experiências Verdadeiras em momentos de lazer, crianças, adolescentes e jovens vivenciam suas aprendizagens de forma fragmentada e muitas vezes desconectada.

No entanto, as experiências podem ter significados totalmente diferentes dependendo de como se estabelecem as relações familiares. Mesmo encontrando nas famílias as pessoas com quem se têm os principais vínculos afetivos e de proteção, é recorrente que crianças, adolescentes e jovens apontem como referência e guardem como boas memórias apenas as vivências com amigos e grupos sociais com interesses comuns ou faixa etária próxima. Assim, no contexto desta publicação, uma pergunta permanece: com quem crianças, adolescentes e jovens mais vivenciam seus momentos de lazer? A família é referência de momentos prazerosos em suas vidas?

Do ponto de vista desse Projeto, é a família que ajuda o sujeito a dar significado a cada uma de suas experiências. Ela é a base do indivíduo, e o tempo e tipo de vivências proporcionados pela família refletirão em ações, escolhas e oportunidades.

Para a Vocação, a família é uma aliada fundamental do Desenvolvimento Integral de crianças, adolescentes e jovens. A família traz consigo algo muito poderoso: a identificação. Muito mais importante que os documentos, a identificação aponta vontades, motivação, pertencimento.



Assista à entrevista - em espanhol - em que Victor Ventosa aborda essas questões. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VaxOC0IUAhQ>. Acesso em: out. 2017.



Marcelo Gallo. *Suas e Desenvolvimento Integral* (2015, p. 13).

Quando esses sentimentos de pertencer e se reconhecer estão atrelados a situações de prazer, divertimento e convivência harmoniosa, as referências tornam-se positivas, os vínculos de cumplicidade são fortalecidos e o ambiente e os relacionamentos favorecem o Desenvolvimento Integral de cada membro da família.

Professor, consultor e especialista em ações socioeducacionais com jovens, o espanhol **Victor Ventosa** aponta que, se os modelos de referência oferecidos pela mídia sobre um bairro ou uma comunidade são negativos, é preciso haver um “contramodelo”, que possa competir com eles. Isso permite que os jovens vejam que há situações positivas com as quais podem se identificar. É nisso que as vivências e os adultos, nos vários espaços por onde circulam, são essenciais, pois quanto mais as crianças, os adolescentes e os jovens se identificarem com o bem-estar, praticarem a valorização de si mesmos, cultivarem o respeito ao próximo e exercitarem os valores atrelados ao lazer, entendendo que o tempo destinado à família é importante para seus membros, melhor será a qualidade dos relacionamentos familiares e do fortalecimento de vínculos.

Segundo **Marcelo Gallo**, é preciso reconhecer que ninguém está desprovido de tudo. O trabalho social com famílias parte de uma intervenção construída com o outro, “a partir do conhecimento trazido por este (sua realidade, suas relações, suas estratégias de vida)”. Assim, independentemente dos desafios que a família enfrenta, é importante que ela seja estimulada e motivada a vivenciar novas experiências que possam nutri-la.

O lazer não é exclusivo para a garantia de qualidade de vida do ser humano, mas seus princípios são capazes de interferir em todas as áreas que interferem nessa qualidade. O que faz com que gostem de ir à escola ou a um Serviço ofertado por uma Organização? O que os motiva a dar os próximos passos em suas vidas? Em que momentos sentem liberdade e confiança para compartilhar seus pensamentos e vontades? Em quem se espelham para sonharem? O que a família representa em suas vidas?

DE OLHO NO SUAS!

Em cada atividade do lazer comunitário estão previstas orientações em consonância com a política prevista para os SFVC, como:

- segurança de Acolhida, atendendo aos interesses e às possibilidades das famílias;
- segurança de convívio familiar e comunitário, pelas experiências que contribuem para o estabelecimento e fortalecimento de vínculos familiares e comunitários;
- segurança de desenvolvimento da autonomia pelo respeito a si próprio e aos outros, com experiências potencializadoras da participação cidadã que contribuam para a construção de projetos individuais e coletivos, para o desenvolvimento da autoestima, da autonomia e da sustentabilidade, com o desenvolvimento de potencialidades e ampliação do universo informacional e cultural.

 **BRASIL. Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009. Disponível em: http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/tipificacao.pdf. Acesso em: nov. 2017.**

3.1 A Avaliação Participativa

Ao longo das ações, muitos são os aprendizados. A história da Vocação é marcada pela forma dinâmica como os saberes e as experiências são incorporados aos projetos e programas. Uma iniciativa viva, que reflita o princípio de que as pessoas estão no centro, precisa ser constantemente acompanhada e avaliada por todos os envolvidos. Para isso, é preciso estar atento e dar voz a todos os grupos que fazem com que o Projeto aconteça.

Ao longo das reuniões, formações, atividades e encontros com a equipe interna, com os gestores e lideranças comunitárias das Organizações da Sociedade Civil parceiras e, principalmente, com as famílias, a equipe utiliza estratégias para construir um espaço de confiança, com trocas e devolutivas. Esse espaço é denominado **Avaliação Participativa**, processo simples, no qual todos os envolvidos são ouvidos, que inclui “fazer perguntas, observar, receber a contribuição de outras pessoas, examinar as respostas e decidir o que fazer”. Mas há diferentes formas de realizar uma Avaliação Participativa.

Esta corresponsabilidade, que valoriza e investe na potência de agir está implicada com o ponto de vista coletivo, que demanda participação, aqui entendida como sinônimo de tomada de decisão, ou seja, corresponsabilidade com decisão coletiva.

Neste Projeto, dá-se destaque ao que é crucial garantir para, de fato, fazer o que se diz:



Prefeitura Municipal de Curitiba. *Modelo colaborativo: experiência e aprendizados do desenvolvimento comunitário em Curitiba*, (2002).

Disponível em: <http://www.acomunitaria.org.br/download/modelocolaborativo.pdf>. Acesso em: out. 2017.



Abigail Silvestre Torres e Maria Julia Azevedo. *Concepção de convivência e fortalecimento de vínculos* (2013, p. 22).

- Para lidar com os desafios, o foco deve ser o que se aprende com eles e o que gerou sucesso na ação.
- Durante as fases do Projeto, compartilha-se com os envolvidos as avaliações: quando feitas em grupo, no próprio momento avaliativo; quando escritas ou individuais, as avaliações são retomadas no momento de início da próxima atividade que, no geral, busca incorporar as sugestões sinalizadas.
- As avaliações devem sempre acontecer no decorrer das ações, e não somente ao final.
- Como grupo, o envolvimento, compartilhamento e transparência nas decisões e resultados são fundamentais, considerando-se e respeitando-se todas as opiniões e contribuições.
- As avaliações de projetos anteriores e os indicadores de experiência são levados em conta para avançar na qualidade das ações.
- Os momentos de reflexão são valorizados.

Uma das formas de colocar em prática esses aspectos é esta publicação. Sistematizar a experiência e a metodologia utilizada permite que haja registros orientadores para as próximas equipes que se demarquem pontos a superar nos projetos futuros, multiplicando-se as lições aprendidas entre todos os interessados.

No *Projeto Famílias e Comunidade em Rede*, desde o primeiro contato com as famílias, foi explicado que os registros e as descobertas do trabalho iriam compor um livro. As famílias entenderam a importância de participar, inclusive, avaliando com sugestões as atividades socio-culturais. É de grande valor quando todos entendem que, ao apontar algo que não tenha agradado ou que possa melhorar, não irão prejudicar os envolvidos, mas, sim, ajudá-los a melhorar cada vez mais a prática. Nesse processo, o objetivo é que todos se deem conta de que são corresponsáveis pelo êxito do Projeto e pelo legado que ele deixará em suas vidas e para as futuras gerações.

3.2 Lições aprendidas: desafios, estratégias e conquistas

Algumas das lições aprendidas nesse percurso merecem destaque e podem ser analisadas conforme os grandes desafios vivenciados. É preciso destacar entre as conquistas do *Projeto Famílias e Comunidade em Rede* a disponibilidade e a disposição dos envolvidos, que fizeram do Projeto uma iniciativa realmente viva e dinâmica, construída coletivamente a partir das experiências diversas e sempre respeitando a realidade dos territórios e das famílias.

Algumas lições aprendidas com as experiências adquiridas em cada comunidade estão descritas a seguir.

NAS AÇÕES DE LAZER COM FAMÍLIAS É PRECISO CONSIDERAR A “INTERMITÊNCIA”

A intermitência não é necessariamente um problema. Ao propor um projeto em que uma das premissas é a participação livre, por adesão e vontade, entende-se que as famílias têm o direito de não comparecer em todas as atividades semanais, já que isso também reflete a realidade de suas vidas.

Sentindo-se à vontade para opinar, elas mesmas trazem muitos motivos que por vezes esvaziaram ou lotaram um dia de atividades: proximidade com feriados, questões familiares, trabalhos pontuais (bicos) em feiras ou datas comemorativas, férias escolares, mudança na linguagem cultural escolhida, conflito de horários com alguma situação externa ou mesmo a necessidade de elas mesmas ampliarem e reforçarem os convites à comunidade. Porém, o fato de as famílias voltarem e se preocuparem em esclarecer ausências é indicador de vínculo e de que elas entendem que é possível participar de um projeto como esse, mesmo sob essa condição de intermitência.

Na prática

No GURI, lidar com a intermitência das famílias nas atividades semanais foi um desafio. A gestão dessa instituição tem investido há vários anos no vínculo com as famílias. As mulheres que ergueram e atuam nesta Organização têm uma trajetória de anos investindo nessa relação, comparecem em formações da Vocação e criam estratégias e ações para o estabelecimento de vínculos. Elas têm um plano claro e intencional, e isso inclui ações voltadas ao lazer.

A Organização desejava há bastante tempo promover mais regularmente o lazer comunitário e, mesmo havendo um rico histórico relacionado ao lazer, durante as atividades, o desafio esteve nas descobertas de como manter as famílias frequentando uma atividade nova e sistemática.

Com a chegada de uma atividade diferenciada, as famílias manifestaram interesse nos encontros, aderindo ao Projeto, mas a frequência era espaçada e quase desanimou a gestão, que se questionou sobre o comprometimento das famílias. A instituição e as famílias estavam acostumadas com atividades pontuais e, mesmo aprovando o Projeto, ainda não estavam adaptadas às novas rotinas.

Compreender e respeitar essas particularidades é essencial. Naquela comunidade, ter atividades sistemáticas e começar a exercitar uma frequência mais constante era novidade, e por isso pensar estratégias para uma mudança de hábitos foi importante. Um momento deixou claro isso, como conta Priscila Magalhães, Educadora Sociocultural:

Uma cena marcante foi na festa junina do Guri. Como as atividades tinham se iniciado poucas semanas antes, pensamos que teríamos poucos participantes na apresentação de frevo

planejada. Quando iniciamos a apresentação e decidimos deixar guarda-chuvas disponíveis, vieram participantes de todas as idades, e de repente tínhamos muitas pessoas fazendo uma apresentação incrível! Fiquei muito feliz!

Para aquelas pessoas que vivenciaram o evento, novos convites e novas formas de participar que se integram a situações pontuais são de grande relevância, pois aos poucos vão trazendo novas possibilidades de relacionamento entre as famílias e a Organização.

Assim, novas estratégias surgiram em meio às atividades, como oficinas de arte com pintura, aulas de grafite, cafés com famílias – oportunidades que permitiram às famílias se envolverem em novas ações e se sentirem ainda mais parte do processo, vivenciando o lazer e fortalecendo as relações. Esse trabalho de aproximação e de maior regularidade na relação entre famílias e Organização ainda está sendo construído, mas, sem dúvida, está trilhando um caminho mais consistente e mais potente.



Lazer e Qualidade
de vida - ACAJI

FOTO Equipe Lazer Comunitário

LAZER E QUALIDADE DE VIDA PODEM CAMINHAR JUNTOS NO TERRITÓRIO

É possível valorizar espaços de um território com o interesse das famílias por momentos de lazer aliados à busca por melhor qualidade de vida. É preciso considerar que a escolha da maioria das famílias por atividades de movimento, como condicionamento físico e danças, tem como motivação também o investimento em saúde física e mental, revelando a demanda por momentos e espaços disponíveis para isso. Nesse caso, alguns desafios foram superados, tanto em adequação de espaços pela comunidade, como em atividades que considerassem as questões físicas, traduzidas em melhorias e em cuidados.

Na prática

A organização social ACAJI enfrentou nessa trajetória dois grandes desafios: efetivar o lazer como a bandeira da qualidade de vida e atuar no território sem ter uma sede física.

Nessa instituição, o lazer comunitário se integrou a uma nova fase de existência. A ACAJI passou por um momento crítico, e a Vocação apoiou em um **processo de assessoria** que a levou a uma nova causa. Na dúvida entre algumas possibilidades, como educação infantil, saúde ou lazer e cultura, a diretoria pesquisou e estudou muito cada uma das áreas de interesse. O movimento do grupo para encontrar a causa que mais fazia sentido para eles permitiu, num encontro com membros da equipe do lazer comunitário da Vocação, entender melhor o conceito e as potências do lazer na prática. Isso gerou um novo movimento: **o lazer transformou-se na causa da instituição** e passou a ser uma escolha estratégica voltada à qualidade de vida da população no território.

Com público misto e alta participação de idosos, o depoimento de Laura, 57 anos, ilustra o resultado desse novo objetivo.

Sobre saúde, eu que tenho osteoporose muito avançada, sou diabética, tenho válvula no estômago, tenho problema com esofagite, colesterol, triglicérides... é mais fácil eu falar o que eu não tenho do que o que eu tenho! Todas essas ginásticas, exercícios, isso tudo é recomendado pelo médico. (...) E, graças a Deus estou bem melhor! Sem contar com a autoestima também, porque você tem que conseguir esquecer o que tem de problema de saúde, porque se não 'a peteca cai'.

Casos como depressão, comprometimento de mobilidade, problemas cardíacos e baixa autoestima foram relatados no decorrer do Projeto em todas as Organizações, e os relatos sobre a superação ou melhora desses aspectos confirmaram a certeza de que, num processo comunitário, o lazer fortalece a saúde e a qualidade de vida. Um dos fatores destacados pelos participantes foi a motivação para manterem a frequência por estarem juntos, criando novas relações e com uma equipe que os inspirava e incentivava.



A Vocação apoiou a ACAJI em seu planejamento estratégico: além de participar de encontros sistemáticos que permitiram estruturar os próximos passos e fortalecer as decisões. Os encontros para a escolha da causa contribuíram para esclarecer – após suas próprias pesquisas – os desafios e as oportunidades de lidar com essa área temática na prática. Com esse suporte, perceberam e definiram que o lazer comunitário poderia corresponder ao que almejavam.

Quanto ao desafio de não ter sede para as atividades, a ACAJI o enfrentou fortalecendo um novo cenário: o de saber olhar para os recursos presentes no território. Isso se refletiu na escolha da Educadora Sociocultural da comunidade e na valorização de espaços públicos. Esse contexto repercutiu no comprometimento das famílias com a instituição: elas tornaram-se cúmplices nas articulações locais e na busca por novos espaços para dança e condicionamento físico, conforme as necessidades. A articulação com a paróquia e com o Campo CDC Gigantão foram marcos desse processo, que proporcionou reconhecimento ao Projeto e aos equipamentos existentes na comunidade, garantindo a realização das atividades socioculturais com famílias.



Atividades Socioculturais
na ACAM
FOTO Equipe Lazer Comunitário

A PRESENÇA DAS LIDERANÇAS COMUNITÁRIAS NAS AÇÕES REPERCUTE NA MOBILIZAÇÃO DE FAMÍLIAS

As mudanças são mais profundas quando começam de dentro para fora. Uma das questões que circundam as Organizações da Sociedade Civil, independentemente do programa desenvolvido, é a dificuldade de aproximação do corpo diretor com o coração do trabalho social, com o trabalho “lá na ponta”, como se diz. É comum que as lideranças comunitárias que compõem a diretoria sejam pessoas mais vinculadas à parte burocrática da instituição, e por vezes isso também se repete em relação às ações de lazer comunitário.

Na prática

A ACAM já teve experiências com ações de lazer comunitário em outros projetos. Por isso, no *Projeto Famílias e Comunidade em Rede*, avançou bastante em relação à aproximação da gestão da Organização com o trabalho social executado na ponta, o que impactou positivamente as ações.

Essa Organização sempre manifestou interesse em abarcar o lazer comunitário em suas atividades e conta atualmente com uma diretoria formada por pessoas da comunidade – uma integrante, mãe, que se interessou em se envolver com a instituição, e outra integrante que cresceu participando de projetos sociais e, com essa experiência, direcionou a sua **profissão à área**.

No *Famílias e Comunidade em Rede*, ter a presença de membros da direção participando das atividades permite que uma nova relação com as famílias seja estabelecida, além de promover o lazer para todos, de maneira horizontal. Quando vivenciam isso, surgem novas ideias e novas percepções do trabalho. O fato de as gestoras serem da comunidade e possuírem essa trajetória fez toda a diferença: tanto por elas, nesse novo lugar, perceberem a importância e o impacto de sua presença junto às famílias, como também pela facilidade maior de estabelecimento de vínculos.

Houve valorização das ações e avanço na proposição de estratégias de acolhimento e atenção às famílias. Junto ao Animador Sociocultural, vivenciar toda a experiência possibilitou uma Visão Sistêmica em relação ao Projeto. Essa visão impacta em detalhes que vão desde a organização de um café com as famílias, à escolha de músicas ou abertura de outros espaços de participação, conforme o perfil do grupo. A presença da liderança comunitária traz prestígio à ação e gera mais atratividade às famílias; por outro lado, traz à liderança um conhecimento muito maior sobre as características da comunidade. Isso fortalece a confiança e a segurança do grupo, inclusive nos momentos de avaliação e de proposta de mudanças.



É comum encontrar nas comunidades pessoas que atuam em Organizações da Sociedade Civil em suas regiões de origem e que se tornam lideranças locais. Há casos de mães com filhos que faziam atividades nessas Organizações e que acabaram gestoras da instituição; ou gestores que participavam, quando crianças, dos projetos da Organização e posteriormente foram trabalhar na instituição, levando a paixão até a escolha da profissão.

DE OLHO NO SUAS!

O lazer comunitário provoca, em consonância com as orientações relacionadas às atividades recreativas dos SFCVs, a realização de ações “em um clima e com uma atitude predominantemente alegre e entusiasta. Deve ainda ser um estímulo para a criatividade, um benefício para a formação pessoal e para as relações sociais, dando lugar à liberação de tensões da vida cotidiana, resgatando os valores essenciais à convivência social”.

 **SÃO PAULO. Normas Técnicas CCINTER. Coordenadoria da Proteção Social Básica. Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/.../CCINTER_normatec.pdf. Acesso em: jul.. 2017.**

O TEMPO DE CONVIVÊNCIA ENTRE AS GERAÇÕES TAMBÉM ACONTECE EM PAPÉIS COMPLEMENTARES

Uma das maiores queixas aos profissionais que atuam com trabalhos intergeracionais é a dificuldade de adaptação das atividades de modo a respeitar o interesse de cada geração. Não é incomum programas que infantilizam os idosos, que parecem chatos para os adultos ou que não atraem crianças ou jovens. É importante buscar estratégias para lidar com isso no trabalho com famílias e, com certeza, uma delas é o fomento à oportunidade de escolhas. Porém, é preciso lembrar que a convivência entre gerações pode se dar de várias maneiras e acontecer, por exemplo, mesmo quando os participantes ocupam variados papéis. Assim, ações intergeracionais não acontecem somente se um grupo com pessoas de diferentes gerações estiver fazendo a mesma coisa em uma atividade. Por vezes, podem realizar ações distintas em uma atividade comum. Em uma atividade intergeracional de dança, por exemplo, alguns cuidam da música, outros da organização ou do figurino e outros são os que se apresentam dançando. Ou seja, os papéis não precisam ser os mesmos para a atividade se caracterizar como intergeracional.

Na prática

Na Auri Verde, o desafio de manter uma mesma atividade semanal com diferentes gerações ilustra esse cenário. Essa organização tem um histórico rico em mobilização social e envolvimento da comunidade. Com gestão ativa, que investe tempo na aplicação da Abordagem Colaborativa nas ações de todas as suas unidades, a Auri Verde sempre se destacou pela articulação e pelo alcance do comprometimento das famílias e comunidade em seus projetos, sobretudo nos eventos comunitários.

Com o Projeto de lazer comunitário, a instituição visou à requalificação de um de seus prédios, a sede, que, carregado de significados e história, ainda estava fechado. Segundo os gestores, foi com edições de projetos anteriores da Vocação que novas vivências começaram a



Este é o caso de um jovem que, responsável pela abertura e fechamento do espaço, acabou tornando-se a “ponte” entre os participantes e os gestores de outros projetos que passaram a acontecer ali.



Trata-se de outro projeto da Vocação, também apoiado pelo FUMCAD, *Famílias que educam*, que ocorreu entre 2014 e 2015.

trazer pessoas para usufruir daquele espaço e a **empoderar jovens** que se inspiraram, escreveram e viabilizaram projetos culturais desenvolvidos ali. Um dos projetos foi a retomada de atividades de dança, com a Educadora Sociocultural de um **projeto anterior**.

Nesse caso, a presença de mães nas aulas e de outros familiares envolvidos nos demais projetos permite que diferentes ações de lazer e cultura ocorram no mesmo espaço, respeitando os diferentes interesses das gerações que, ao mesmo tempo, compartilham o espaço. Isso porque, nas atividades de teatro, solicitadas pelas famílias no Projeto, a predominância era de crianças e por muitas vezes isso gerava desconforto da equipe e da gestão para justificar esse cenário, que se contrapunha consideravelmente à perspectiva intergeracional prevista no Projeto.

Entretanto, concomitantemente às oficinas que recebiam um público infantil mais significativo, grupos da comunidade não relacionados diretamente a essas famílias aproximaram-se da Organização, processo que foi catalisado pelo trabalho da Animadora Sociocultural atuante ali. Isso gerou a realização de um movimento de valorização das características locais do bairro/entorno. Foram promovidos encontros pontuais entre diversos grupos que compartilhavam o espaço. Um momento que merece destaque aconteceu durante uma ação organizada na instituição Auri Verde chamada “Férias com a Família”, em que houve mobilização e participação dos adultos. Essa ação foi muito bem recebida pelos moradores da comunidade. Segundo Rafaela, a Animadora Sociocultural,



Evento Comunitário - Auri Verde
FOTO A Banca

Na rua da instituição tem um time de futebol que é bastante atuante da região e assim que souberam do evento esse grupo se propôs espontaneamente a organizar um torneio de futebol para as crianças e adolescentes da rua. O torneio foi disputado na rua mesmo, em frente à 'Auri', e ainda trouxeram troféu e medalhas para premiar os primeiros colocados.

O sucesso do campeonato ajudou a mobilizar os moradores da rua para as atividades planejadas; e a parceria com o grupo do futebol se mantém, inclusive para construir outras ações com o Projeto.

OS DESAFIOS DO TERRITÓRIO NÃO SÃO IGNORADOS NAS ATIVIDADES SOCIO-CULTURAIS

Uma abordagem que visa mudar a perspectiva dos problemas para os recursos da comunidade é passível de ser mal compreendida como algo que nega as dificuldades apresentadas cotidianamente na vida das famílias nos territórios. Isso pode gerar um estereótipo de que ações de lazer ignorariam os desafios locais, o que pode interferir na tomada de decisão, por parte das Organizações e famílias, em aderir, com segurança, às ações do lazer comunitário. Assim, na perspectiva adotada no lazer comunitário, esse é um ponto de atenção, e os esforços são para a compreensão das oportunidades que as ações geram para o fortalecimento de famílias e comunidade na resolução de problemas.

Mostra Cultural Grajaú
Faz Assim - AMAI
FOTO A Banca



Na prática

É preciso escutar a comunidade. Na AMAI, os desafios do território são muitos e a gestão sempre foi muito atenta a eles, desde conversas com famílias a preocupações com o alcance das ações na região. Essa Organização já desenvolveu outras versões de projeto com lazer comunitário e dois grandes desafios se destacaram: a realidade de um serviço socioassistencial em transição de endereço e a necessidade de geração de renda de famílias vinculadas ou do entorno.

Na AMAI, uma das marcas das ações socioculturais é a valorização de profissionais locais, que são convidados a se envolver e por vezes compuseram as equipes ligadas a atividades de lazer comunitário. Além do cuidado com eventos culturais e articulações no território, a união entre o tema lazer comunitário e geração de renda, por vezes, foi uma dúvida. O fato de o Projeto não visar ao lazer vinculado ao trabalho, mas sim tratá-lo na perspectiva do direito, seria um impeditivo para as famílias o aproveitarem? A Vocação considera que não.

Mesmo não sendo objetivo do lazer comunitário, as vivências podem despertar capacidades das famílias e abrir novas oportunidades a partir das linguagens culturais com as quais se identificam. Isso é recorrente no caso do artesanato, da culinária ou mesmo da dança. Nessa instituição, alguns participantes se descobriram como instrutores de dança; alguns integrantes das famílias, a partir de uma atividade de lazer realizada em conjunto, aprenderam a fazer **peças de artesanato**; algumas mães, para compor as rendas familiares, se interessaram em fazer brigadeiros, experiência que vivenciaram em uma oficina de lazer.

No trabalho com famílias podem aparecer resultados que não eram esperados, mas que surgem no grupo como desdobramentos e acabam por responder a outros elementos necessários ao desenvolvimento comunitário.

Além disso, quando se trabalha com as lideranças das Organizações, entende-se o quanto a realidade do Serviço interfere na ação com as famílias. A mudança de endereço da AMAI impactou diretamente a relação estabelecida com as famílias e o investimento social que a gestão fez no território.

Uma das contribuições que o lazer comunitário permite é que novas conexões sejam estabelecidas por meio das Saídas Culturais ou dos Eventos Comunitários, e pode acontecer, de fato, um estímulo à participação. Atitudes que empoderam as famílias assíduas nas atividades podem despertar a capacidade de liderança. Considerar todo o contexto, os vínculos estabelecidos e o exercício do protagonismo nas ações socioculturais estimula a compreensão de que muitas respostas para as adversidades podem ser encontradas na própria comunidade.



Um exemplo marcante da AMAI são as bonecas de pano, que viraram marca das artesãs e que se diferenciavam por serem símbolos de lazer e também de diversidade em suas variadas formas, cabelos e tons de pele. As artesãs mobilizaram recursos para os materiais e também se organizaram para a venda. O apoio da gestão nesse processo foi importante para as famílias.

A PARTICIPAÇÃO É FOMENTADA NAS AÇÕES DE LAZER COMUNITÁRIO

É comum as pessoas atrelarem à participação em ações de lazer apenas jogos ou atividades específicas e pontuais. Como já sinalizado em outros capítulos, nesse trabalho com as famílias é comum a reação de surpresa ao convite para que participem de outro modo: podendo opinar, decidir e escolher novas experiências. Uma das principais queixas dos gestores de Organizações é a dificuldade de uma aproximação das famílias que efetivamente fomente a participação e o protagonismo – termos muito utilizados no discurso, mas que precisam acontecer na prática para fazerem real sentido.

Na prática

Na Santa Amélia, a relação entre lazer e participação faz sentido inclusive no que diz respeito aos desafios dos serviços socioassistenciais prestados ali. Sendo uma Organização que realiza os serviços socioassistenciais por meio de convênios com o poder público, a gestão da Santa Amélia tem como desafio colocar em prática aquilo que os documentos oficiais apresentam, e isso não é simples.

Em geral, as políticas públicas são norteadoras do que se espera alcançar nos serviços socioassistenciais, mas é comum os profissionais da área depararem com o desafio de implantá-las enquanto lidam com o dia a dia na comunidade. Na Santa Amélia, o esforço está no aproveitamento dos anos de experiência com a Abordagem Colaborativa na atual gestão da Organização e a adesão inédita ao Projeto de lazer comunitário.

Essa instituição teve um olhar atento para entender que a participação é dinâmica, ela oscila em número de famílias e em nível de envolvimento, e que é preciso fazer um planejamento considerando essas flutuações. O lazer foi inserido no planejamento da instituição para se unir ao que já havia sido começado em termos de mobilização de famílias: o primeiro Encontro com Famílias ocorreu num momento integrado a outras iniciativas; a **Comissão de Famílias** participa das atividades de dança escolhidas no âmbito do Projeto; há comunicação entre equipe do lazer comunitário e psicólogos da terapia comunitária; membros da equipe da instituição vivenciam as atividades semanais propostas pelo Projeto; por compartilharem a mesma atividade e estarem em um mesmo espaço de conversa, as mães da Comissão de Famílias convidam membros das famílias participantes para integrarem conselhos e fóruns de interesse da comunidade e relacionados ao que “é importante para a nossa vida e de nossos filhos”, como declarou uma das mães participantes. Isso exemplifica o que são considerados valores nesse trabalho: empoderamento, participação e segurança. Quando as famílias se sentem seguras, elas participam e, avançando nesse processo, são empoderadas e ajudam umas as outras a conhecer e enxergar as suas próprias potencialidades, pontos fortes e talentos. Constroem, assim, um ciclo virtuoso em que todos se sentem com poder de realizar mudanças e fazer a diferença na comunidade.



Atualmente a Comissão de Famílias formada na Santa Amélia é composta principalmente por mães que têm filhos participando dos serviços do CCA e que se aproximaram da Organização, se apropriando de um espaço de trocas e proposições que foi dedicado a elas.



Sarau da Amizade
- Santa Amélia
FOTO A Banca



Saiba mais sobre a metodologia da Vocação, volte para a página 47.



Victor Ventosa. *Didáctica de la participación: teoría, metodología y práctica* (2016).



Esse depoimento é de Juliana Rodrigues, professora e pesquisadora na área de lazer e turismo, que atua no programa de pós-graduação Mudança Social e Participação Política, da Universidade de São Paulo, e também é representante da RIA – Red Iberoamericana de Animación Sociocultural. Essa declaração foi dada durante uma entrevista realizada pela equipe do Projeto.

Com essa experiência, entende-se que o lazer comunitário incide na motivação à participação, pois parte de um convite e tem como marca uma aproximação descontraída com as famílias. Além disso, o Projeto se pensa e repensa, tem uma **metodologia de trabalho** colocada em prática e se soma aos conceitos da Animação Sociocultural que, como defende **Victor Ventosa**, pressupõe que para aprender a viver em comunidade é necessário aprender a participar. Juliana Rodrigues, que acompanhou de perto a experiência, dá a sua opinião:

O que me chama atenção é o entendimento da equipe do lazer comunitário de que a Animação Sociocultural é realmente uma ferramenta, uma didática que promove a participação. Diferente de outros locais, vocês têm isso muito claro, a partir das pessoas que atuam e multiplicam isso.

É POSSÍVEL FOMENTAR REDES DE COLABORAÇÃO

Atualmente, o tema de redes é recorrente no trabalho social. Instituições, pesquisas, políticas públicas e a área empresarial lançam mão do termo, mas com diferentes enfoques, por exemplo, a “rede de acesso a serviços” ou “rede de Organizações”. No trabalho com famílias, é comum o apelo utilitário a essa aproximação. Para tanto, antes de formar uma rede propriamente dita, é preciso entender e semear o processo de colaboração no território, o que começa com as famílias.

Na prática

A Vocação Unidade Icarai, em seu local de atendimento direto, lidou com o desafio de se articular com outras instituições de seu entorno. A unidade conta com programas voltados a crianças, adolescentes, jovens e famílias e já desenvolveu o lazer comunitário em outros projetos. Com essa experiência, passou por um processo de amadurecimento nas ações com famílias em paralelo a outros trabalhos no território e investiu em práticas que aproximassem e acolhessem as famílias e a comunidade.

Nas ações socioculturais, um movimento ganhou destaque: a relação de colaboração com outra Organização e com famílias que abraçaram a proposta do Projeto. A Vocação Unidade Icarai apoiou a organização ACAJI, o que foi possível pelo reconhecimento da importância da trajetória de cada uma no território.

Com impacto positivo para as famílias do território, houve cumplicidade entre as Educadoras Socioculturais que também são do território e que compuseram a equipe do Projeto. Essas educadoras também desenvolvem outros trabalhos na comunidade e têm, por isso, o reconhecimento das lideranças das instituições. Resultado? As famílias fortalecem seus vínculos, se envolvem com sintonia e são dedicadas no acompanhamento das atividades de ambas as Organizações – algumas até fizeram a Saída Cultural juntas, por opção. Essa relação com a comunidade é vista como a semente de um **processo colaborativo**, cujos passos centrais são:



Prefeitura Municipal de Curitiba, *Modelo colaborativo: experiência e aprendizados do desenvolvimento comunitário em Curitiba*, (2002).



Ao longo desse trajeto/processo, reforça-se a ideia de que os valores do lazer e do trabalho colaborativo devem estar presentes sempre, independentemente da etapa em que estiver o envolvimento comunitário.

Para trabalhar com famílias é preciso investir em alinhamento de equipe

Essa premissa vale para qualquer trabalho, principalmente o de cunho social. Quando se fala em equipe nessa área, a multidisciplinaridade aparece como um grande valor e a alta rotatividade de profissionais como um fato: ambas são características que impactam diretamente a qualidade de serviços e projetos e devem ser levadas em consideração. Para que haja confiança das famílias ou dos parceiros nas ações, é preciso que haja segurança do grupo e que todos realmente falem a mesma língua. E, de preferência, que sejam formadas equipes capazes de lidar com a dinâmica e as inúmeras variáveis que um trabalho social com famílias apresenta.



Passos da colaboração com famílias
- Vocação Unidade Icarai.
FOTO Equipe Lazer Comunitário



Saiba mais sobre a formação da equipe do Projeto, volte para a página 52

Na prática

Conforme descrito no item sobre a **equipe**, a Vocação lida com o desafio de preparar equipes concomitantemente às ações que estão acontecendo em campo. Isso faz com que as estratégias de alinhamento sejam importantes para que a equipe vivencie etapas que permitirão que se conheça e se entenda melhor as famílias.

Contudo, a transparência, a motivação e a valorização da equipe, diante da cultura e da dinâmica organizacional da instituição, influenciam a afinidade e a disponibilidade para o trabalho. Por isso é tão importante que a equipe compreenda a essência do Projeto e se aproprie da metodologia da Vocação para o Desenvolvimento Integral. A devolutiva de gestores e famílias durante o processo demonstra que os participantes estão atentos à performance dos profissionais envolvidos e que isso interfere na forma como vivenciam as atividades:

Nossa, nem parece que essa equipe é nova.

Parece uma equipe que trabalha junto há muito tempo.

Vocês têm um tempo certo, não se interrompem...

Dá para ver que todos já têm uma prática voltada a essa área.

Esses depoimentos revelam que a equipe é observada e avaliada. Percebe-se claramente o quanto é possível impactar positiva ou negativamente as atividades, a depender do alinhamento que a equipe possui. No *Projeto Famílias e Comunidade em Rede* a equipe tem tido êxito, e as famílias demonstram valorizar muito as práticas exercitadas em grupo, as oportunidades de troca, as rodas de conversa ou mesmo a divisão de tarefas conforme as capacidades de cada um.

(...) aqui só melhora, igual esse negócio da gente conversar, isto é ótimo, desabafa e ajuda, ajuda em tudo! Isso é muito bom.

Participante de atividades de dança, 57 anos.

Se não fosse esse exercício, esse pessoal que a gente conhece, esse Projeto, talvez eu estivesse numa cama [devido à depressão].

Participante em atividade de dança, 38 anos.

Em casa tem a televisão que passa tudo isso, aulas de dança, movimentos, mas sem os incentivadores, os professores, não fica legal.

Participante que frequenta as atividades com a irmã.

Depoimentos como esses aumentam a responsabilidade da Vocação em garantir uma equipe capaz de envolver as famílias em ações coletivas, “dar ânimo, vida e pôr em movimento” os sujeitos em ações que valorizem a cultura, o território e seus ativos, criando e tecendo sentidos com a comunidade. Segundo depoimento de **Marialice Piacentini** e **Adelaide Fonseca**



Especialistas que atuam com a Abordagem Colaborativa do Projeto

O lazer comunitário conforme praticado pela equipe do Projeto Famílias e Comunidade em Rede contribui fortemente para tecer verdadeiras redes de colaboração. (...) visa articular os ativos, fomentando o compartilhamento de experiências, o aprendizado coletivo e a colaboração entre as Organizações da Sociedade Civil parceiras, fortalecendo desta forma os laços entre os membros e criando novas redes de colaboração duradouras.

É importante dizer que o lazer comunitário como campo de experiência não está sozinho. Ele acompanha os outros campos da Vocação, como participação, cultura, arte e sustentabilidade. E, em meio a tantas experiências, quebra mitos e muros entre as pessoas que compartilham vivências prazerosas e agradáveis, capazes de abrir novas janelas e oportunidades para suas vidas em família e em comunidade.

E você, como tem aproveitado seus momentos de lazer?

O nosso dia das crianças
 Não tem faixa etária certa
 Os adultos terão lembranças
 Das brincadeiras de passar anel
 Disputando a liderança
 Nos versos de dança de roda
 Se o cravo brigou com a rosa
 Se a Rosa fez a festança

E para todos os brincantes
 no final vão participar
 da roda de ciranda girando
 na nossa cultura popular
 cortando o “corta machado”
 para o Trivolim trivoliniar
 desta gente brasileira
 que passa a vida inteira
 como crianças a brincar.

Trecho de “Folguedos Populares Infantis” de **Eliezer Teixeira**.



A Trivolim Cia. de Expressões Populares é onde Eliezer atua, multiplicando saberes a jovens da periferia de São Paulo, transformando desafios em espetáculos de dança, música e teatro. Cantador e pesquisador, Eliezer Teixeira participou de evento comunitário com a GURI e presenteou o Projeto com seu livro *Páginas Foliadas* (2010).



AFROMAX
Música Completa!



Famílias e Comunidades em Rede
FOTO Equipe Lazer Comunitário



Família e Proteção. Evento
Comunitário - ACAM
FOTO A Banca

Posfácio

Marcelo Gallo*

Primeiramente, gostaria de agradecer a honra de poder ler esta publicação e escrever este posfácio. Quero agradecer imensamente o privilégio de participar da discussão de uma temática tão cara para o trabalho social: a dimensão socioeducativa.

Escrevendo numa perspectiva histórica, que busca recuperar como o conceito vem sendo construído e como ele tem de ser considerado, diante das múltiplas concepções que hoje vêm sendo chamadas de socioeducativas, me chamou a atenção nesta leitura a conversa caseira, de uma dimensão mais íntima e privada, que aparece logo no início do livro, quando se começa a falar sobre lazer. Essa conversa aponta para o que é vivido pelas famílias em seu cotidiano sem intervenção externa. E, a partir do momento que um agente externo que é denominado “educador” faz um processo participativo de reflexão sobre a importância dessas ocasiões de lazer com a família, de distração, brincadeira, essa ação entra numa perspectiva socioeducativa.

É perceptível que esse trabalho pode ser considerado um processo de fortalecimento de vínculos e da capacidade protetiva das famílias; e tem ligação direta com o que estabelece a proteção social básica e especial – com maior força na básica –, que incorporam o PAIF (Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família) e o SCFV (Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos). Durante a leitura, foi impossível não associar a experiência descrita ao que se vê na sociedade atualmente. Ao folhear o material, percebe-se a amplitude da proposta que, aportando-se no campo de práticas da Assistência Social, permite um olhar sobre o que vem sendo feito nos serviços socioassistenciais.

A meu ver, a lógica do capital imprime uma perspectiva individualista e competitiva à vida e às relações sociais; isso acaba por se efetivar em diferentes campos da vida humana e, como não poderia deixar de ser, tem seu rebatimento nas atividades programadas pelos serviços da rede socioassistencial.

É importante destacar a dimensão socioeducativa das atividades e entender o contexto histórico em que se dá o debate sobre o “socioeducativo” na conjuntura de construção e efetivação do Estatuto da Criança e do Adolescente, mais precisamente quando pensado, por exemplo, o sistema de medidas socioeducativas de restrição de liberdade e de liberdade assistida. Numa lógica de construir espaços de reflexão sobre o cotidiano vivido por jovens que cometeram algum ato infracional, a proposta socioeducativa aponta caminhos possíveis para um diálogo, muito próximo da perspectiva freiriana de intervenção. Aqui, ainda me

***Marcelo Gallo** é docente há 26 anos, licenciado em Matemática, Pedagogia e, posteriormente, graduado em Serviço Social, fez mestrado, doutorado e pós-doutorado nessa área. Atualmente, é professor na UNESP nos cursos de Serviço Social e Relações Internacionais. Atua também como professor no programa de pós-graduação em Serviço Social da UFPB de João Pessoa, na Paraíba, e é pesquisador da Escola Francesa de Sociologia E’HESS, onde estuda a juventude refugiada.

refiro à construção histórica da temática, da qual essa experiência sistematizada se apropria para construir suas atividades e mostrar ao leitor a riqueza que é trabalhar e refletir sobre o lazer, entendendo isso como uma grande vitória para aqueles que um dia foram perseguidos e criminalizados por tentar abrir esse debate. Após muita luta e resistência, hoje é possível tratar dessa temática livremente: o direito ao lazer. Mas sempre é importante resgatar e destacar o seguinte aspecto sobre o termo “socioeducativo”: quando uma atividade proposta e refletida por educadores e usuários dos Serviços, sejam eles quais forem, é feita de maneira dialogada e não impositiva, ela pode ser considerada uma atividade socioeducativa. E a meu ver o lazer comunitário é uma delas.

É importante recuperar a trajetória histórica, que trouxe a transformação da forma de ver e tratar as famílias numa perspectiva intergeracional na qual crianças, adolescentes e jovens são sujeitos de direitos. Ler uma publicação que trata também o lazer como um direito social, desperta em mim a lembrança da luta dos movimentos sociais em favor da criança e do adolescente, e do papel dos trabalhadores da Assistência Social, que contribuíram para que isso fosse possível. Apesar dessas conquistas, mesmo assim, experiências tão positivas como a do lazer comunitário ainda hoje são raras, ou melhor dizendo, raríssimas exceções.

A pedagogia pensada pelo grande Paulo Freire, que é quem faz provocações e coloca uma nova perspectiva de construção pedagógica – que prima por uma educação libertadora numa construção de autonomia e emancipação – ajuda a refletir sobre essas transformações, pois pressupõe uma nova forma de pensar os processos e os sujeitos. O que antes era imperativo de uma educação tradicional, que visava para a classe trabalhadora uma educação apenas centrada no mundo do trabalho, já não tem (ou não deveria ter) mais lugar.

No entanto, se analisarmos todos os documentos que direcionam o trabalho social com famílias no âmbito da política de assistência social, o “socioeducativo” aparece de diferentes maneiras, mas ainda prima pela discussão de que a porta de saída dessa política é a construção de processos emancipatórios ligados em geral exclusivamente à inclusão no mundo do trabalho – como se estar ocupado e remunerado fosse a tábua de salvação de todos e de todas.

A polêmica merece ser destacada e reforça a importância deste livro, que longe de propor atividades de inclusão de caráter produtivo, vem nos mostrar caminhos possíveis de reflexão e ação que passam pelo lúdico, pelo brincar, pelo usar o “tempo livre”. Nesse sentido, o lazer comunitário, como previsto no projeto aqui apresentado, atinge a intenção freiriana de construção pedagógica ao possibilitar espaços de reflexão sobre o cotidiano vivido por crianças, adolescentes, jovens e suas famílias, respeitando suas histórias e trajetórias, dando voz e vez a esses sujeitos.

Todo esse debate e histórico que carrego com minha vivência, permite pensar o lazer como algo muito importante para o desenvolvimento

biopsicossocial de crianças e adolescentes e de suas famílias numa perspectiva intergeracional, de troca de afetos, construção de vínculos e fortalecimento da capacidade protetiva das famílias – e quem sabe, a depender da abordagem, como algo capaz de estabelecer e fortalecer espaços de consciência dos sujeitos, pela afirmação da Dignidade Humana.

Pensar sobre as estratégias ora apresentadas nos faz refletir e nos colocar no lugar do outro; e ao nos colocar no lugar do outro, com a empatia que nos movimenta e nos aproxima desses sujeitos, estabeleceremos vínculos e tornamos possível que trabalhadores e trabalhadoras desses Serviços sejam identificados e identificadas, reconhecidos e reconhecidas na sua condição humana, como referência e contra a referência. Ainda aqui, reitero minha dica de que este material pode servir de base para quem está nos SCFV da Política de Assistência Social, desenvolvendo as ações do PAIF e PAEF.

Sem dúvida alguma, uma produção atual e necessária que precisa ser divulgada e difundida para dar visibilidade a uma construção metodológica que nos desafia e provoca a reflexão sobre nosso fazer profissional. A equipe da Vocação vem construindo processos que precisam ser difundidos pelo respeito para com os trabalhadores, trabalhadoras, usuários e usuárias dos Serviços.



Livro...

Insegurança

ansiedade*
difícil
fácil
legal - gosto
desafio
realização
medo*/alívio

Vergonha

Imaginação →



Referências bibliográficas

- AÇÃO COMUNITÁRIA. *Família: Participação Cidadã*. São Paulo: Ação Comunitária, 2014.
- _____. *Viver Comunidade! Lazer e fortalecimento comunitário*. São Paulo: Ação Comunitária, 2013.
- BLAZOLI-ALVES, Z. M. M. Pesquisando e intervindo com famílias de camadas sociais diversificadas. In: ALTHOFF, C. R.; ELSEN, I.; NITSCHKE, R. G. (Orgs.). *Pesquisando a família: olhares contemporâneos*. Florianópolis: Papa-Livro, 2004.
- BICHUETTI, J. L. *Gestão de pessoas não é com o RH!* Disponível em: <http://hbrbr.uol.com.br/gestao-de-pessoas-nao-e-com-o-rh/>. Acesso em: out. 2017.
- BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Rev. Bras. Educ.*, n. 19. Rio de Janeiro, 2002. p. 20-28.
- BRAMANTE, Antonio C. Lazer: concepções e significados. *Licere*, v. 1, n. 1. Belo Horizonte, 1998. p. 9-17.
- BRASIL. *Concepção de convivência e fortalecimento de vínculos*, Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2012. p. 19. Disponível em: http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/concepcao_fortalecimento_vinculos.pdf. Acesso em: nov. 2017.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: out. 2017.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil: atualizada e ampliada*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.
- BRASIL. *Política Nacional de Assistência Social*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2004.
- BRASIL. *Política Nacional de Educação Permanente do SUAS*. 1. ed. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2013. p. 27. Disponível em: http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/Politica-nacional-de-Educacao-permanente.pdf. Acesso em: nov. 2017.
- BRASIL. *Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009. Disponível em http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/tipificacao.pdf. Acesso em: nov. 2017.
- CAMARGO, Luiz. O. L. *O que é lazer*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- _____. *Educação para o lazer*. São Paulo: Moderna, 1998.
- CAMARGO, A. C. *Lazer: concepções e significados*. *Licere*, v. 1, n. 1. Belo Horizonte, 1998. p. 28-36.
- COSTA, A. C. *Aventura pedagógica: caminhos e descaminhos de uma ação educativa*. 2. ed. Belo Horizonte: Modus Faciendi, 2001.
- COUTO, G. D. R.; FERNANDES, A. *Os Direitos Sociais Básicos resguardados pela Constituição Federal Brasileira*. Disponível em: <https://donatogabriel.jusbrasil.com.br/artigos/421070406/>

- os-direitos-sociais-basicos-resguardados-pela-constituicao-federal-brasileira. Acesso em: jul. 2017.
- CURITIBA. *Modelo colaborativo: experiência e aprendizados do desenvolvimento comunitário em Curitiba*. Prefeitura Municipal de Curitiba, 2002.
- DESSEN, M. A. C.; COSTA Jr., A. L. *A ciência do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- DEWEY, John. *Experiência y Educación*. Buenos Aires: Losada, 1958.
- DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. Trad. Maria de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- _____. *Valores e conteúdos culturais do lazer*. São Paulo: Sesc, 1980.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GALLO, M. *SUAS e Desenvolvimento Integral*. Texto destinado à Oficina Nacional de Desenvolvimento Integral da Vocação, 2017.
- GETS *Grupo de Estudos do Terceiro Setor / United Way Centraide Canada*. Curitiba: Instituto Municipal de Administração Pública, 2002.
- GENOFRE, R. M. Família: uma leitura jurídica. In: CARVALHO, M. do C. B. (Org.) *A família contemporânea em debate*. São Paulo: Educ Cortez, 2000.
- GREEN, M., MOORE, H.; O'BRIEN, J. *When people care enough to act: ABCD in action; foreword by John McKnight; reflections by Dan Duncan [et al]*. Toronto, Canadá: Inclusion, 2006.
- GUIMARÃES, R.F.; ALMEIDA, S.C.G. Reflexões sobre o trabalho social com famílias. In: ACOSTA, A. R.; VITALE, M. A. S. (Orgs.) *Família: redes, laços e políticas públicas*. São Paulo: Cortez / IEE- PUC SP, 2005.
- HONSBERGER, J.; GEORGE, L. *Facilitando oficinas: da teoria à prática*. (Escrito para os Treinamentos de Capacitadores do Projeto Gets - United Way do Canadá.) Disponível em: http://www.iteco.be/IMG/pdf/Facilitando_oficinas.pdf. Acesso em: ago. 2017.
- KRETMANN, J. P.; MCKNIGHT, J. L. *Building communities from the inside out: a path toward finding and mobilizing a community's assets*. Evanston, Estados Unidos: Acta, 1993.
- LEIF, Joseph. *Tiempo Libre y tiempo para uno mismo um reto educativo y cultural*. Madrid: Narcea, 1992.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A Felicidade Paradoxal: Ensaios Sobre a Sociedade do Hiperconsumo*. Lisboa: Edições 70, 2007.
- LOPES, Marcelino de Souza. (Coord.) *Metodologias de investigação em animação sociocultural*. Chaves, Portugal: Intervenção / Associação para a Promoção e Divulgação Cultural, 2011.
- LOPES, Marcelino S; RODRIGUES, Tânia M. M; PEREIRA, José D. L. (Orgs.) *Animação sociocultural, gerontologia e educação intergeracional: estratégias e métodos para um envelhecimento ativo*. 1. ed. Chaves, Portugal: Intervenção, 2015.
- MAGNANI, José Guilherme C. *Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana*. São Paulo: Terceiro Nome, 2012. (Coleção Antropologia Hoje.)
- MARCELA, A. S. P. *O direito ao lazer: construção crítica do trabalho humano valorado segundo a (des) ordem econômica constitucional*. Marília: Unimar, 2015
- MARCELLINO, N. C. Lazer: concepções e significados. *Licere*, v. 1, n. 1. Belo Horizonte, 1998. p. 37-43.
- _____. (Org.) Apresentação. *Lazer e cultura*. Campinas: Alínea, 2007.

- _____. *Lazer e Educação*. 3. ed. Campinas: Papirus, 1995.
- _____. *Estudos do lazer: uma introdução*. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2002.
- MARTINEZ, Wladimir Novaes. *Noções de direito previdenciário*. São Paulo: LTR, 1997.
- MELO, V. A.; ALVES Jr., E. de D. *Introdução ao lazer*. 2. ed. Barueri: Manole, 2012.
- NASCIMENTO, Amauri M.; NASCIMENTO, Sandra M. *Iniciação ao direito do trabalho*. 40. ed. São Paulo: LTR, 2015.
- NÉSTOR, Canclini. *A Globalização Imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2007.
- NEUMANN, L. T. V.; NEUMANN, R. A. *Desenvolvimento comunitário baseado em talentos e recursos locais - ABCD*. São Paulo: Global / Instituto para o Desenvolvimento de Investimento Social, 2004.
- PEREIRA, J. D. L.; LOPES, M. de S.; MALTEZ, M. A. (Orgs.) *Animação sociocultural: turismo, patrimônio, cultura e desenvolvimento local*. Chaves, Portugal: Intervenção, 2014.
- _____; RODRIGUES, T. M. M. (Orgs.) *Animação sociocultural, gerontologia, educação intergeracional: estratégias e métodos de intervenção para um envelhecimento ativo*. Chaves, Portugal: Intervenção, 2015.
- PEREIRA, Marcela A. Semeghini. Direito ao lazer e legislação vigente no Brasil. *Revista Eletrônica do Curso de Direito*, v. 4, n.2. Santa Maria (RS) 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revistadireito/article/viewFile/7030/4248>. Acesso em: out. 2017.
- PRADO, D. *O que é família*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PRONOVOST, G. *Introdução à sociologia do lazer*. Trad. Marcelo Gomes. São Paulo: Editora Senac, 2011.
- RODRIGUES, T. M. M. Projetos de atividades intergeracionais e de educação intergeracional na freguesia de Ramalde. In: PEREIRA, J. D. L.; LOPES, M. de S.; RODRIGUES, T. M. M. (Orgs.) *Animação sociocultural, gerontologia, educação intergeracional: estratégias e métodos de intervenção para um envelhecimento ativo*. Chaves, Portugal: Intervenção, 2015
- SÃO PAULO. *Normas Técnicas CCINTER*. Coordenadoria da Proteção Social Básica. Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/.../CCINTER_normatec.pdf. Acesso em: jul. 2017.
- SCHWARTZ, Gisele M. O conteúdo virtual do lazer: contemporizando Dumazedier. *Licere*, v. 6, n. 2. Belo Horizonte, 2013. p. 23-31.
- TORRES, Abigail Silvestre; AZEVEDO, Maria Julia. *Concepção de Convivência e Fortalecimento de Vínculos*. Brasília: MDS, 2013.
- TORO, J. B.; WERNECK, N. M. D. *Mobilização social: um modo de construir a democracia e a participação*. Unicef-Brasil, 1996.
- VENTOSA, V. *Métodos activos y técnicas de participación: para educadores y formadores*. Madrid: CCS, 2012.
- _____. *Perfiles y modelos de animación y tiempo libre*. Madrid: CCS, 2008.
- _____. *Didáctica de la participación: teoría, metodología y práctica*. Madrid: Narcea, 2016
- VOCAÇÃO. *Construindo Vínculos Comunitários*. São Paulo: Vocação, 2015.
- VOCAÇÃO. *Fortalecendo Projetos de Vida*. São Paulo: Vocação, 2015.
- VOCAÇÃO. *O Desenvolvimento Integral e os caminhos da Educação Permanente: fortalecendo o SUAS nos territórios*. Org. Milton Alves Santos. São Paulo: Ação Comunitária do Brasil (Vocação), 2017.



Impresso em São Paulo.
Miolo em papel offset 120g. Utilizando a família de fontes Gotham.

